

Patrícia Martins Neves Crochet

O PAPEL DO ESTEREÓTIPO NA CONSTITUIÇÃO DO GÊNERO PIADA:

uma abordagem sociocognitiva

Juiz de Fora

2007

Patrícia Martins Neves Crochet

**O PAPEL DO ESTEREÓTIPO NA CONSTITUIÇÃO DO GÊNERO PIADA:
uma abordagem sociocognitiva**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, área de concentração Lingüística Sociocognitiva, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Prof^a Dr^a Neusa Salim Miranda

Juiz de Fora

2007

Patrícia Martins Neves Crochet

**O PAPEL DO ESTEREÓTIPO NA CONSTITUIÇÃO DO GÊNERO PIADA:
uma abordagem sociocognitiva**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, área de concentração Lingüística Sociocognitiva, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras e aprovada pela seguinte banca examinadora:

Prof^ª Dr^ª Neusa Salim Miranda (Orientadora)
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof Dr Luiz Fernando Matos Rocha
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof^ª Dr^ª Geisa Silva
Universidade de Três Corações

Juiz de Fora

22/01/2007

Às gargalhadas entre amigos

Às risadas em família

Aos sorrisos com meu marido

Aos risinhos pelo filho

E tudo isto, sem uma só piada...

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente, e em primeiro lugar, a Deus que renova, a cada dia, minhas forças e é o responsável por todas as maravilhas que acontecem em minha vida.

Agradeço a Prof^a Dr^a Neusa Salim Miranda, orientadora, por seu generoso acompanhamento e por sua paciência com minhas intempéries.

Agradeço aos professores do curso de mestrado que, das formas mais diversificadas, contribuíram teoricamente para as reflexões que aqui se encontram.

Agradeço a cada colega do curso, pelos momentos de festa, de estudo, de trocas, de amizade, de compras, de lamentos, e pelos momentos de partilha das boas descobertas. De modo mais efetivo agradeço a Glauce pelas contribuições fundamentais.

Agradeço aos alunos do Programa de Iniciação Científica (BIC-UFJF) que contribuíram no levantamento de fontes e organização do banco de dados.

Agradeço aos colegas de trabalho de todas as escolas em que atuei pelo incentivo, pela torcida para que tudo desse certo e pelo apoio efetivo nas funções do magistério.

Agradeço aos amigos de sempre, aos amigos da vida, da igreja, dos grupos de engajamento, que sempre têm uma palavra certa para incentivar, ou colo amigo para acolher as dores, ou um bom vinho para celebrar as vitórias e os bons momentos. Agradeço, em especial, pelas rodas de piadas que contribuíram diretamente para este trabalho.

Agradeço a minha grande família, que foi gerada pela mescla da minha família original mais a família de meu marido: pai, mãe, sogra, sogro, irmãos, cunhados e cunhadas. Hoje, como estrutura emergente surge uma nova família, que agradeço de modo bastante carinhoso: Eduardo e Heitor muito obrigada!

“É uma obra egípcia do terceiro século de nossa era. Coerente com a obra que acompanha, mas menos perigosa. Ninguém daria ouvidos aos delírios de um alquimista africano. Atribui a criação do mundo ao riso divino. (...)‘Mal Deus acabou de rir nasceram sete deuses que governaram o mundo, mal desatou a rir apareceu a luz, na segunda risada apareceu a água, e no sétimo dia que ria apareceu a alma...’ Loucuras.”

O Nome da Rosa, de HUMBERTO ECO

RESUMO

Nosso estudo debruça-se sobre o processo de significação lingüística, pensado a partir da negação da Hipótese Forte da Composicionalidade e da afirmação da natureza dinâmica, projetiva e multidirecional dos modos sociocognitivos de significar. Mais precisamente, nossa agenda de trabalho objetiva descrever os processos metonímicos de constituição dos estereótipos sociais, focalizados como personagens no gênero textual ‘piada’ e verificar em que medida tais construções instituem um padrão prototípico na estrutura composicional desse gênero. Assumimos a perspectiva da Lingüística Cognitiva, nos termos de Lakoff, Johnson, Fauconnier, Turner (cf cap 2), que, conferindo um estatuto sociocognitivo aos estereótipos, os toma como modelos metonímicos, nos quais uma subcategoria tem um *status* reconhecido social e culturalmente como padrão para a categoria como um todo. Tendo recolhido um corpus significativo de piadas, encontramos tais personagens configurados como *frames* conceptuais entrincheirados e, valendo-nos da Teoria da Integração Conceptual, ou Mesclagem, verificamos o seu papel no processo de significação das piadas. Para tanto, retomamos os construtos teóricos do programa sociocognitivista quais sejam, os processos de conceptualização e categorização; a questão do poder projetivo da mente humana e da linguagem, referenciados a partir da Teoria Conceptual da Metáfora e, em especial, da Metonímia; a questão das Redes de Integração Conceptual ou Mesclagem, como fundamentação teórica para nossas hipóteses. Tomamos ainda, como recurso analítico, o Modelo Baseado no Uso, que visa à análise da freqüência de tipos que comparecem nas piadas e da freqüência de uso dos mesmos, relacionando tais dados, respectivamente, com a força de convencionalização e com a produtividade de cada construção estereotipada. O resultado de nossas análises representa uma evidência em favor das teses sociocognitivas da linguagem no que respeita ao princípio da relevância de toda forma de experiência humana (física, social, cultural, interacional) na constituição do pensamento e da linguagem.

PALAVRAS-CHAVE: Significação. Sociocognição. Estereótipo. Metonímia. Piada

ABSTRACT

Our study lies over the process of linguistic signification, thinking it on base of the negation of the Hypothesis of the Strong Compositionality and the affirmation of the dynamic projective and multidirectional nature of socio-cognitive ways of signification. More precisely, our work agenda objectives to describe the metonymic processes of constitution of social stereotypes, focused as characters on the textual gender “joke” and verify in which measure those constructions institute a prototype pattern on the compositional structure of that gender. We assume the perspective of the Cognitive Linguistic, on the terms of Lakoff, Johnson, Fauconnier, Turner (cf cap 2), that, giving a cognitive status to the stereotypes, take them as metonymic models, on which a subcategory has a status social and culturally recognized as a pattern for the category as a whole. Having collected a significant corpus of jokes, we found those characters configured as entrenched conceptual frames and, making use of the theory of the conceptual Integration, or Blending, we verified its role on the process of joke signification. For that, we retake the theoretical constructs of the socio-cognitive program which are, the processes of conceptualization and categorization, the projective power of the human mind and of the language, referenced from the Conceptual Theory of the Metaphor and, in special, of Metonymy, and the Conceptual Integration Networks or Blending, as theorist foundation for our hypotheses. Still taking, as analytic resource, the Model Based on Use, that aims the analyses of the frequency of types that appear on jokes and the frequency of use of them, relating those data, respectively, with the strength of conventionalization and productivity of each stereotyped construction. The results of our analyses represents an evidence favoring the socio-cognitive theses of language on the concern to the principle of relevance of all kind of human experience (physical, social, cultural, international) on the constitution of thinking and language.

KEY WORDS: Signification. Socio-cognition. Stereotype. Metonymy. Jokes.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO -----	10
2 FUNDAMENTOS TEÓRICOS DA LINGUISTICA COGNITIVA -----	15
2.1 A questão do significado e a metáfora do conduto -----	16
2.2 O Império do significante -----	20
2.3 Por uma Semântica Cognitiva -----	23
2.3.1 O 1º Cognitivismo: a Teoria da Gramática Gerativa -----	24
2.3.2 A dissidência e o nascimento da Semântica Cognitiva-----	25
2.3.3 As premissas básicas da Lingüística Cognitiva -----	28
a) A insuficiência do significante ou “O mapa não é o território”-----	-----29
b) A continuidade essencial entre as semioses -----	29
c) O drama da interação ou “A linguagem como ação conjunta”-----	30
2.3.4 Concepção e categorização dentro de um prisma Cognitivista-----	31
2.3.5 Metáfora e metonímia: uma abordagem cognitiva-----	37
2.3.5.1 A Teoria Conceptual da Metáfora -----	38
2.3.5.2 Contribuições relevantes à teoria conceptual da metáfora e da metonímia-----	43
2.3.5.3 A metonímia em foco-----	46
2.3.6 As redes de Integração Conceptual e a Mesclagem-----	50
2.3.7 A contribuição da teoria da mesclagem à teoria da metáfora e da metonímia -----	57
2.4 Considerações finais -----	58
3 O ESTATUTO SÓCIOCOGNITIVO DO ESTEREÓTIPO E DA PIADA -----	59
3.1 O mesmo objeto por outras visadas e suas contribuições -----	60
3.1.1 A origem da comédia segundo Aristóteles-----	60
3.1.2 Será que Freud explica, até piada?-----	64
3.1.3 Estudos lingüísticos da piada no Brasil-----	68

3.1.4 Estereótipo no senso comum e na academia-----	69
3.2 Identidade-----	71
3.2.1 A identidade como uma relação vital-----	71
3.2.2 A Identidade e o Caráter-----	77
3.3 O estereótipo como modelo metonímico-----	81
3.4 A Mente Literária-----	84
3.4.1 O estatuto cognitivo da narrativa-----	84
3.4.2 Continuo investigativo da agenda da Hipótese Sociocognitiva da Linguagem-----	87
3.5 Considerações Finais-----	90
4 O PAPEL DO ESTEREÓTIPO NA CONSTITUIÇÃO DO GÊNERO “PIADA”-----	92
4.1 Metodologia-----	93
4.2 Os estereótipos como padrões construcionais no gênero “piada” -----	94
4.2.1 Os <i>frames</i> conceituais dos estereótipos-----	95
a) <i>Frame</i> do Português-----	96
b) <i>Frame</i> da Loira -----	97
c) <i>Frame</i> do Bêbado-----	98
4.2.2 Constituição metonímica dos estereótipos-----	99
4.2.3 A relação entre <i>frames</i> interacionais e a estabilidade do estereótipo nas piadas -----	101
4.3 Convencionalização e produtividade dos estereótipos nas piadas– Modelo de Uso-----	108
4.4 O processo cognitivo de mesclagem na constituição da piada-----	113
4.5 A natureza histórica e antropológica dos estereótipos -----	121
4.6 À guisa de conclusão -----	131
5 CONCLUSÃO-----	134
BIBLIOGRAFIA-----	139
APÊNDICE 1 - Outros estereótipos como padrões construcionais do gênero piada-----	145

1 INTRODUÇÃO

O ser humano é único dentre os seres da natureza por uma série inestimável de razões, e o fato de ser capaz de rir é uma delas. Existem, obviamente, maneiras próprias do homem de realizar, de forma mais prodigiosa talvez, atos e atividades que outros animais também são capazes. As ciências humanas cuidam de investigar isto. E as ciências da linguagem, idem.

A presente introdução visa, principalmente, apresentar a estrutura do texto em mãos, como guia de leitura e entendimento, entretanto, serve-nos ainda de justificativa do porquê de se estudarem piadas para se conhecer a natureza da linguagem, para se investigar os modos do homem conhecer e dar significação ao mundo. Ora, a despeito do que afirmam os ranzinzas, o riso não é, definitivamente, irracional. Embora, como veremos, não seja tampouco “racional”, numa acepção mais estreita do termo. Como fruto da experiência, da imaginação, da razão, tal gênero se constitui, sem dúvida, como uma fonte rica de fenômenos merecedores da atenção dos estudiosos da linguagem. Tais micro-narrativas, como um gênero textual marcadamente presente em nossa cultura, expressam, de formas múltiplas e variadas, a maneira do ser humano se comportar, se relacionar, de enxergar a si e aos outros, bem como de jogar com sua imaginação e sua cognição.

O presente estudo, partindo de um *corpus* de piadas, tem como foco as personagens que desencadeiam a ação nessas narrativas e averigua o seu aspecto estereotipado, para, então, investigar o papel que desempenham na estrutura composicional do gênero específico que a piada encerra. A linha de pesquisa de Lingüística e Cognição, na qual se insere este trabalho, dentro do Programa de Pós-Graduação em Letras-UFJF, busca compreender como linguagem e pensamento se articulam para configurar o surpreendente do homem que é a sua cognição,

com a qual se destacou, conheceu, construiu, dominou, criou culturas e crenças, mas também, se divertiu até.

A obra da qual emprestamos algumas linhas como epígrafe, *O Nome da Rosa* do italiano Umberto Eco é genial em todos os aspectos literários, até mesmo o editorial. De fato, uma história ambientada num mosteiro do século XIV, repleta de referências, autores e citações, em diferentes línguas, não a impediu de se tornar um best-seller na década de 80. A trama gira em torno de um sábio franciscano inglês Guilherme de Baskerville, que ajudado pelo seu discípulo, o jovem Adso, tenta desvendar os assassinatos que vêm ocorrendo numa abadia. Sua investigação o leva a um misterioso livro, cuja leitura era muito perigosa para toda a cristandade.

O trecho destacado refere-se a um texto que acompanharia este livro e tem sentido, como epígrafe, por revelar um mundo criado pelo riso divino e portanto, um homem que, imagem e semelhança deste Deus, é por concepção um ser que ri. Premissa de toda nossa investigação.

Já a misteriosa obra seria o segundo livro da *Poética* de Aristóteles, do qual não restou cópia alguma ou que, talvez, nem tenha sido escrito, mas que é aludido no primeiro livro. Enquanto este se refere à tragédia, aquele deveria tratar da comédia. As contribuições do filósofo antigo acerca deste tema ainda serão tratadas neste estudo, por ora, nos cumpre comentar o que se desprende da literatura para nossa análise acerca da piada.

Humberto Eco é um especialista em Idade Média e sabe, portanto, o impacto que as obras de Aristóteles causaram sobre toda a teologia, no período mais conturbado do domínio da Igreja Católica sobre os povos da Europa. Para compor a envolvente narrativa de *O Nome da Rosa*, ele imaginou o que poderia conter o segundo livro da *Poética* de Aristóteles e o “transcreveu” para a página de sua obra:

No primeiro livro tratamos da tragédia e de como ela suscitando piedade e medo produz a purificação dos sentimentos. Como tínhamos prometido, tratamos agora da comédia

(ainda mais da sátira e do mimo) e de como suscitando o prazer do ridículo ela chegue à purificação de tal paixão; quanto tal paixão seja digna de consideração já o dissemos no livro sobre a alma, enquanto – único dentre os animais – o homem é capaz de rir. Definiremos portanto de que tipo de ações é mimesis a comédia, em seguida examinaremos os modos como a comédia suscita o riso, e esses modos são os fatos e o elóquio. Mostraremos como o ridículo dos fatos nasce da assimilação do melhor ao pior e vice-versa, do surpreender enganando, do impossível e da violação das leis da natureza, do irrelevante e do inconseqüente, do rebaixamento das personagens, do uso de pantomimas bufonescas e vulgares, da desarmonia, da escolha das coisas menos dignas. Mostraremos por conseguinte como o ridículo do elóquio nasce dos equívocos entre palavras semelhantes para coisas diferentes e diferentes para coisas semelhantes, da loquacidade e da repetição, dos jogos de palavras, dos diminutivos, dos erros de pronúncia e dos barbarismos. (ECO, 1986, p. 526)

Mais adiante, sua personagem principal, dizendo como descobriu que o livro misterioso se tratava desta obra, afirma acerca do conhecimento que ela encerra:

Poderia te contar quase tudo, sem ler as páginas que me envenenariam. A comédia nasce nas komai, ou seja, vilarejos dos camponeses, como celebração jocosa após um banquete ou uma festa. Não narra de homens famosos e poderosos, mas de seres vis e ridículos, não malvados, e não termina com a morte dos protagonistas. Atinge o efeito de ridículo mostrando homens comuns, defeitos e vícios. Aqui Aristóteles vê a disposição ao riso como força boa, que pode mesmo ter um valor cognoscitivo, quando através de enigmas argutos e metáforas inesperadas, mesmo dizendo-nos as coisas ao contrário daquilo que são, como se mentisse, de fato nos obriga a reparar melhor, e nos faz dizer, eis, as coisas estavam justamente assim, e eu não sabia. A verdade atingida através da representação dos homens e do mundo, piores do que são ou do que acreditamos; piores em todo caso do que os poemas heróicos, as tragédias, as vidas dos santos nos mostraram. É assim? (ECO, 1986, p. 530)

Tivesse realmente sido escrito ou se não tivesse se perdido, este completo manual acerca do cômico e do riso seria leitura obrigatória de todos que se propõem à investigação desse tema. Como veremos ao longo de nossas análises, muitos de nossos pressupostos e hipóteses já estão contidos nestas linhas, ainda que não encarados desde a perspectiva da Linguística Cognitiva, nosso paradigma teórico-analítico principal.

A periculosidade da suposta obra de Aristóteles, segundo seu arguto guardião, reside , primeiro, no fato de ser uma obra sobre o humor, escrita por ele, que tanto “transtorno” já causava à Igreja de seu tempo, mas, sobretudo, porque nela o riso deixava de ser “a fraqueza, a corrupção, a insipidez de nossa carne”, “coisa vil”, e tinha “a sua função invertida, elevada à arte, abrem-se-lhe as portas do mundo dos doutos. Faz-se dele objeto de filosofia, e de pérfida teologia...” (ECO, 1986: 532).

Ora, guardadas as proporções, ao selecionarmos como fonte de pesquisa um *corpus* de piadas e os estereótipos que trazem essas narrativas, também nós buscamos, na esteira de outros grandes pesquisadores que nos inspiraram, em distintas áreas de conhecimento, “abrir-lhes as portas do mundo dos doutos”, com intuito de demonstrar seu potencial como uma chave para compreensão do ser humano e, mais especificamente, do principal instrumento de sua cognição, qual seja, a linguagem

Para tanto, nosso esforço acadêmico, segue os passos consagrados de revisitar os teóricos da área que possam dar sustentação às nossas hipóteses, bem como emprestar-nos chaves de compreensão do objeto, e de dialogar com as outras áreas de conhecimento, retirando delas também contribuições, para enfim, nos lançar a ventura de analisar nossas inquietações com as ferramentas de que nos dispusemos até torná-las prováveis certezas que possam contribuir para o conhecimento.

Assim, num primeiro momento (Capítulo 2), vamos refazer o percurso teórico que permitiu a constituição da Lingüística Cognitiva como um paradigma teórico próprio, a partir da dissidência dos estudos formalistas, de vertente gerativista, bem como, através da fixação de suas premissas básicas . Com isto, demarcado o território e apresentados os precursores da abordagem a qual nos filiamos (Lakoff, Fauconnier e Turner), selecionamos os construtos teóricos que nos servem como recurso para reflexão de questões semânticas cruciais a nossa análise, tais como: os processos de conceptualização e categorização; o poder projetivo da mente humana e da linguagem, referenciados a partir da Teoria Conceptual da Metáfora e, em especial, da Metonímia, e a Teoria das Redes de Integração Conceptual ou Mesclagem.

No capítulo seguinte, após uma breve referência a outras disciplinas que se dedicam ao estudo do humor e um apanhado de contribuições que nos auxiliam na interpretação, apresentamos os estudos do programa sociogonitivista que tiveram papel fundamental para apreensão e análise de nosso objeto de pesquisa. Tais trabalhos se referem às pesquisas de

Fauconnier e Turner (2002) sobre a identidade e o caráter, enquanto construções sociocognitivas; os estudos de Lakoff (1987), acerca do estatuto cognitivo do estereótipo; e os de Turner (1996) que defendem a tese da mente literária.

Dedicamos o Capítulo 4 à análise de nosso *corpus*, tendo por objetivo verificar como as personagens que desencadeiam a ação na micro-narrativa da piada se constituem estereotipicamente, de que maneira assumem um caráter prototípico na constituição do gênero textual das piadas e de que forma eles contribuem para o efeito por ela desejado, isto é, o de fazer rir. Para tanto, nos valem, além das ferramentas analíticas apresentadas anteriormente, do Modelo Baseado no Uso (BYBEE, apud CROFT, 2004).

A conclusão retoma todo nosso estudo, a fim de fixar os ganhos analíticos e as contribuições ao debate teórico. O apêndice reúne dados da análise que o texto não comportava.

2 FUNDAMENTOS TEÓRICOS DA LINGUISTICA COGNITIVA

Oh ! que ce monde-ci serait une bonne comédie si l'on n'y faisait pas un rôle.
Denis Diderot

*Ceux qui redoutent la blague n'ont pas grande confiance dans leur force. Ce sont des
Hercules qui craignent les chatouilles.*
Paul Valéry

A questão central, norteadora do presente estudo, conforme já afirmamos, é o processo de significação lingüística, pensado a partir da negação da Hipótese Forte da Composicionalidade e da afirmação da natureza dinâmica, projetiva e multidirecional dos modos sociocognitivos de significar. Mais precisamente, nossa agenda de trabalho se fixa nos processos de integração conceptual presentes na constituição dos estereótipos sociais, focalizados a partir de sua contribuição à constituição do gênero piada.

A partir da delimitação de nosso objeto, o presente capítulo busca apresentar os principais construtos teóricos do programa sociocognitivista que nos servirão de âncora analítica. Para tanto, partimos da consideração de uma pré-teoria do significado e de sua coincidente afirmação no domínio dos modelos teóricos semânticos formalistas (seção 2.1). Em seguida, contrapomos os axiomas formalistas às teses centrais da Semântica Cognitiva (seção 2.2). As demais seções deste capítulo apresentam o trato sociocognitivo conferido a questões semânticas cruciais a nossa análise, tais como: a) os processos de conceptualização e categorização (seção 2.3.4); b) a questão do poder projetivo da mente humana e da linguagem, referenciados a partir da Teoria Conceptual da Metáfora e, em especial, da Metonímia (seção 2.3.5); c) a questão das Redes de Integração Conceptual ou Mesclagem (seção 2.3.6).

2.1 A questão do significado e a metáfora do conduto

A questão do significado antecede em muito o interesse teórico neste campo. É no senso comum que uma pré-teoria do significado se manifesta de forma expressiva e de modo bastante claro, como veremos nesta seção, e acaba por influenciar uma das teorias do significado mais marcantes no Ocidente, identificada pela “Metáfora do Conduto”. Os exemplos cotidianos dessa pré-teoria estão presentes nas mais diversas áreas da interação, e aparecem nas dificuldades de comunicação, em cenas de brigas, de debates... Nestes casos, a crença do enunciador é a de que existe um significado *real* e de que este significado “está com ele” e que seu interlocutor desconhece este significado, ou não o compreende, ou ainda não detém controle sobre ele, mesmo depois de enunciado. As expressões abaixo revelam esse modo de pensar apresentando o descontentamento de *não se fazer entender*:

*Você está distorcendo as minhas palavras.
Você não sabe o significado disso.
Você está colocando palavras na minha boca.*

Por outro lado, o enunciador, ante sua própria dificuldade de expressão, manifesta a crença de que as palavras transportam ou embalam o pensamento:

*Não consigo transmitir meus pensamentos.
As palavras não saem.
Não foi isso o que eu disse.
Tô bloqueado!*

A comunicação bem sucedida também traduz uma concepção do sentido:

*Como ele sabe por as idéias no papel.
Como as idéias jorram do seu cérebro.
Que facilidade para passar idéias.*

Do anonimato surgem os jogos lingüísticos, que revelam a atenção que o significado reivindica em nosso cotidiano. Como exemplo, citamos os jogos de resegmentação e de resignificação da fala a seguir:

Armarinho: vento proveniente do mar
Biscoito: fazer sexo duas vezes
Cálice: ordem para ficar calado
Diabetes: as dançarinas do diabo
Expedidor: mendigo que mudou de classe social (Ilari 2002)

A produção de tais jogos se manifesta tanto de maneira corriqueira, natural e espontânea em nossas conversas diárias, quanto de forma trabalhada e exaustiva, no caso dos profissionais da escrita, como se fosse uma necessidade humana brincar ou manipular a significação na comunicação. Nas palavras de Carlos Drummond de Andrade:

*“Lutar com palavras
 é a luta mais vã.
 Entanto lutamos
 Mal rompe a manhã.
 (...)
 Lutar com palavras
 parece sem fruto.
 Não têm carne e sangue...
 Entretanto, luto.”*

Também a fertilidade das produções infantis, durante o processo de aquisição da linguagem é uma mostra da relevância de nossos processos reflexivos sobre a significação. Em muitas situações, a criança “vacila” ou revela sua capacidade criativa ante as múltiplas possibilidades de inferência, elaborando segmentações não-usuais, interpretando literalmente uma expressão formulaica, esbarrando com a polissemia, com a homonímia, com os processos de referência, ou mesmo com o desconhecimento de um significado, como ilustram os exemplos abaixo:

(Durante a gravação, criança procura a tomada)
Cr. Cadê o dá-choque? (Fonte: FIGUEIRA, 1997)

(Mãe nervosa grita com a criança)
 - *Você me faz perder o controle.*
(A criança sai da sala e volta com o controle remoto da TV)
 - *Não, mãe. Olha ele aqui!* (Exemplo colhido em situação real de interação)

Eu sou feminino ou masculino? (Exemplo colhido em situação real de interação na qual uma criança se vê diante das inscrições de um banheiro público)

Os inusitados jogos lingüísticos, resultantes das falas das crianças são tão surpreendentes que desencadeiam o riso. Estamos, pois, diante de um fenômeno epilingüístico, ou seja, diante da capacidade prática de reflexão da criança acerca da língua que está aprendendo, diante de sujeitos ativos e “encarnados” que produzem novos itens lexicais ou novos significados para atenderem às exigências comunicativas. Mas nem sempre os estudos lingüísticos se preocuparam, efetivamente, com esse sujeito que produz, pratica, vive a linguagem.

Este conhecimento intuitivo sobre os processos de significação e seus enigmas, ainda que se constituindo como um amplo manancial investigativo, não mereceu ainda, ao longo da história dos estudos do significado, a atenção devida. Aliás, por ser ao mesmo tempo tão fértil e tão complexa, a questão do significado pode despertar, na mesma medida, um grande interesse e uma grande frustração analítica. Talvez seja por esta razão que a Lingüística praticada pelos estruturalistas e gerativistas tenha deixado à margem o estudo da Semântica. Evidente que não se trata de um silêncio absoluto acerca desta questão, pois encontramos, dentro dos limites propostos por estes arcabouços teóricos, iniciativas analíticas marcadas pelo formalismo, pela derivação algorítmica, pela arquitetura lógica dos sentidos, como a semântica de traços, a semântica formal, a semântica gerativa, dentre outros modelos.

Faltou (e falta ainda) ao investimento formalista na “intuição” do falante um ingrediente fundamental, qual seja, o reconhecimento da capacidade imaginativa e integradora do pensamento, da linguagem e da ação humana.

O fato é que tais teorias acerca do significado, revelam, em seu escopo e em graus diferentes de complexidade, uma profunda “coincidência” com as crenças manifestadas no que estamos chamando de pré-teoria. Trata-se de uma perspectiva epistemológica sobre o significado que, nos termos postos por Reddy ([1979] 2000), tem papel hegemônico no seio da teoria lingüística no Ocidente – a teoria da Metáfora do Conduto.

Para Reddy a “metáfora do conduto” supõe a linguagem como um canal que conduz o pensamento de uma pessoa para outra, por meio de palavras. Estas seriam elementos possuidores de uma parte interna e outra externa. Isto porque, se o significado pode ser inserido nas palavras, elas devem apresentar um espaço que acolha este significado.

Nos termos do autor, o “arcabouço principal” dessa teoria pode ser resumido nos seguintes axiomas:

(1) a linguagem funciona como um conduto, transferindo pensamentos corporeamente de uma pessoa para outra; (2) na fala e na escrita, as pessoas inserem nas palavras seus pensamentos e sentimentos; (3) as palavras realizam a transferência ao conter pensamentos e sentimentos e conduzi-los às outras pessoas; (4) ao ouvir e ler, as pessoas extraem das palavras os pensamentos e os sentimentos novamente. (REDDY, 2000: 12)

Os exemplos apresentados no início deste capítulo, entre eles alguns levantados por Reddy, comprovam, em nossa forma de falar, “o modo como pensamos que pensamos o pensamento e a linguagem”, parafraseando Fauconnier e Turner (2002).

O que se percebe é “uma afirmação figurada de que a linguagem transfere pensamentos e sentimentos humanos” nos sugerindo que “a comunicação humana alcança a transferência física” (REDDY, [1979]2000: 8). A expressão metafórica revela, então, que o bom falante é aquele que sabe transferir seus pensamentos e o mau falante precisa aprender a enviar, de maneira satisfatória, suas mensagens. Sendo assim, a tarefa do ouvinte se reduz a simplesmente extrair o significado do que é dito ou escrito.

Por trás dessa concepção epistemológica, está, por certo, em sua visão mais radical e simplista, um entendimento da realidade, do mundo como algo que existe de modo pré-organizado e independente de nós e uma visão da língua como um sistema de nomenclatura, que atribui a cada coisa um rótulo.

Em visadas menos simplistas, a perspectiva nomenclaturista da língua é rechaçada, mas permanece, na essência, a concepção do significado como “coisa”, como uma entidade representada por palavras. De fato, o projeto de ciência posto para a Lingüística de modo majoritário, no século XX, implicou uma busca de “rigor científico” que levou, de modo radical, ao privilégio da FORMA em detrimento do SIGNIFICADO. Quando abordado, sob o rigor dos axiomas formalistas, o significado se reduz a traços cambiáveis de modo bipolar (“ser o que o outro não é”), a estruturas lógicas mais ou menos “desencarnadas”.

Uma relação estável entre as palavras e o significado sinalizou a autonomia do significado, deixando-se de lado o jogo enunciativo e a flexibilidade, definidores dos processos de significação nesse jogo. É o que vamos considerar na próxima seção.

2.2 O império do significante

Ancorada na teoria da Metáfora do Conduto, a Lingüística, no correr do século XX, promoveu de forma radical, a separação entre forma e significado, dedicando à primeira a quase totalidade de seu foco teórico-analítico e reservando à segunda um tímido papel na história dessa ciência. Assim, as grandes teorias lingüísticas do século passado – estruturalismo e gerativismo – promoveram um progresso assimétrico da teoria lingüística avançando com a descrição e explicação da forma, do significante, em detrimento do significado.

O estruturalismo saussuriano, na primeira metade do século XX, promoveu a dicotomia do signo (significante/ significado) e, embora afirmando a indissolubilidade das duas faces do mesmo, dedicou ao significante seu empreendimento analítico. Do mesmo modo, frente à outra dicotomia postulada, *langue-parole*, elegeu a primeira, entendida como “sistema lingüístico”, que apresenta as regularidades e padrões de formação de uma língua, como objeto da Lingüística. Assim, tendo de um lado, a língua como produto social e, de outro, a fala como produção individual, Saussure afirmou a exterioridade da língua e a imposição de seus valores aos indivíduos.

Desta forma, inaugura a Lingüística como ciência, e também a primeira idealização da língua neste território, pensando-a como sistema de valores opositivos, negativos, exteriores e anteriores ao indivíduo. Eliminando o sujeito do jogo abstrato e ideal da linguagem, promoveu-se, assim, uma lingüística do “paradigma”, conseguindo-se avançar substancialmente no campo da palavra, com um método de comparação de formas em ausência. Nos mesmos termos do modelo de composição da forma em unidades menores (fonemas, fones, morfemas, morfes), o estruturalismo promoveu a decomposição do significado em semas, sememas.

O projeto analítico do estruturalismo americano aprofundou, de modo mais radical, o império do significante. Tomando o “sintagma” como objeto analítico privilegiado, as análises neste viés promoveram a sua decomposição formal, tornando a sintaxe o centro da gramática. O lugar periférico do significado neste programa é expresso de modo radical, pelo modelo comportamentalista, behaviorista de Bloomfield que, compreendendo a empreitada da linguagem como estímulo-resposta condicionada, coloca para fora do escopo da Lingüística, de modo absoluto, qualquer preocupação com o significado.

Ainda que se contrapondo, de modo contundente, ao projeto bloomfieldiano, e afirmando a interioridade da linguagem, o seu caráter mentalista, racionalista e inato, a

gramática gerativa, em todo o seu amplo e relevante projeto de meio século, vai reservar para o significado um espaço quase irrelevante. Ao contrário, sua empreitada principal será a FORMA vista a partir da perspectiva sintagmática imposta pelo estruturalismo americano e levada às últimas conseqüências através do sintatocentrismo gerativista.

Para Chomsky, o significado lógico, formal tem algum interesse, mas o seu falante/ouvinte ideal é de fato aquele que sabe “gramática”, o que, em outros termos, significa, essencialmente, saber sintaxe. Se há, pois, uma crítica a se fazer à gramática gerativa, em um balanço de seus 50 anos de existência, é o seu desprezo pelo significado. Deste modo, entendemos o abandono da significação e do uso como o grande pecado da tradição formalista da Lingüística do século XX.

A crença na suficiência e na autonomia do significante, herança da metáfora do conduto, fez com que a semântica sofresse, no século XX, uma grande atrofia, cabendo-lhe, assim, estatuto incerto nas teorias gerais da Lingüística e da linguagem. Em nome do rigor científico, a Lingüística, em grande parte de sua história, acabou, portanto, por negligenciar o “coração” da linguagem, a razão mesma de seu surgimento, qual seja, a promoção do significado, a interação entre homens.

É a partir destas novas questões que emerge a proposta de trabalho da Lingüística Cognitiva, qual seja, investigar os modos de processamento da significação e a promoção da interação. Nossa análise focalizará tais reflexões a partir do estudo da semântica, destacando a questão da **integração do significados** que abordaremos juntamente com o **problema da composicionalidade** (seção 2.3.2) e a qual retornaremos quando apresentarmos o **processo cognitivo da mesclagem** (seção 2.3.6). Além destas questões, discutiremos também, o caráter figurativo da linguagem, e a redescoberta dos estudos da **metáfora e metonímia** (seção 2.3.5) como instrumentos constitutivos de nossos processamentos cognitivos.

A discussão sobre tais questões terá como escopo teórico, conforme já anunciamos, a Semântica Cognitiva, para a qual passamos a dirigir nosso empenho argumentativo na próxima seção.

2.3 Por uma Semântica Cognitiva

O título desta seção sugere uma demarcação de território. “Por uma semântica Cognitiva” significa afirmar, em primeiro lugar, que estamos assumindo uma base **conceptual, cognitiva** do significado e que, embora postulando o **uso** como constitutivo do processo de significação, não atribuímos a ele todo o protagonismo nesse processo.

Para compreender melhor esta afirmação primeira, é preciso ter em mente os cenários contemporâneos de discussão da questão do significado onde se alternam posições mentalistas, comportamentalistas e pragmáticas, em dimensões mais ou menos radicais. O que estamos, pois, a afirmar é que a Semântica Cognitiva, tendo um de seus pilares no jogo da linguagem, não se dilui nele; se o fizesse, estaria mesmo condenada a dissolver-se como campo científico. Não há lugar para uma semântica, onde a pragmática se impõe de modo radical. Estaríamos, assim, invertendo o lado da moeda; rechaçando uma semântica formal, encapsulada na mente ou na exterioridade, de onde o uso estaria excluído, para uma pragmática, onde as bases estáveis da cognição humana não encontram espaço.

Afastados dessa proposta, apostamos na continuidade essencial entre Semântica e Pragmática. Isto posto, cabe-nos anunciar os princípios nucleadores da Semântica Cognitiva, ou melhor, da Lingüística Cognitiva, como é mais comumente nomeado este paradigma investigativo. Um ligeiro percurso feito pelos antecessores e precursores deste modelo de cognitivismo antecede esta tarefa.

2.3.1 O primeiro cognitivismo: a Teoria da Gramática Gerativa

Avram Noam Chomsky pode ser considerado um divisor de águas para os estudos lingüísticos, devido a sua inegável contribuição a esse campo. Com sua Gramática Gerativa, substituiu a linearidade do Estruturalismo pela hierarquia dos diagramas em árvores, lançando mão do raciocínio matemático e de critérios algorítmicos na postulação de princípios de previsibilidade para os processos gerativos.

Dentro de um breve recorte de interesse para o presente estudo, cabe relevar o redirecionamento das pesquisas em linguagem promovido por esse paradigma teórico, ao propor uma nova ordem de questionamentos cognitivos: “Como adquirimos linguagem?” “Qual o poder gerativo da gramática?” Como podemos gerar infinitas sentenças a partir de um conjunto finito de regras?” “O que há de universal neste conhecimento?”

O primeiro questionamento, sobre a aquisição de língua, está relacionado ao “Argumento da pobreza de estímulos”. Tal argumento defende a idéia de que a criança adquire uma primeira língua mesmo ouvindo poucas ou isoladas sentenças e, a partir disto, consegue elaborar enunciados novos, que ainda não havia ouvido antes. Já o questionamento sobre o poder gerativo da gramática refere-se ao “Problema lógico da aquisição da linguagem” e, de certa forma, responde a primeira pergunta, pois afirma que crianças, adquirindo a primeira língua, podem, a partir de um conjunto finito, produzir ou gerar usos infinitos, uma vez que a linguagem é analisável em estruturas elementares, que são por sua vez recombináveis, sendo a criatividade vista como mera capacidade de gerar algoritmicamente novos enunciados.

Seus novos questionamentos trazem à baila a preocupação com a cognição humana. De acordo com a Hipótese Inatista de Chomsky, a linguagem é entendida como objeto natural, um instrumento biológico da espécie humana, instanciado no cérebro. Nesta visada universalista, postula-se a descrição e explicação da linguagem em termos matemáticos,

visando à descoberta de uma Gramática Universal (*princípio* comum aos seres humanos). Estabelece-se, então, uma distinção entre língua e linguagem, esta como capacidade universal ou possibilidade comum a todos os indivíduos, sendo vista, portanto, como uma capacidade psicológica, programada biologicamente, e aquela como um uso particular de determinado conjunto de indivíduos, que envolve maturação e interação com determinado grupo, possibilitando um *parâmetro*, que a definirá como Português, Francês, Chinês... Ressalta-se ainda que ter capacidade para a linguagem não significa, necessariamente, desenvolver o uso de uma língua.

É certo que a Teoria Gerativa vem, ao longo de meio século, cumprindo uma vigorosa agenda científica, em tudo coerente com suas teses centrais. Entretanto, conforme já sinalizamos, o caráter sintatocêntrico desse modelo levou à desconsideração daquilo que Jackendoff (2002) vem nomeando como o “santo graal” da Lingüística: a significação e, portanto, a Semântica.

2.3.2 A dissidência e o nascimento da Lingüística Cognitiva

A Lingüística Cognitiva, portanto, começa a se constituir como um novo paradigma a partir da dissidência dos estudos gerativistas. Terá como agenda programática os processos de significação. Como veremos adiante, para os precursores da Lingüística Cognitiva, a forma é motivada por nossas experiências físicas, culturais e interacionais que estariam no cerne de nosso processo de conceptualização e categorização.

Dentre os principais precursores dos estudos semânticos desenvolvidos no domínio da Lingüística Cognitiva, temos o trabalho de Fillmore (1976) acerca da **Semântica dos Enquadres/frames**, que enfatiza a questão das relações de significado presentes em uma cultura e que integrariam o que ele nomeia como *frame* conceptual. Na fundamentação desse conceito, contrariando as propostas gerativistas, o autor vai evidenciar a insuficiência de uma

semântica estrutural, de uma semântica de traços e de uma semântica lexical que consideram as relações de sentido em termos limitados a categorias tais como sinonímia, antonímia, hiperonímias, no trato de relevantes fenômenos de significação. Assim é que, se tomarmos o *frame* conceitual de “restaurante”, a relação entre os conceitos que o integram, tais como *garçom, cardápio, cliente, preço, pedido*, só pode ser reconhecida a partir de nossa **experiência cultural** e não por uma seleção de traços ou por qualquer outra relação estrutural.

Sobre os diferentes *frames* ou perspectivas instaurados, o autor vai definir diferentes valências a eles atribuídas. Exemplo disso, é o *frame* da “cena de comércio”, no qual temos perspectivas e valências distintas ativadas por itens lexicais como *pagar e cobrar ou comprar e vender*, o que gerará focos distintos na arquitetura das construções gramaticais.

Outra contribuição relevante de Fillmore (1979) é a sua contundente crítica acerca da questão da hipótese forte da composicionalidade, presente nas teorias semânticas formalistas. Em seu ensaio *Innocence: a seconde idealization for linguistics* (1979), Fillmore critica o tratamento conferido pela versão formalista ao significado. Nessa perspectiva, o significado é soma das partes que o compõem, o que implica a afirmação conjunta do caráter de previsibilidade e transparência dos processos de integração conceptual.

Para desconstruir esta hipótese, Fillmore se vale do exemplo do que ele nomeia como o “falante/ouvinte inocente”, uma “entidade” que obtém/processa o resultado/significado a partir da soma das partes de uma sentença. É como se, em nossas interações linguísticas, fôssemos “falantes/ouvintes inocentes” que acreditam que o processo de significação seja previsível e transparente na medida em que um cálculo algorítmico o controle. Deste modo, o “inocente” não “dá conta” de resultados diferentes, de uma produtividade não controlada, da não previsibilidade. Se quiséssemos transformá-lo num personagem, poderíamos dizer que o “falante/ouvinte inocente” apresenta um comportamento muito próximo ao do “português” ou da “loira” das piadas correntes. Como eles, o “inocente” não reconhece, por exemplo, os

idiomas frasais como: “*Eu estou enrolado!*”. Ou então as expressões irônicas como: “*Ele é um anjinho!*”. A piada abaixo ilustra a argumentação tecida por Fillmore:

Joaquim chegou no aeroporto todo carregado de malas. Na alfândega:
Fiscal: -Tudo jóia?
Joaquim: -Tudo não! Metade é cocaína.

Fillmore (1979) traz a baila, portanto, uma discussão fundamental para a teoria semântica, que diz respeito à produção e compreensão do significado de um enunciado. Sua crítica revela um novo modo de compreender a significação, não mais como uma simples composição de partes que se somam, mas sim como um complexo processo que exige a integração de experiências físicas, culturais e interacionais que estariam no cerne de nosso processo de conceptualização e categorização. Tal perspectiva impõe a premissa da *insuficiência do significante*, ou seja, a demarcação dos limites do sistema formal frente ao sistema conceptual. Assim, sem descartar a *Hipótese da Composicionalidade* na construção dos significados, opta por uma versão fraca dessa hipótese

George Lakoff (2002), outro precursor da Linguística Cognitiva, iluminou este campo de estudo com a Teoria Conceptual da Metáfora (cf. seção 2.3.5), introduzindo ainda a discussão acerca a corporalidade do pensamento e da linguagem e acerca das estruturas pré-conceptuais (categorias de nível básico e esquemas imagéticos) e dos modelos conceptuais que estruturam nosso pensamento, nomeados por ele como Modelos Cognitivos Idealizados ou simplesmente MCIs (cf. seção 2.3.4.). Estes MCIs (ou *frames*, dentro da nomenclatura mais contemporânea¹) são estruturas de conhecimento compreendidas como *domínios estáveis* em nossa memória tanto pessoal quanto social, e que nos permitem transformar nossas

¹ No presente estudo não trabalharemos com o termo MCI, nem *enquadre*; tomaremos o conceito de *frame* como abarcando as idéias compreendidas por tais nomenclaturas. Tal escolha se justifica pelo fato de o termo *frame* estar sendo, hoje, mais usado na literatura da área. Sabemos que os construtos teóricos principais na área da Linguística Cognitiva estão em processo de consolidação, o que faz prever necessárias e constantes reformulações conceptuais e terminológicas.

habilidades cognitivas individuais em conhecimentos socialmente estruturados, o que desencadeia o processo de acumulação e transmissão ou herança.

A Teoria dos Espaços Mentais (FAUCONNIER, 1994, 1997), (FAUCONNIER E TURNER, 1998, 2002) que busca explicar o processo de construção do significado a partir da mobilização de conhecimentos estruturados em domínios conceptuais que se projetam uns nos outros, vai representar também um vigoroso impulso para a Lingüística Cognitiva. Seguindo a perspectiva analítica da integração de sistemas cognitivos, Fauconnier, com a participação freqüente de Turner (Fauconnier e Turner 2002, por exemplo), vem alargando tal teoria, através das reflexões acerca da indeterminação do significante e da capacidade projetiva da mente humana. Nessa direção, os estudos sobre a natureza, a estrutura, os objetivos das redes de integração conceptual e o processo cognitivo de mesclagem são construções teóricas de grande relevo (cf. seção 2.3.6).

A partir dessas e de outras bases conceptuais de reconhecido relevo, a Lingüística Cognitiva deixa de ser apenas uma dissidência ao cognitivismo chomskiano para se constituir, hoje, como um novo campo do saber, com uma agenda investigativa própria e com um sólido conjunto de pressupostos. São estes pressupostos teóricos que passamos a apresentar como fundamento de nossa própria investigação.

2.3.3 As premissas básicas da Lingüística Cognitiva

Começemos por um resgate aos princípios norteadores da Lingüística Cognitiva que, na perspectiva de Salomão (1999), podem ser definidos como os três pontos cardeais do que a autora nomeia como Hipótese Sociocognitiva da Linguagem: a insuficiência do significante; a continuidade essencial entre as semioses; e o drama da interação.

a). *A insuficiência do significante ou “O mapa não é o território”*

Os cognitivistas também recorreram a metáforas para explicar o seu modo de compreender a linguagem. A metáfora do conduto, que configurava uma visão formalista, cedeu lugar a outras metáforas como, por exemplo, a do *iceberg* ou a do mapa, usadas para explicar o princípio da insuficiência do significante. Tomemos, portanto, a metáfora do mapa para compreendermos tal princípio.

Um mapa é uma carta de orientação que representa um determinado território. Desta forma, ele atua como um guia que fornece informações acerca de uma dada localidade. Assim, o mapa diz muito menos do que quer dizer. Do mesmo modo, podemos explicar a linguagem: ela atua como uma operadora da conceptualização desencadeada por um sujeito cognitivo em situação real de comunicação, em outros termos, o sinal lingüístico, nessa cena, é apenas um guia do processo de significação, operando diretamente no contexto de uso.

Assim, a linguagem é definida como uma ação conjunta que pressupõe atenção e intenção partilhadas circunstancialmente, o que significa dizer, em outras palavras, que a construção do significado só pode se processar dentro de um determinado contexto, que ative certos domínios conceptuais socioculturalmente construídos.

Neste ponto os cognitivistas, ao defenderem que o significante não é autônomo, desprendido do contexto, e que a linguagem não pode ser um canal que conduz o sentido, se afastam das visadas lingüísticas anteriores.

b). *A continuidade essencial entre as semioses*

De acordo com a hipótese aqui defendida, para a construção do sentido é preciso considerar uma continuidade essencial entre linguagem, conhecimento e realidade, pois nosso modo de conceptualizar o mundo assim exige. Em outras palavras, o que a Hipótese Sociocognitiva da Linguagem defende é que há uma indissociável relação entre linguagem e

contexto, denominada como princípio do “dinamismo contextual”. Tal princípio afirma que não só a linguagem deve ser vista como uma pista, mas o mesmo deve ser feito com relação ao mundo e às demais semioses, ou seja, devemos conceptualizá-los, também, como sinais.

Deste modo, nas palavras de Salomão *não podemos delimitar onde exatamente termina a linguagem e começa o contexto, uma vez que embora a situação comunicativa canônica seja a pista verbal ocupar o lugar de evento comunicativo focal, quantas vezes menos atentamos nas palavras enunciadas e mais no tom como são ditas, ou na expressão facial de quem as diz?* (SALOMÃO, 1999: 69).

Nestes termos, é complexo separar linguagem e contexto, uma vez que: a) percebemos o evento como um todo, e não como fragmentos, e b) para este processo inconsciente, necessitamos conciliar as escolhas lingüísticas, o modo como conceptualizamos o mundo, o conhecimento e as experiências (corpóreas, sociais, culturais) e o contexto que circunscreve a ação.

c). *O drama da interação ou “A linguagem como ação conjunta”*

Como estamos desenvolvendo nossa pesquisa sob o ponto de vista da Hipótese Sociocognitiva da Linguagem, nada mais coerente do que analisar a língua a partir do sujeito cognitivo e social que a utiliza. Desta forma, estamos considerando que a construção do sentido seja um processo que exige um partilhamento de intenções dos interactantes. Nos termos de Miranda (2001):

O sentido não seria, pois, uma propriedade intrínseca da linguagem, mas o resultado de uma atividade conjunta que presume cooperação, consentimento. Em outros termos, significa dizer que a linguagem é conhecimento para o outro, que o sentido é uma construção situada no jogo, no drama da interação. É assim, pois, que informações idênticas podem ser processadas de modo distinto em contextos diferentes. (MIRANDA, 2001: 58)

Interessa destacar também que *construir sentido* ou *interpretar* implica assumir **determinada perspectiva sobre uma cena**, perspectiva que é também mutável no próprio curso da **encenação** (SALOMÃO, 1999: 71). Esta afirmação focaliza a pesquisa no agente cognitivo e social que desenvolve a ação, e esta é uma questão crucial no estudo da Linguística Cognitiva.

Postos os princípios que fundamentam o viés sociocognitivista da linguagem, subscrito pelo presente estudo, passamos, na próxima seção, a apresentar uma discussão crucial a essa abordagem, qual seja, a questão dos processos de conceptualização e categorização.

2.3.4 Concepção e categorização dentro de um prisma cognitivista

Conceptualizar significa formar e usar conceitos. As tarefas envolvidas nesse processo são duas: aprender a estrutura de um campo semântico e suas relações; captar, dar conta de processar inferências abstratas. Para enfrentar tal questão sob a perspectiva de um programa sociocognitivo, cabe anunciar alguns pressupostos que regem este paradigma (LAKOFF, 1999):

1. A centralidade do corpo na arquitetura de nossos sistemas conceituais;
2. A existência de estruturas pré-conceituais da experiência;
3. A centralidade das projeções metafóricas nos processos de categorização.

Passemos, pois, à discussão desses pressupostos.

É tese fundante da Hipótese Sociocognitiva que a realidade existe independente dos sujeitos, mas que é através da perspectiva do sujeito instaurado que a conhecemos e recriamos. Assim, a categorização conceptual que imprimimos à realidade depende das injunções biológicas, cognitivas, culturais, sociais, interacionais a que estamos sujeitos.

Nesses termos, o pressuposto da “centralidade do corpo na arquitetura de nossos sistemas conceituais” remete ao cerne experiencial do pensamento. Na perspectiva da Linguística Cognitiva, o corpo tem dupla fundação para o pensamento e a linguagem. O corpo é meio, é contexto; o corpo dá forma a conceitos e categorias. É nesse sentido que os cognitivistas reivindicam o princípio da corporificação do pensamento. A categorização é, pois, pelo menos em parte, uma consequência inevitável de nosso aparato biológico, ou seja, categorizamos do modo que o fazemos por causa da peculiaridade do cérebro e do corpo que temos.

Isto não é tudo, entretanto. Se a natureza peculiar de nossos corpos dá forma a muitas possibilidades para conceptualizar e categorizar, as categorias que formamos são parte de nossa experiência mais ampla também; a experiência social, cultural, interacional. Aliás, em se tratando da biologia, da corporalidade humana, natureza e cultura são vistos como um contínuo, e não como uma dicotomia, igualmente constitutivos da cognição de nossa espécie (TOMASELLO, 2003). Nesse enquadre, o que as categorias representam são estruturas, mais simples ou mais complexas, que diferenciam aspectos de nossa experiência em tipos discerníveis. Nesse sentido, categorias, conceitos e experiência são inseparáveis.

É, pois, a partir da afirmação do cerne experiencial do pensamento e da linguagem, que a Linguística Cognitiva vai postular a existência de estruturas pré-conceituais de duas naturezas: as **categorias de nível básico** e os **esquemas imagéticos** (LAKOFF E JOHNSON, 1987).

As **categorias de nível básico** são segmentações naturais do mundo a partir das nossas características corpóreas e sensório-motoras. São impostas, de forma *gestáltica*, por nossa percepção, isto é, por nossas capacidades de movimento motor na interação com objetos e por nossa habilidade de formar imagens mentais detalhadas dos objetos. Nossa experiência é, pois, pré-conceitualmente estruturada nesse nível. É nesse nível básico da experiência física

que distinguiamos acuradamente TIGRES de ELEFANTES, CADEIRAS de MESAS, COUVE de ALFACE... Um nível abaixo ou acima as coisas ficam mais complexas: sub-ordenação ou super-ordenação (tipo de girafa, tipos de couves, tipos de carros). Lakoff e Johnson (1987) postulam alguns tipos de cateogrias de nível básico empiricamente testadas: **objetos naturais**: elefante/vaca; jacaré/cobra, água, ouro (super: mamíferos, mineral, aves...); **objetos artefatos**: carros, cadeira, livros, casas, lâmpada (super-ordenação: veículos, móveis, habitação...); **ação**: andar, correr , comer ,beber (super: mover-se, ingerir,; sub: subtipos dessas ações); **propriedades**: alto, baixo, pesado, leve, quente, frio... cores focais(porque neurofisiologicamente determinadas).

Os **esquemas imagéticos** seriam *gestalts* experienciais minimamente estruturadas, que permitiriam a organização de um número indefinidamente grande de percepções, imagens e eventos (LAKOFF E JOHNSON, 1987:20). Existe uma relação de correspondência entre esquemas imagéticos, conceitos e projeções figurativas (metáforas e metonímias, cf seção 2.3.5). Os autores citados apresentam uma lista considerável de esquemas imagéticos, dentre os quais podemos citar os esquemas do recipiente , parte-todo, do elo, centro-periferia, do trajeto, em cima/em baixo, frente/atrás; ordem linear etc. Vale destacar que cada esquema imagético apresenta uma estrutura básica composta de experiência corporal, elementos estruturais e metáforas simples. A título de exemplo, o esquema parte-todo pode ser assim descrito: a) Experiência corporal: experimentamos nosso corpo como um todo com partes que podemos manipular; b)Elementos estruturais: todo, partes e uma configuração; c)Metáforas simples: organizações sociais (governo, casamento, família – filho, pai...) (LAKOFF E JOHNSON, [1980] 2002).

Modos de categorização mais complexos são também anunciados pela Lingüística Cognitiva através dos conceitos de **frames conceptuais** (ou como Lakoff denomina, Modelo Cognitivo Idealizado - MCI) e **frames interacionais ou molduras comunicativas**.

Frames conceptuais são estruturas complexas de conhecimento, *domínios estáveis* em nossa memória tanto pessoal quanto social, que nos permitem transformar nossas habilidades cognitivas individuais em conhecimentos socialmente estruturados. Nos termos de Miranda (1999:83), tais domínios são “*conhecimentos socialmente construídos e culturalmente disponíveis*”, **estáveis, mas não estáticos**, que se caracterizam como ordens cognitivas que evocamos para criar ou compreender o sentido, *sendo flexíveis conforme as necessidades locais manifestadas*. São, deste modo, entrincheirados, estabilizados e, de acordo com o grau de especificação, podem ser mais abstratos ou mais concretos. Se tomarmos, por exemplo, o *frame* de “ação” estaremos trabalhando com um *frame* mais abstrato, enquanto que, se tomássemos o *frame* de “servir café na cantina”, que integra o *frame* anterior, estaríamos lidando com uma instância do *frame* de ação mais específica, e por isso, mais concreta.

Os *frames* em questão são considerados **idealizados** (Modelos Cognitivos Idealizados, na terminologia de Lakoff (cf. seção 2.3.2.)) na medida em que configuram nossa concepção de mundo, sem existirem de forma objetiva na “realidade”; são apenas conceptualizações ancoradas em nossa experiência mais ampla (corpórea, social, cultural) e, por isso, podem variar de uma cultura para outra. Para exemplificar, podemos recorrer ao *frame* de casamento descrito na dissertação de Torres(2003). Segundo ela:

nossa estrutura de conhecimento acerca de casamento em parte coincide com o que encontramos no artigo 231 do código civil: pensamos no casamento como uma espécie de contrato celebrado entre um homem e uma mulher, no qual os contraentes estabelecem entre si direitos e obrigações como, por exemplo, a coabitação, a fidelidade recíproca, a assistência recíproca, o sustento, a guarda e a educação dos filhos.” (TORRES 2003: 14)

Ainda segundo Torres (2003), para a elaboração desta estrutura conceptual, cujo exemplo é o *frame* de casamento, são necessários quatro princípios básicos a saber: a) *estrutura proposicional*, que especifica os elementos (mulher, marido, filhos), suas propriedades e relações (coabitação, fidelidade...); b) *esquema imagético*, que apresenta o

núcleo pré-conceptual e mais básico do modelo: TRAJETO “há uma origem, um trajeto a ser percorrido pelo casal [viajantes]”, verificado, por exemplo, pela seguinte evidência lingüística “Felicidades na nova caminhada!”; c) *mapeamentos metafóricos*, também conhecidos como projeções entre domínios estáveis que, neste caso, suscitam a metáfora CASAMENTO É UMA VIAGEM, desencadeada pelo esquema imagético de TRAJETO; e d) *mapeamentos metonímicos*, cuja função é associar um dos elementos do modelo a outro elemento de outro modelo como, por exemplo o uso da expressão “lar desfeito” para tratar do fim do casamento.

Entretanto, segundo Torres (2003:14), “o próprio Código Civil foi recentemente alterado, tendo em vistas as mudanças culturais que vêm ocorrendo em nossa própria sociedade”. Daí, podemos perceber este caráter estável, mas não estático de um *frame*, uma vez que permite alterações, conforme mudam também as condições e relações socioculturais que produzimos a todo tempo.

Como os *frames* se definem, a um só tempo, pelo caráter de estabilidade e flexibilidade, estarão sempre abertos a um processo de metamorfose, ganhando em complexidade, pela incorporação de novos conceitos, decorrentes do processo de construção e reconstrução de sentidos ditados pelas necessidades comunicativas. É assim que o *frame* de **mãe** vem se metamorfoseando nos últimos tempos para incorporar submodelos tais como “a mãe de aluguel”, “a mãe genética” (aquela que doa o óvulo). Nos mesmos termos, o *frame* conceptual de **casamento** incorpora um submodelo, por exemplo, de “casamento gay”. Nos dias atuais, o *frame* de adolescência é também um belo exemplo da flexibilidade dos processos de significação. Tal *frame* começa a se ampliar em duas direções: por um lado, a precocidade do comportamento social e sexual livres que “rouba” uma fatia da infância e, por outro, o prolongamento da adolescência dos filhos que continuam a viver, por conta da falta de autonomia financeira, na dependência de seus pais, adiando a idade adulta. Tal elasticidade, permite que se concebam os *frames* em termos de **modelos complexos** ou

modelos de *clusters* (LAKOFF E JOHNSON, 1990 :79) em que um *frame* se estrutura a partir de um grupo, um “cacho” de submodelos.

Os ***frames* interacionais ou molduras comunicativas** podem ser compreendidos como conhecimentos contidos em nossa memória de longo termo e organizados em forma de estruturas informacionais estáveis que servem para representar cenas ou situações determinadas. Por exemplo, uma reunião de negócios suscita uma moldura comunicativa específica, diferente de um culto religioso ou de uma aula. Desta forma, cada situação rotineira se enquadra de um modo, e exige posturas distintas para cada participante, o que configura seu papel e sua identidade naquele contexto.

Nos termos anunciados, a perspectiva cognitivista vai imprimir ao processo de categorização um novo olhar que em tudo se difere da perspectiva clássica, formal, com que as categorias são definidas. É o que apresentamos no quadro a seguir (Miranda, 2004 – anotações de sala de aula), estabelecendo um breve paralelo entre as duas perspectivas:

CATEGORIAS CLÁSSICAS	CATEGORIAS COGNITIVAS
1. Existem objetivamente “no mundo”.	1. São construções resultantes da interação entre o sujeito e o mundo. Dependem conjuntamente do mundo físico externo, da biologia humana (são encarnadas), da mente (capacidade imaginativa, projetiva) e da cultura. Derivam de nossa conceptualização da experiência (CATEGORIAS DE NÍVEL BÁSICO E ESQUEMAS IMAGÉTICOS), da formação de modelos cognitivos idealizados (MCI/ <i>frames</i>).
2. Definem-se por propriedades essenciais compartilhadas por todos os seus membros (simetria entre os membros). • Representação estrutural de cada categoria: esquema imagético do container (dentro/fora –limite/fronteira)	2. Estabelecem relações de semelhança familiar (os membros de uma categoria podem estar relacionados sem que todos os membros possuam um conjunto de propriedades em comum).
3. Possuem sempre fronteiras claras: • Condições necessárias e suficientes para pertencer à categoria • Só admitem dois tipos de membros: o que pertence e o que não pertence.	3. Possuem, por vezes, fronteiras pouco definidas, sobretudo se envolvem escalas ou gradações (par/ímpar VS vermelho/ alto/ grande/ gordo) • Organizam-se de modo a demonstrar efeitos de prototipia (alguns membros podem ser melhores exemplos - exemplos prototípicos - de uma categoria do que outros).
4. Articulam-se em termos de uma hierarquia taxonômica simples • Representação hierárquica: esquema parte/todo –para cima/para baixo	4. Articulam-se a partir de um nível intermediário, cognitivamente mais básico, nem muito geral, nem muito específico (categoria central – categoria radial). • Representação: esquema centro-periferia

Quanto ao terceiro pressuposto anunciado na presente seção, “a centralidade das projeções metafóricas e metonímicas nos processos de categorização”, dedicamos a ele a próxima seção, dada a relevância que apresenta no seio da Linguística Cognitiva e o seu relevo para o presente estudo.

2.3.5 Metáfora e metonímia: uma abordagem cognitiva

Como construtos teóricos fundamentais da Linguística Cognitiva, a metáfora e a metonímia são concebidas como instrumentos cognitivos que operam em nosso sistema de conhecimento, possibilitando a compreensão desde eventos rotineiros, cotidianos, passando

pela compreensão de um poema ou piada, até o desvendamento de uma complexa teoria filosófica. Isto porque, para além da linguagem, tais projeções figurativas são concebidas como mecanismos de estruturação de nosso modo de pensar e agir, pautados em nossas experiências sociais, culturais e corporais.

É sob o viés desta abordagem, que concebe tais fenômenos como **complexos processos cognitivos**, que muitos pesquisadores conduzem, atualmente, sua empreitada analítica. Faremos, portanto, uma referência a alguns destes trabalhos, mais detidamente dentro do campo da Lingüística Cognitiva, como forma de construir um percurso que nos conduza a uma compreensão mais acurada acerca da metáfora e da metonímia. Partindo da Teoria Conceptual da Metáfora (seção 2.3.5.1), proposta por Lakoff & Johnson ([1980]2002; 1987), abordaremos, em seguida, uma das versões mais atualizadas da teoria da metáfora (seção 2.3.6), promovida pela Teoria da Mesclagem/*Blending* (FAUCONNIER E TURNER, 2002)

2.3.5.1 A Teoria Conceptual da Metáfora

Tanto a perspectiva tradicional como a formalista da linguagem, materializadas pelo estruturalismo e gerativismo, concebem metáfora e metonímia como recursos retóricos e estilísticos, ou seja, como meras figuras de linguagem. Tal tratamento deriva de “uma distinção fundamental entre sentido literal e sentido figurado” (SILVA, 2004:14), em que se concebe o sentido como objetivo e verdadeiro ou como poético e imaginário, respectivamente, e em que se atribui à investigação lingüística os limites do nomeado sentido literal. Nesta perspectiva, Silva (2004:14) apresenta a teoria clássica da metáfora, vista como a “rainha das figuras”, a partir das três concepções a seguir:

- Comparativista: metáfora como comparações implícitas entre uma expressão metafórica e uma paráfrase literal baseada numa analogia ou similaridade;

- Substitutiva: extensiva à metonímia e a outras expressões figuradas, identifica uma metáfora quando uma expressão é usada em vez de outra literal ou equivalente;
- Teoria da Integração: o significado metafórico é o resultado do complexo de implicações ou integração entre uma expressão metafórica, designada “foco”, e sua “moldura” literal.

A insuficiência de tais concepções começa a ser demarcada a partir do amplo papel cognitivo atribuído tanto à metáfora quanto à metonímia pela Linguística Cognitiva e, em especial, pelo trabalho desenvolvido por Lakoff e Johnson, a partir de 1980. Definidas para além de um mero mecanismo estritamente lingüístico, tais projeções figurativas saem da periferia dos estudos da linguagem e passam a ocupar papel de destaque na agenda investigativa desse paradigma.

Reconhecendo, de forma explícita, a ascendência teórica de Reddy (1979), em sua brilhante apresentação acerca do modo metafórico de pensarmos o pensamento e a linguagem (cf. seção 2.1.), Lakoff & Johnson ([1980]2002) vão formular a **Teoria Conceptual da Metáfora**. Tal teoria promove, portanto, uma revisão conceptual da metáfora e da metonímia, passando a concebê-las como um **mecanismo inconsciente² de estruturação do pensamento e da ação**, presente não só na linguagem, mas também em outras práticas de nossa vida quotidiana.

Nos termos dessa teoria, metáfora e metonímia descrevem projeções conceptuais sistemáticas de domínios e são experiencialmente motivadas. Entretanto, se distinguem quanto ao tipo de projeção; enquanto a metáfora se configura como uma projeção **entre-domínios**, a metonímia se processa por meio de projeções **intra-domínio**. Outra distinção refere-se ao modo como uma e outra são concebidas: enquanto a metáfora é vista como um

² Inconsciente porque, para Lakoff (1987) o pensamento humano consciente é o topo de um enorme iceberg, ou seja, ele defende que em torno de 95% o pensamento é inconsciente. Assim ele cria o termo *inconsciente cognitivo*, não no sentido freudiano, mas para dizer que se trata de **algo não totalmente acessível à consciência**, que opera tão rapidamente que **não pode ser focalizado**. Nestes termos, metáfora e metonímia são fenômenos centrais, inconscientes, automáticos que estão diretamente relacionados com nossa experiência cotidiana, social, cultural e corporal.

mecanismo que possibilita entender uma idéia ou conceito em termos de outro, a partir da projeção de domínios conceptuais, que vão de um domínio-origem para domínio-alvo; a metonímia *envolve um mesmo domínio conceptual, de modo que um subdomínio é tomado em vez de outro (ou por todo o domínio, ou este por um de seus subdomínios)* (SILVA, 2004:27). Deste modo, a teoria de Lakoff vê a metonímia como um mecanismo que apresenta uma dupla função: uma referencial, e outra de propiciar o entendimento (LAKOFF & JOHNSON, 2002:93).

As tipologias elaboradas por Lakoff & Johnson ([1980]2002) para a metáfora e metonímia atuam como recurso para compreendermos um pouco melhor o desenvolvimento desta teoria inovadora.

Os autores classificam as metáforas em três grupos, quais sejam, as **metáforas estruturais**, as **metáforas orientacionais** e as **metáforas ontológicas**. As estruturais são aquelas nas quais *um conceito é estruturado metaforicamente em termos de outro* (LAKOFF & JOHNSON 2002, p59). As orientacionais são aquelas que organizam *todo um sistema de conceitos em relação a outro* (LAKOFF & JOHNSON 2002, p59). E as ontológicas proporcionam a compreensão de nossas experiências em termos de objetos e substâncias, o que nos permite *selecionar partes de nossa experiência e tratá-las como entidades discretas ou substâncias de uma espécie uniforme* (LAKOFF & JOHNSON 2002, p75).

Evidências de metáforas estruturais citadas pelos autores seriam as expressões lingüísticas que revelam o nosso modo de compreender uma *discussão* em termos de *guerra* (“defender argumentos”, “lutar com palavras”, “combater idéias”, “ferir com palavras”, entre outros) ou nosso *conceito de tempo* a partir do *conceito de dinheiro* (gastar/ economizar/ poupar tempo).

Quanto às metáforas orientacionais, os autores postulam que o conhecimento lingüístico faz parte de um conjunto de sistemas que inclui memória, percepção, experiências

corporais, sociais e culturais, de modo que nossos processamentos mentais estão diretamente relacionados à nossa estrutura corpórea. Desta forma, nosso posicionamento ereto, por exemplo, pode interferir no modo como organizamos nosso pensamento, uma vez que estar de pé, na posição vertical, se sustentar ou se manter assim por força própria, e em consequência praticar ações, demonstram que estamos bem, ou seja, que não estamos com a saúde comprometida. Em contrapartida, quando estamos mal, emocionalmente abalados ou com alguma doença, é comum a sensação de perda de forças, a vontade de estar de cama... Podemos ir mais longe e pensar na morte, na falta do movimento, a posição horizontal e o enterro, que configura o ato de “ir para debaixo da terra”. É nesses termos que esquemas primários se estruturam como “bom é para cima”, “mais é para cima”. Evidências lingüísticas desses esquemas seriam: “eu estou para cima hoje”, “estou de alto astral”, “meus ânimos estão elevados”, “ele está no auge da forma física”, “o salário aumentou”... entre outras.

As metáforas ontológicas, também intituladas pelos autores como metáforas de entidade e substância, nos auxiliam a *conceber eventos, ações, atividades, estados, emoções e idéias como objetos, entidades, substâncias e recipientes* (LAKOFF e JOHNSON, [1980] 2002). Por exemplo, partindo da metáfora INFLAÇÃO É UMA ENTIDADE temos as seguintes evidências lingüísticas: “*A inflação está abaixando o nosso padrão de vida*”, “*Precisamos combater a inflação*”, “*A inflação está nos colocando num beco sem saída*”. Outros exemplos são derivados da metáfora MENTE É UMA ENTIDADE: “*Ainda estamos remoendo a solução para essa equação*”, “*Minha cabeça pifou hoje*”, “*Minha mente simplesmente não está funcionando hoje*”.

Ao discutirem a metonímia, Lakoff & Johnson ([1980]2002) a contrapõem à personificação assumindo que há uma grande diferença entre as sentenças: “*A inflação atacou os alicerces da nossa economia*” e “*A mesa sete pediu a conta*”. No primeiro exemplo, argumentam que há um nítido caso de **personificação**, uma vez que para a compreensão desta

sentença atribuímos qualidades humanas a entidades não humanas, ou seja, vemos a *inflação como uma pessoa*, ou mais especificamente, um adversário. Já no segundo exemplo, a expressão “*a mesa sete*” está sendo usada para se referir a uma ou mais pessoas reais. Este segundo exemplo ilustra a **metonímia** nos termos de Lakoff & Johnson ([1980]2002:92), como o uso de uma entidade para nos referirmos a outra que é relacionada a ela.

Os autores não aprofundam a discussão acerca da metonímia, pois, o propósito do trabalho é apresentar a Teoria Conceptual da Metáfora de forma mais detalhada. Deste modo, fazem um levantamento dos tipos de metonímias e sugerem alguns exemplos para ilustrá-las (LAKOFF e JOHNSON, [1980] 2002: 92-96):

Metonímia	Evidência lingüística
Parte pelo todo	Tem uma porção de <i>boas cabeças</i> na Universidade. Ela é só uma <i>cara</i> bonita. Nós não contratamos <i>cabeludos</i> .
Produto pelo produtor	Ele comprou um <i>Ford</i> .
Objeto pelo usuário	Precisamos de uma <i>luva</i> melhor na base.
Controlador pelo controlado	<i>Napoleão</i> perdeu em Waterloo.
Instituição pelos responsáveis	O <i>Senado</i> acha que o aborto é imoral.
Lugar pela instituição	A <i>Casa Branca</i> não está se pronunciando.
Lugar pelo evento	Não deixemos que a Tailândia se torne outro <i>Vietnã</i> .

Os autores consideram de modo especial a metonímia PARTE PELO TODO, devido ao seu poder de enfatizar um determinado aspecto a partir da seleção de uma das partes. Por exemplo, na sentença “*Tem uma porção de boas cabeças na Universidade*” a seleção da expressão em destaque evidencia, segundo os autores, que não se trata de quaisquer pessoas, mas sim pessoas inteligentes, ou seja, ser bom da cabeça representa ser inteligente. Ou então, no caso do segundo exemplo levantado, “*Ela é só uma cara bonita*”, que para os lingüistas

representa um caso especial da metonímia PARTE PELO TODO denominada por eles como ROSTO PELA PESSOA.

2.3.5.2 Contribuições relevantes à teoria conceptual da metáfora e da metonímia

Em significativo estudo sobre o “poder cognitivo da metáfora e da metonímia”, Silva (2004) apresenta as principais linhas de teoria cognitiva contemporânea da metáfora e da metonímia e busca contribuir para uma avaliação crítica desta teoria. Partindo do que nomeia como *abordagem lakoviana da metáfora*, o autor afirma que:

Especificamente, a metáfora é um importante mecanismo cognitivo pelo qual domínios da experiência mais abstratos e inatingíveis podem ser conceptualizados em termos do que é mais concreto e imediato. Esta deslocação para o plano do sistema conceptual de fenômenos tradicionalmente identificados na linguagem e relegados para um nível anormal e este reconhecimento da naturalidade e ubiquidade do pensamento metafórico e metonímico enformam a teoria cognitiva contemporânea da metáfora e da metonímia. (SILVA, 2004: 15)

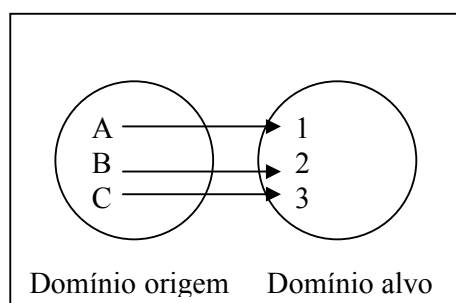
A partir da discussão inicial da **semelhança** entre metáfora e metonímia, sob o ponto de vista da Linguística Cognitiva, que as vê como fenômenos conceptuais por natureza e como projeção de domínios, o autor vai apresentar vários estudos que focalizam a **diferença** entre tais mecanismos, como forma de buscar avanços para a teoria.

Em termos da proposta de Lakoff e Johnson ([1980]2002), conforme já explicitado à seção anterior, a diferença se estabelece nos seguintes termos: enquanto a metáfora envolve a projeção de um domínio conceptual (fonte) em outro domínio distinto (alvo), passando este a ser entendido em termos do primeiro; a metonímia “*envolve um mesmo domínio conceptual (experencial), em que um subdomínio é tomado em vez de um outro (ou por todo o domínio, ou este por um dos seus subdomínios)*” (SILVA,2004: 27).

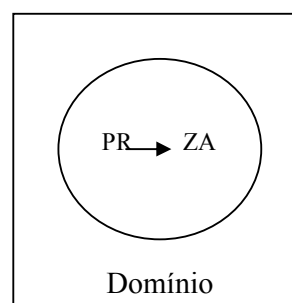
Tal diferença é posta por Barcelona (2002) como uma projeção/*mapping* entre domínios, nos mesmos termos que Lakoff e Johnson. Já Langacker afirma a metonímia (1984,1993,1999, apud SILVA, 2004:27) em termos de ativação mental de um (sub)domínio

pouco saliente (*zona ativa*- ZA) por referência a outro mais saliente (*ponto de referência* - PR). Croft (1993, apud SILVA, 2004:27-28) assume perspectiva similar, pontuando tal diferença em termos de processo de destaque, de salientação de domínios (“*domain highlighting*”) para a metonímia; e de *projeção de domínios* (“*domain mapping*”), para a metáfora. De fato, as explicações acima são inteiramente compatíveis, como a figura abaixo pode representar (SILVA, 2004,p.28):

Metáfora



Metonímia



Nos termos da teoria conceptual da metáfora, outro traço fundamental dessa projeção respeita ao seu caráter parcial e unidirecional, uma vez que *é o domínio-origem que é projetado no domínio-alvo e não o inverso*. Tal unidirecionalidade se correlaciona à tese, posta por Lakoff e Johnson ([1980]2002), e crucial à Linguística Cognitiva, de que conceptualizamos *domínios mais abstratos e complexos em termos de domínios mais concretos e experienciais*.

Para Silva (2004), a distinção que se faz entre metáfora e metonímia deve abarcar tanto a visão tradicional quanto às novas contribuições da Linguística Cognitiva. Nesses termos, afirma que os contrastes entre metáfora e metonímia são também elucidados a partir da já conhecida distinção de que “a metáfora se baseia numa relação de similaridade, ao passo que a metonímia assenta numa relação de contigüidade” (Silva 2004:24). Para tanto, o próprio autor revisita esses conceitos, atribuindo-lhes uma perspectiva mental, isto é, desvinculando-

os da referência ao “real”. Para o autor, as associações metafóricas e metonímicas, portanto, não provêm meramente das palavras, mas das relações humanas, da interação da mente humana com o meio do qual faz parte. Sugere, ainda, que as relações de contigüidade sejam entendidas num sentido mais amplo, englobando não só extensões nos domínios espaciais, mas também temporais e causais. Com relação à idéia de similaridade, o autor mostra que nem toda relação similar é metafórica ao citar o exemplo da similaridade entre as palavras “pingüim” e “pardal”. Ambas são caracterizadas e/ou categorizadas como “ave” e isso não quer dizer que houve uma metáfora como quando se diz “fulano é uma ave rara”.

Deste modo ele apresenta uma versão integradora de ambas as teorias, ao afirmar que:

a metonímia caracteriza-se por uma relação contingente de contigüidade conceptual entre elementos de um mesmo domínio conceptual, ao passo que a metáfora consiste numa projeção de um domínio conceptual noutro distinto na base de um conjunto sistemático de correspondências por similaridade conceptual. Enquanto a metáfora tem por função a estruturação do alvo em termos da origem, a função da metonímia é a activação mental do alvo tendo a origem como ponto de referência. (Silva, 2004:32).

Apesar do amplo investimento da Linguística Cognitiva no desvendamento desses processos cognitivos, alguns pontos problemáticos, no entanto, ainda permanecem na definição de metáfora e metonímia e na postulação da diferença entre as mesmas.

Um desses problemas diz respeito à noção de projeção de domínios. Embora a noção de **domínios** seja elemento-chave na distinção entre metáfora e metonímia, para alguns teóricos, é exatamente este o ponto frágil da teoria cognitiva. Como delimitar um domínio? Sendo os domínios, na própria definição desse paradigma, estruturas de conhecimento abertas e flexíveis, como saber, com precisão, se os domínios-fonte ou alvo pertencem ao mesmo ou a diferentes domínios? Barcelona ([2002] apud SILVA, 2004) responde a tal questão, afirmando que não se trata de uma taxionomia de domínios e sim da funcionalidade com que os mesmos tornam-se conscientes e convencionalizados numa dada cultura. O critério para

que isto ocorra reside no fato de que existe, na metonímia, uma ligação pragmática entre os domínios de origem e alvo, que, no caso da metáfora, é ausente. Além disto, para o autor, sem que haja esta ligação pragmática, não é possível haver metonímia.

No cenário da discussão contemporânea, tal problema, acrescido de outros vieses, tem resultado em uma intrigante questão, qual seja, a da interação entre metáfora e metonímia. A hipótese de alguns autores é de que a **metonímia seria mais básica que a metáfora**. Barcelona ([2002] apud SILVA, 2004), em posição mais radical, defende que **qualquer metáfora é motivada por uma metonímia conceptual**. Trata-se de perceber, na metonímia, uma natureza *assimétrica*, já que ela seria desprovida de uma correspondência estrutural entre os domínios origem e alvo. Sendo assim, tal fenômeno lingüístico deve ser, portanto, entendido como um processo de ativação mental (um processo cognitivo) em que uma “entidade conceptual” fornece acesso mental para outra “entidade conceptual” num mesmo domínio. Por exemplo, da metonímia AGITAÇÃO FÍSICA POR EMOÇÃO podem derivar as seguintes metáforas: *emoção surge repentinamente do exterior, a emoção é uma força natural, a emoção é um organismo vivo, presença é a existência da emoção*.

2.3.5.3 A metonímia em foco

Focalizando mais de perto a metonímia, dada a sua relevância para o presente estudo, passamos a considerar, ainda que de modo breve, alguns outros aspectos relevantes na sua configuração, quais sejam: a questão da **referencialidade**, da **motivação**, da **tipologia**, da **produtividade e da convencionalização**.

Um problema apresentado pelas teorias críticas da metonímia respeita à sua natureza **referencial**. Enquanto a concepção tradicional e mesmo a concepção cognitiva vêm a metonímia como um fenômeno necessariamente referencial (LAKOFF E JOHNSON, 1980), outros estudiosos não consideram a referência (pelo menos, no sentido tradicional de

referência) como um requisito da metonímia (SILVA, 2004: 31), apontando, por exemplo, a ocorrência de metonímias em âmbito predicativo (*O João é um Pelé*) ou ilocutório (*Eu não sei nadar!!* - uma asserção por um pedido de socorro, por exemplo). Silva (2004:31) argumenta que *os elementos envolvidos no processo metonímico são **domínios** conceptuais mais do que **entidades** individuais*, e deste modo, as entidades envolvidas nesse processo funcionam como elementos de um domínio conceptual ou de uma matriz de domínios, pressupondo o conhecimento do domínio que integram.

Quanto à **motivação**, metonímias visam *responder aos princípios de maximização do sucesso cognitivo e comunicativo e de minimização do esforço lingüístico*. (Silva, 2004:51). Deste modo, princípios cognitivos e comunicativos podem explicar o processo metonímico. Um dos princípios cognitivos seria o da perspectiva antropocêntrica da *experiência humana* que nos leva a preferir o “humano” em detrimento do “não-humano”. Assim, emergem as metonímias POSSUIDOR POR POSSUÍDO, CONTROLADOR POR CONTROLADO, PRODUTOR POR PRODUTO. Outro princípio seria o da *seletividade perceptiva* que nos leva a selecionar o que nos é mais imediato, donde temos, por exemplo, a metonímia EFEITO PELA CAUSA. As *preferências culturais* delimitariam também outro princípio, colocando em evidência o que nos é mais proeminente, como forma de facilitar ou economizar esforço cognitivo. Por esta razão preferimos os estereótipos, os protótipos, o central, o mais comum.

Outro modo de se considerar a questão da motivação metonímica seria pensá-la a partir do processo cognitivo de mesclagem e de seus objetivos, marcados pela necessidade cognitiva de “comprimir para entender” (cf. seção 2.3.6, neste capítulo).

Em termos da **tipologia** da metonímia, Silva (2004:48-50) busca delinear um novo quadro, revisitando tanto a proposta feita por Lakoff & Johnson ([1980]2002) quanto a formulada por ele próprio, a partir das contribuições de outros lingüistas, e acrescentando

ainda a proposta de Langacker acerca dos (PR) pontos de referência e (ZA) zona ativa (SILVA, 2004:44). É o que apresentamos a seguir:

Metonímia	Evidência Lingüística	PR	ZA
PARTE PELO TODO	<i>Um turbo diesel imbatível.</i>	motor	carro
TODO PELA PARTE	<i>Lavar o carro 1 vez por mês</i>	carro	exterior
CONTINENTE PELO CONTEÚDO	<i>Beber um copo</i>	copo	líquido
MATERIAL PELO OBJECTO	<i>Um vidro, um ferro</i>	substância	Objecto feito de
PRODUTOR PELO PRODUTO	<i>Comprar um kleenex</i>	Marca kleenex	Lenço de papel
LUGAR PELO EVENTO	<i>Poderá se outro Kosovo</i>	Kosovo	guerra
LUGAR PELA INSTITUIÇÃO	<i>Conversações entre Lisboa e Washington</i>	cidade	governo
INSTITUIÇÃO POR PESSOAS	<i>Universidade abriu curso.</i>	universidade	responsáveis
PESSOA PELO NOME	<i>Não estás nas listas.</i>	tu	O teu nome
CAUSA PELO EFEITO	<i>Estar ao sol</i>	astro	calor

A tipologia formulada parte das diferentes relações metonímicas estabelecidas, que segundo Silva (2004:48), podem ser reduzidas a uma tipologia cognitiva mais consistente, como a que foi elaborada por Kövecses & Radden (1998, 1999) pontuando três tipos metonímicos, quais sejam, PARTE PELO TODO, TODO PELA PARTE e PARTE PELA PARTE. Deste modo, as duas primeiras metonímias (PARTE PELO TODO e TODO PELA PARTE) subjazem à relação mais geral “todo e suas partes” relativa aos *frames* coisa-e-parte, escala, constituição, evento complexo, categoria-e-membro, e categoria-e-propriedade. Já a terceira metonímia (PARTE PELA PARTE), relaciona-se a várias partes de *frames* como “predicações” em eventos.

Quanto à **produtividade**, vale ressaltar que a metonímia é, nos mesmos termos que a metáfora, um processo regular e freqüente em nosso pensamento, ação e linguagem. Dentre os padrões metonímicos mais freqüentes, temos as metonímias PARTE PELO TODO, TODO PELA PARTE, CONTINENTE PELO CONTEÚDO, MATERIAL PELO OBJETO, PRODUTOR PELO PRODUTO, LUGAR PELO EVENTO, LUGAR PELA INSTITUIÇÃO, INSTITUIÇÃO POR PESSOAS E CAUSA PELO EFEITO (CUENCA & HILFERTY (1999:122), UNGERER & SCHIMID (1996:116) *apud* SILVA, 2004:43).

Da mesma forma que as metáforas, as metonímias podem configurar-se em diferentes níveis de abstração, podendo apresentar desdobramentos, de acordo com sua presença ativa em uma cultura. É o caso da metonímia PARTE PELO TODO. Um desses desdobramentos seria a metonímia ROSTO PELA PESSOA, uma vez que, em nossa cultura, identificamos uma pessoa inteira a partir da focalização de seu rosto, como nas fotos 3x4 das carteiras de identidade. Outros tipos de metonímias focalizam outras partes do corpo como forma de evidenciar determinado aspecto, como é o caso da música de Roberto Carlos: “*Se um outro cabeludo aparecer na sua rua*”, que focaliza os cabelos longos como representativos de jovens que possuíam uma atitude específica dentro daquele contexto histórico.

Em termos de presença na linguagem, o processo metonímico ultrapassa o léxico e se estende, de modo regular e produtivo, a fenômenos de qualquer natureza, seja fonológica, morfológica, sintática ou discursiva. Neste sentido, vale lembrar os estudos que vêm sendo desenvolvidos pelo GP “Gramática e Cognição”-UFJF (cf. Introdução do presente trabalho) que têm evidenciado a força da metonímia e da metáfora em processos de constituição de redes de construção sintática, morfológica e discursiva do PB³.

As metonímias conceptuais de sentimentos e emoções também formam um conjunto de elevada regularidade e produtividade. Em seus estudos, Kövecses ((1986, 1988, 1990, 2000) *apud* SILVA, 2004:44) apresenta, por exemplo, a metonímia EFEITO PELA CAUSA, em que a emoção ou o sentimento é designado pelo(s) respectivo(s) efeito(s) fisiológico(s) como é o caso do aumento da temperatura do corpo conceptualizando a fúria, alegria, amor, ou então a palidez configurando o medo.

Outro aspecto fundamental a ser considerado, e de fundamental relevo em nossa análise, é o processo social de **convencionalização** das metonímias. Para Silva (2004:63), o processo de convencionalização da metonímia se dá à medida em que determinado exemplo

³Nesse viés investigativo, vale mencionar algumas das dissertações defendidas, no Programa de Pós-Graduação em Letras-UFJF, na linha de pesquisa de Cognição,: FERNANDES (2006), BOTELHO (2004), CARMO (2005), FERREIRA (2005), SANTOS (2005), JESUS (2003).

satisfaz alguns dos tipos de metonímia conceptual e à medida em que é aceito e reiterado socialmente. Por isso, a expressão *Acabei de adquirir um Van Gogh*, é facilmente entendida e aceita, já que é socialmente partilhada e por esta razão convencionalizada, ao passo que *Acabei de adquirir uma Fabiana*, não. O exemplo *Acabei de adquirir um Van Gogh* é motivado, como já discutimos anteriormente, pelo princípio cognitivo da *experiência humana*, que implica preferir o que é “humano”, e pelo princípio cognitivo das preferências culturais, de modo que ativamos a metonímia AUTOR PELA OBRA, e tomamos a obra como produto único e exclusivo do artista, e por consequência, uma extensão de sua personalidade.

Pontuados os aspectos acima, cabe ainda considerar uma grande contribuição à teoria cognitiva da metáfora e da metonímia que advém da teoria conceptual da mesclagem/*blending* (FAUCONNIER E TURNER, 2002). Para abordarmos tal contribuição, faz-se necessário, em primeiro lugar, a apresentação de tal teoria. É o que faremos na seção a seguir.

2.3.6 As redes de Integração Conceptual e a Mesclagem

A Teoria da Mesclagem ou o processo de integração conceptual, desenvolvido por Fauconnier (1994, 1997) e reelaborado por Fauconnier e Turner (2002), constitui-se como um dos mais importantes construtos teóricos da Lingüística Cognitiva. Em termos postos por Miranda (2004:225-226):

a mesclagem é uma operação cognitiva genérica, que atua em diferentes níveis de abstração, com múltiplas funções e em diversificados contextos. É, portanto, um mecanismo cognitivo de produtividade lexical e renovação gramatical. Para Fauconnier (1997), a mescla “é um poderoso processo de construção de sentido *on line*; é dinâmica, flexível e ativa no pensamento”.

Em contínuo processo de reelaboração e aperfeiçoamento, tal teoria vem descortinando novas hipóteses, pondo à prova a eficácia das hipóteses já formuladas, reparando as possíveis falhas ou insuficiências analíticas, discutindo com outras vertentes em busca tanto de novas contribuições como também como forma de contribuir para outras

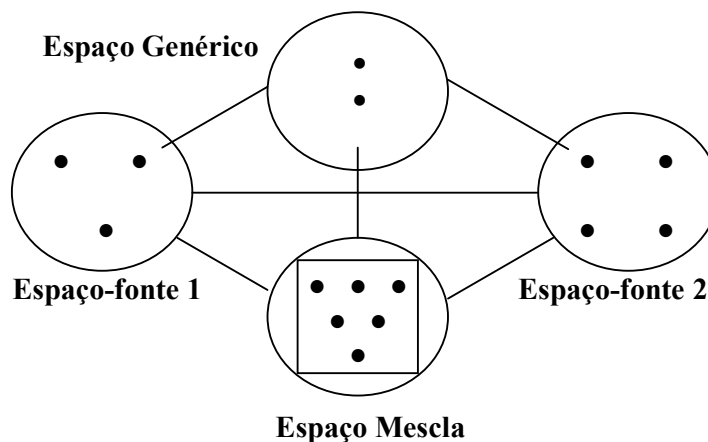
pesquisas. Tal processo evidencia, entre outras medidas, o caráter científico e não meramente “celebrativo” da descoberta em questão. Portanto, como alertam Fauconnier e Turner (2002), a proposta não é se restringir à afirmação da riqueza do poder projetivo da mente humana, mas, entre outras coisas, delimitar objetivos, princípios constitutivos e de governabilidade desta capacidade.

A partir da delimitação do **objetivo central do processo de mesclagem**, que é **operar na escala humana**, Fauconnier e Turner (2002) explicam a mescla como um mecanismo de **compressão** (comprimir para entender), pois, é por meio deste processo que “comprimos o que é difuso, obtemos insights globais, fortalecemos relações vitais, fazemos emergir histórias e vamos do múltiplo ao uno” (FAUCONNIER E TURNER, 2002:346), de modo a tornar possível a integração de significados para se alcançar a compreensão. Tais objetivos se ancoram em nossa capacidade inconsciente de preferir o mais familiar, isto é, nossas experiências humanas mais básicas, em lugar daquilo que é distante ou complexo.

Como **elementos constitutivos** das redes de integração conceptual, ou do Processo de Mesclagem (FAUCONNIER E TURNER, 2002), temos, minimamente, quatro espaços mentais ou domínios: **dois espaços-fonte** (domínios locais ou espaços mentais que se instituem a partir de domínios conceptuais estáveis ou *frames*), **espaço genérico** e **espaço mescla**. **Projeções seletivas e estrutura emergente** integram ainda esse processo. Em termos de princípios de funcionamento, temos que os espaços-fonte atuam em redes que se constroem pela projeção seletiva de elementos de um espaço para outro, para se integrarem no espaço genérico, que representa um local de homologia, onde se encontra o que há de comum entre as fontes envolvidas. Das projeções advindas de todos estes domínios resulta um novo espaço, a mescla, com sua estrutura emergente. Este novo espaço terá vestígios dos demais, mas será inteiramente inédito, ou seja, embora contenha traços herdados de outros domínios, a

estrutura emergente apresenta um novo sentido, que não está claramente dado, mas é conceptualizado em meio ao processo.

A ativação sistemática de pelo menos quatro espaços configura o caráter multidirecional e não apenas unidirecional do processo cognitivo da mesclagem. A formalização abaixo apresenta as condições destacadas acima para uma rede mínima:



Em relação à estrutura emergente do espaço-mescla cabe pontuar a natureza das operações básicas que a instituem, atuando na construção do *sentido emergente*. Fauconnier e Turner (1997, 2002) apontam três diferentes operações, quais sejam, **composição**, **completamento** e **elaboração**. Por meio da **composição**, combinamos os materiais conceptuais provenientes dos espaços-fonte. Já o **completamento** envolve o recrutamento de conhecimento e estruturas conceptuais na memória de longo prazo e a sua ativação no processo de integração. A **elaboração** trabalha como desenvolvimento imaginativo da integração, passível de ser prolongado indefinidamente (FAUCCONNIER E TURNER, 2002:48)

Quanto à natureza das projeções “entre” e “intra” domínios, Fauconnier e Turner (2002:89-111) consideram a existência de conexões conceituais fortemente reiteradas, que vão nomear como **relações vitais**. As relações vitais atuam como reguladoras ou guias do processo de mesclagem e são, pois, projeções **entre** domínios-fonte que se comprimem **intra**

domínio mescla. Buscando tornar mais clara a natureza das relações vitais, os autores apresentam uma tipologia das mesmas, sugerindo, sem pretensão de esgotamento, a existência de pelo menos quinze tipos: relações vitais de *Mudança, Identidade, Tempo, Espaço, Causa-Efeito, Parte-Todo, Representação, Papel, Analogia, Desanalogia, Propriedade, Similaridade, Categoria Intencionalidade e Unicidade*.

Torrent (2005) demonstra, por meio da análise de *Dom Casmurro* de Machado de Assis, como se realizam as compressões de relações vitais. Por exemplo, o delineamento do caráter da personagem Capitu implica a compressão de *Mudança e Identidade*, pois, para Bento, as atitudes desta na infância fundamentam a traição da vida adulta. Além disso, comprimem-se também *Identidade e Unicidade*, pois, mesmo com o passar dos anos, Capitu ainda é a mesma. Já o próprio Bento comprime *Identidade e Unicidade*, pois é ao mesmo tempo um narrador e um personagem. Bento, também, tenta comprimir o *Espaço* ao relatar que vai recuperar sua adolescência reproduzindo sua antiga casa.

Fauconnier e Turner (2002:113-137) trazem ainda para a teoria da mesclagem uma nova contribuição. Trata-se da tipologia das redes de integração. Segundo os autores, quatro tipos de redes são possíveis: a Rede Simplíssima, a Rede em Espelho, a Rede de Escopo Único e a Rede de Escopo Duplo.

Segundo Fauconnier e Turner:

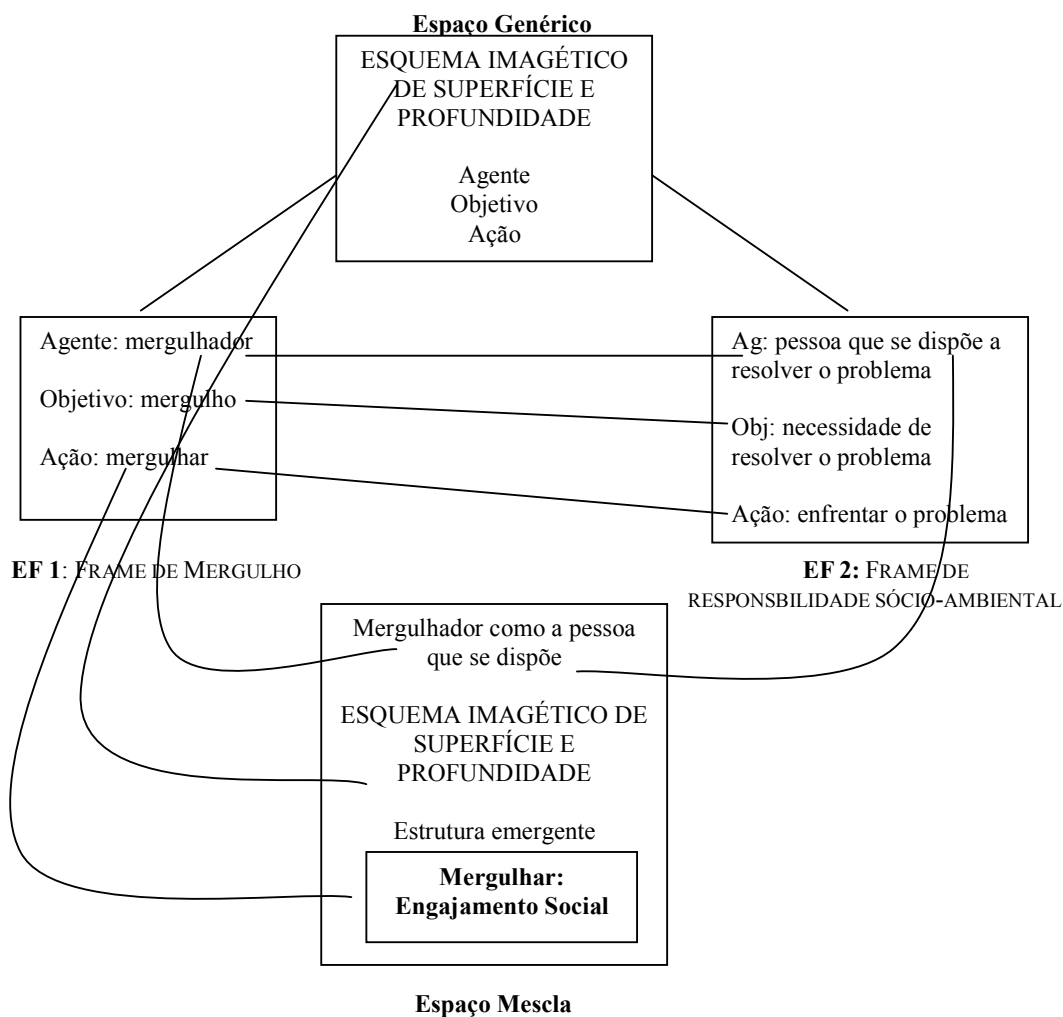
as múltiplas possibilidades de compressão e descompressão, para a tipologia dos espaços mentais, os tipos de conexão entre eles, os tipos de projeção e emergência, produzem uma vasta gama de possíveis tipos de redes de integração. No meio desta diversidade, quatro tipos de rede de integração se destacam: simplíssima, em espelho, de escopo único e de escopo duplo. O modelo em rede prevê suas existências a partir de princípios teóricos, e de fato, quando nós olhamos o laboratório da Natureza, nós encontramos uma forte evidência de que estas redes realmente existem (FAUCONNIER E TURNER, 2002:119).

Para ilustrar o processo de integração conceptual descrito na presente seção, utilizaremos uma expressão metafórica retirada da seguinte sentença: “A questão da água é

tão séria e preocupante, que ao homem restam três opções: **mergulhar de cabeça no problema**, manter as barbas de molho ou definitivamente, lavar as mãos para o problema”. A sua formalização respeita os princípios da REDE EM ESCOPO DUPLO, uma vez que esta é definida por ter seus espaços mentais organizados por *frames* distintos que podem ou não conflitar entre si, sendo a mescla composta por elementos de ambos os domínios, além de ter configurada uma estrutura emergente inédita.

O primeiro apontamento a ser feito refere-se ao campo semântico trabalhado na sentença como um todo: trata-se da exploração da terminologia em torno da palavra água. Nas três expressões formuláicas ou idiomáticas envolvidas na passagem há ao menos um termo que faça referência à água, como o verbo *mergulhar* em “mergulhar de cabeça no problema”, o substantivo *molho* em “manter as barbas de molho”, e o verbo *lavar* em “lavar as mãos para o problema”. Analisaremos apenas a primeira expressão, a título de demonstração da Teoria da Integração Conceptual. Além disso, nossa perspectiva contraria, a Hipótese Forte da Composicionalidade, pois, compreendemos que cada uma das expressões apresentadas possui uma riqueza de significação para além do que a soma de suas palavras pode informar.

Mergulhar de cabeça no problema



Analisaremos a expressão “mergulhar de cabeça no problema”, apresentando passo a passo cada procedimento exigido pelo processo de Integração Conceptual:

1. Em primeiro lugar é necessário destacar os **Espaços-Fonte**, doravante **EF**.
 - O **EF 1** evidencia uma leitura não-marcada, esperada, suscitada pelo *frame* de Mergulho, no qual há um **agente** (mergulhador) com um **objetivo** (o mergulho) que desempenha uma **ação** (mergulhar). Neste caso o verbo mergulhar é tomado em seu sentido de submergir na água.

- Já o **EF 2** é construído a partir de um outro *frame*, o de responsabilidade sócio-ambiental, e apresenta a perspectiva marcada, e por isso não esperada, de “engajamento social”, que envolve disponibilidade de um **agente**, com a **necessidade**, que não é exclusiva deste agente, de resolver um problema, do que decorre a **ação** de enfrentar o problema. Aqui o verbo mergulhar é tomado como “ir a fundo” na tentativa de resolver a questão.

2. No **Espaço Genérico** os dois EF compartilham os elementos: agente, objetivo e ação. Além disso, os dois EF se configuram por um mesmo **esquema imagético de superfície e profundidade**. Nos termos do princípio da corporificação do pensamento, postulado pela Linguística Cognitiva, tal esquema se origina da nossa experiência de movimentação corporal, de submergirmos completamente em água. Assim este esquema imagético dimensiona a base conceptual da expressão metafórica “mergulhar de cabeça no problema” como encarar o problema em sua profundidade abandonando a superficialidade de soluções paliativas. Deste modo vemos que o espaço genérico contém as estruturas e organizações comuns das duas fontes, ou seja, ele apresenta as características compartilhadas, o que há de comum entre os espaços-fonte. É portanto, um domínio estável e mais abstrato.

3. No **Espaço Mescla** surge o resultado da integração conceptual, já que ele emerge das *projeções seletivas* dos três espaços acima descritos e contém vestígios de todos eles, tendo porém, caráter inédito. Este resultado, denominado de *Estrutura Emergente*, não estava pronto em nenhum espaço anterior. Assim, o Espaço Mescla herdou do **EF 1 a identidade do mergulhador** e do **EF 2 a identidade da pessoa que se disponibiliza**, juntamente com o **objetivo de resolver o problema** e o desempenho da ação. Deste modo, este espaço construiu seu próprio conteúdo que emergiu a partir destas projeções, e do *esquema imagético de profundidade e superfície* o que nos leva a inferir que a *estrutura emergente* seja “Mergulhar como Engajamento Social”, já que se trata de uma prática que

exige do agente uma disponibilidade profunda, intensa, completa. O domínio mescla foi gerado, portanto, a partir das projeções dos demais espaços e possui uma *estrutura emergente* própria, distinta da estrutura das fontes que o constituem.

4. As relações vitais que se comprimem em meio ao processo cognitivo de mesclagem são:

- Identidade: entre mergulhador e pessoa que se dispõe a resolver o problema;
- Desanalogia: os espaços-fonte são de natureza distinta, o EF 1 configura um *frame* interacional de mergulho, e o EF 2 configura um *frame* conceptual de responsabilidade sócio-ambiental;
- Intencionalidade: advertência a situação preocupante em relação à questão da água;
- Unicidade: o entendimento que se depreende da integração destas relações vitais.

2.3.7 A contribuição da teoria da mesclagem à teoria da metáfora e da metonímia

Novas contribuições advindas da *teoria da integração conceptual, ou mesclagem*, podem ainda ser acrescidas de modo a traçarmos um paralelo comparativo entre a Teoria Conceptual da Metáfora, desenvolvida por Lakoff e Johnson (1980) e a Teoria da Integração Conceptual, ou Mesclagem reelaborada por Fauconnier e Turner (2002). Enquanto a primeira postula a relação entre dois domínios apenas (domínio-fonte e domínio-alvo), caracterizando o fenômeno como estritamente unidirecional e focalizando a integração nas relações conceptuais estabelecidas nos domínios estáveis, a segunda postula a relação entre múltiplos domínios, o que caracteriza o fenômeno como multidirecional e focaliza o discurso *on line*, nos espaços mentais, nas novas conceptualizações que podem ser estabelecidas no momento

da interação, e por isso, podem ser temporárias. Desta forma, para a Teoria da Integração Conceptual, as representações mentais não ocorreriam em pares como na teoria da metáfora, mas haveria correlação entre mais de um par. Outra diferença destacada, portanto, acerca das relações metafóricas serem vistas como pré-estabelecidas, na teoria lakoviana, dão lugar às conceptualizações temporárias na perspectiva integracionista. Tais mudanças, além de complementar o que já havia sido proposto pela teoria da metáfora conceptual, serviriam para dinamizar ainda mais o processo e dar conta de muito mais casos, que antes eram de explicações bastante implausíveis.

2.4 Considerações finais

A eleição dos pressupostos teóricos da Hipótese Sociocognitiva da Linguagem como fundamentos para reflexão e análise de nosso trabalho foi uma imposição de nosso objeto de pesquisa, uma vez que esta abordagem oferece uma série de recursos e vantagens para nossa investigação. Como uma das vantagens, podemos mencionar o modo de compreender a significação lingüística a partir da afirmação de sua natureza dinâmica, projetiva e multidirecional. Além disto, considera parte integrante deste processo de significação um sujeito encarnado, e não idealizado, que está inserido em uma sociedade, em uma cultura, apresenta uma história, e possui uma corporalidade própria.

Deste modo, os recursos analíticos desta abordagem evidenciam a vinculação com este novo modo de entender e estudar a linguagem, concebendo-a como uma rede de integração entre forma e sentido, que se processa pela nossa capacidade projetiva e imaginativa.

Partindo destas premissas, investigaremos os processos de integração conceptual presentes na constituição metonímica dos estereótipos sociais, focalizados a partir de sua contribuição à constituição do gênero piada.

3 IDENTIDADE, ESTEREÓTIPO E PIADA - O ESTATUTO SOCIOCOGNITIVO

*Le rire châtie certains défauts à peu près comme la maladie châtie certains excès.
Henri Bergson*

*Les attitudes, gestes et mouvements du corps humain sont risibles dans l'exacte mesure où ce
corps nous fait penser à une simple mécanique.
Henri Bergson*

O presente capítulo tem por objetivo teórico principal apresentar como, ao modo da Lingüística Cognitiva, a **identidade, o estereótipo e o gênero textual 'piada'** se constituem sociocognitivamente. Nosso intento é, pois, em última instância, apresentar o estatuto sociocognitivo dessas categorias, como escopos fundamentais à nossa análise voltada para a constituição do estereótipo social no gênero 'piada'.

Antes de atingirmos tal objetivo, no entanto, cabe-nos apresentar, ainda que de modo breve, outras contribuições aos temas do humor, da piada e do estereótipo, procedentes de diferentes perspectivas disciplinares ou diferentes campos do saber, que estarão, de algum modo, enriquecendo nossas abordagens analíticas. É o que faremos à seção 3.1. Nesta seção, destacamos, a princípio, dois marcos fundamentais nesse eixo temático, quais sejam a *Poética*, de Aristóteles, no campo da Filosofia, e *Os chistes e sua relação com o inconsciente*, de Sigmund Freud, no campo da Psicanálise. No Brasil, no campo da Lingüística, os estudos mais representativos sobre o humor e, em especial, sobre as piadas se alinham com os trabalhos de Sírio Possenti, e são majoritariamente desenvolvidos a partir dos estudos da Análise do Discurso. Destacamos o livro *Os humores da língua* (POSSENTI, 1998). Além destas contribuições, verificamos a constituição dos estereótipos a partir do senso comum, para em seguida apresentarmos como este conhecimento cotidiano é interpretado pela Psicologia Social, tomando estes estudos como exemplo do que se produz em outras áreas.

À seção 3.2, os estudos de Fauconnier e Turner (2002), dentro do campo da Linguística Cognitiva, nos conduzem ao nosso foco principal, qual seja, o estatuto sociocognitivo e cultural da **relação vital de Identidade (A=A)**, assim como dos padrões e princípios de igual natureza que subjazem à construção do **Caráter** (traços que identificam, imprimem marca a A). Do mesmo recorte teórico emerge o conceito de **estereótipo como modelo metonímico** (seção 3.3.), fundamental a nossa abordagem analítica (LAKOFF, 1987). A vitalidade cognitiva da narrativa é tratada à seção 3.4, que conta com estudos da *Mente Literária* de Turner (1996) (seção 3.4.1), e ainda à seção 3.4.2 apresentamos um estudo do gênero ‘piada’ para uma abordagem da narrativa como um padrão cognitivo.

A discussão acerca de tais categorias terá fundamental importância na apreensão de nosso objeto de estudo, qual seja, a constituição metonímica dos estereótipos socioculturais nas piadas, guiando-nos na compreensão do processo lingüístico e sociocognitivo que os institui, e na análise de sua participação na estrutura composicional do gênero ‘piada’.

3.1 Diferentes olhares e distintas contribuições

3.1.1 Da injúria à comédia: o humor segundo Aristóteles

Dentro do campo Filosófico, considerada sua extensão, diversas poderiam ser as abordagens, dado que muitos pensadores tocam a temática do humor ainda que tangencialmente. Não se trata de realizar um histórico do pensamento filosófico acerca do assunto. Por isso, numa tentativa de buscar uma perspectiva mais originária, tomaremos por amostra as reflexões de Aristóteles, um dos maiores expoentes do período clássico e verdadeiro paradigma para as reflexões posteriores.

O texto sobre o qual nos debruçaremos, Livro I da *Poética*, trata-se de um estudo filológico, do qual interessam-nos as idéias acerca da comédia, embora esta seja tratada de

forma desproporcional (apenas um capítulo dentre os vinte e seis) em relação ao espaço dedicado à tragédia. O fato é que o suposto Livro II, que deveria ser direcionado a sua reflexão, acabou por ser um escrito que se perdeu.

A “poética” do título, para além dos debates entre os estudiosos, refere-se tanto à arte poética num sentido mais abstrato, como à criação poética no sentido concreto, uma vez que o filósofo articula arte (*ars*) e artista (*artifex*) em sua reflexão. Para Aristóteles, poesia é imitação e imitar é “congénito no homem”, já que, “por imitação o homem aprende as primeiras lições” (ARISTÓTELES, 1979;243).

Procedendo pelo método que vai do mais geral para o particular, ou nos dizeres do próprio filósofo, “das coisas primeiras” à “causa final”, Aristóteles principia por uma diferenciação das ações imitativas para classificar as diversas formas de poesia. Numa escala ascendente, afirma que as diferenças se dão pelo fato de que o homem imita por meios diversos, coisas diversas (objetos) e de modos diversos. É através destes critérios que ele caracteriza *a comédia, a epopéia, a tragédia, o ditirambo e o nomo*.

A caracterização quanto ao objeto nos interessa mais propriamente, pois nela reside a primeira e principal diferença entre a *comédia* e a *tragédia*. Para Aristóteles, ao imitar, os poetas imitam “homens que praticam alguma ação”, que por esta razão podem ser encarados como indivíduos de elevada ou baixa índole, conforme procedem pelo vício (inclinação para fazer o mal) ou pela virtude (inclinação para realizar o bem). Esta classificação de elevada e baixa índole não deve ser confundida com a apresentada por Platão e nem pela posteriormente patenteada no cristianismo. A ética aristotélica inscreve-se no domínio da ação prática. Com isto, o objeto da imitação podem ser “homens melhores, piores ou iguais a nós”, diz o autor referindo-se respectivamente aos heróis, à multidão e à aristocracia da qual faz parte. Ora, a *tragédia* e a *epopéia* têm por objeto homens de elevada índole (“melhores”) e a *comédia* debruça-se sobre os homens de baixa índole (“piores”).

Outra diferenciação entre as “espécies de poesias” reside no modo como se efetua a imitação, isto é, valendo-se dos mesmos meios ou dos mesmos objetos, um poeta pode imitar, segundo o autor, na forma narrativa ou dramática. A primeira caracteriza-se pela presença de um narrador que pode ser externo ou um dos personagens, e a segunda pelos diálogos entre os diversos personagens.

A questão da métrica aparece na reflexão para reforçar a dualidade ética que encerra a principal distinção entre a tragédia e a comédia. Homero, mesmo tendo sido “supremo poeta do gênero sério”, introduz em comédias como *Margites*, um tipo de verso que foi denominado de jâmbico, porque naquela época se injuriava (*iâmbizon*) usando esta métrica, explica o autor.

Desta forma, a comédia assume, finalmente, um estatuto literário, equivalente ao da tragédia. Tratava-se agora, não mais de simples jambos, isto é, de injúrias ou zombarias, mas sim de uma expressão estética e artística que dramatizava “não o vitupério, mas o ridículo”.

À parte disto, o autor afirma não poder, como o faz para a tragédia, proceder a uma história das transformações ocorridas na comédia, como, por exemplo, a história da introdução do uso das máscaras, uma vez que, antes, esse gênero não era composto por um coro oficial, mas por voluntários e só depois de abandonada a poesia jâmbica (de injúria), passou a ter autoria identificada e aspirou “diálogos e argumentos de caráter universal”. A citação a seguir serve como um resumo desta reflexão:

A comédia é como dissemos, imitação de homens inferiores; não, todavia, quanto a toda a espécie de vícios, mas só àquela parte do torpe que é o ridículo. O ridículo é apenas certo defeito, torpeza anódina e inocente; que bem o demonstra, por exemplo, a máscara cômica, que sendo feia e disforme, não tem [expressão de] dor. (ARISTÓTELES, 1979;245)

Destes breves apontamentos feitos pelo filósofo, interessa-nos perceber características originárias do humor e do cômico que nos permitem o diálogo com que, hoje, nos deparamos. A visada fortemente depreciativa por ele apresentada demonstra que, de início, o cômico

estava associado à imitação de baixa qualidade, feita por poeta de baixa inclinação, acerca de ações de homens de baixa índole, notadamente, a “multidão”. De fato, ele sugere que a comédia, como gênero literário digno de nota, é uma evolução dos ditos “jambos”, espécie de injúria ou mesmo xingamento, comumente proferido. Ora, é este caráter de ser largamente difundido entre falantes e ouvintes da língua, que faz com que o cômico desmereça a atenção do pensador aristocrata.

Por outro lado, as reflexões do pensador grego sobre a comédia apontam para outro aspecto interessante do humor que é o da não-identificação ou da alteridade, quer dizer, a estratégia, nesse gênero, não é a de fazer o público se identificar com o que está sendo veiculado, como na tragédia. Pelo contrário, é do outro que se zomba, é do outro que se ri, ninguém ri de si ou aceita ser zombado. Como o objetivo não é a identificação, mas a alteridade, a comédia não traz heróis exemplares, antes o seu objeto são os “homens piores”, sujeitos de toda espécie de vício ou apenas do que é ridículo.

Trata-se, portanto, de outra característica que distingue comédia e tragédia, isto é, o traço ético. Enquanto na tragédia, a moralidade se expressa por atitudes de alta estima que devem ser tomadas como exemplo, na comédia dá-se o contrário, uma vez que expressa os maus hábitos que devem ser evitados. Foi, exatamente, a compreensão do potencial ético das comédias que as trouxe de volta para a cidade, por intermédio de poetas já consagrados.

Outro aspecto que se nos apresenta, reside no dado de que a comédia, atingindo assim o seu mais alto grau de evolução, como na obra de Homero, apresenta uma estrutura oficial constando de um coro, elementos de cenografia, versos bem trabalhados e, por fim, as **máscaras**. Estas nos interessam mais de perto, uma vez que iremos tratar das piadas e de como se valem de certos estereótipos, que desde as primeiras comédias ficam materializados nas suas diferentes e “disformes” expressões.

Pelo estudo das máscaras, podem-se compreender estas características que destacamos da obra de Aristóteles acerca da comédia, isto é, sua origem na multidão e seu interesse por ela, com todos seus vícios; e a alteridade como estratégia para gerar o humor, mas também para transmitir moralidade. As máscaras, que os latinos vão chamar de *persona*, posto que o som deveria passar através delas, apresentavam ao público mais do que personagem, mas personalidades, isto é, traços marcados que tinham por objetivo criar uma identidade, facilmente percebida. Eram máscaras disformes para destacar um determinado caráter, para gerar o humor, e para ninguém querer se identificar. Entretanto, como vimos, embora na comédia ri-se do outro, muitos se reconheciam ou eram reconhecidos através das personagens, numa dialética entre identidade e alteridade que acabava por criar constrangimento, ironia e humor.

3.1.2 Os chistes e o inconsciente- a contribuição de Freud

Sigmund Freud dedicou-se, sobretudo, ao estudo da fisiologia e da neuropatologia, produzindo contribuições importantes acerca da afasia e da paralisia cerebral. Os estudos em neurologia levaram Freud a se interessar pelos aspectos psicológicos das doenças nervosas. Justamente quando ele abandonou a hipnose como método de trabalho e passou a implantar o método de associação livre em suas investigações sobre a histeria, Freud identificou o nascimento da Psicanálise.

Segundo este método, o que está inconsciente, ou seja, internamente desconhecido, torna-se perceptível por meio das palavras, da linguagem, pois “o paciente fica livre para falar o que lhe vier a mente, fazendo assim associações isentas de críticas, independente de toda reflexão consciente.” (FREUD, 1905). Desta forma, Freud busca evidenciar o papel fundamental do inconsciente para nossa vida mental, utilizando, como via de acesso, além do método de associação livre, os atos falhos e os sonhos. Os atos falhos novamente trazem a

linguagem como meio para revelar o inconsciente, uma vez que, ao serem produzidos, permitem a manifestação de uma expressão reprimida.

Dada a amplidão dos estudos freudianos e o estreito recorte do objeto do presente estudo, interessa-nos, no momento, uma discussão mais focalizada, voltada para os procedimentos de *deslocamento* e *condensação*, tomados pelo autor como fundamentais à compreensão dos chistes. É neste ponto, pois, que reside uma possível convergência com os estudos que pretendemos desenvolver acerca das piadas, sob um viés sociocognitivo da linguagem.

Começemos por apontar o que vem a ser o *deslocamento* e a *condensação*. O primeiro procedimento refere-se ao “desvio no curso do pensamento, no deslocamento da ênfase psíquica para outro tópico que não o da abertura” (FREUD, 1905;57), enquanto o segundo consiste em fundir numa só imagem dois ou mais elementos que possuem algo em comum, do que resulta uma espécie de tradução abreviada (FREUD, 1978).

Para Freud, os chistes desempenham um papel muito importante em nossa vida mental e, por isso, deveriam receber mais atenção de pesquisadores e estudiosos de diversas áreas do conhecimento. Desta forma, o autor justifica ou valida sua investigação no campo do humor.

Freud colheu, entre alguns pesquisadores, definições para os chistes. Entre elas temos, assim como em Aristóteles, aquela que enxerga uma conexão entre o cômico, o feio e a caricatura. Em outra, percebe-se o chiste como um jogo lúdico, já que para Jean Paul Richter (apud FREUD,1905:19), “fazer chistes é simplesmente jogar com idéias”. Ou ainda definições do tipo: “habilidade de encontrar similaridades entre coisas dessemelhantes, isto é, descobrir similaridades escondidas”; “habilidade de fundir com surpreendente rapidez várias idéias”; “contraste de idéias”; “sentido no nonsense”; “desconcerto e esclarecimento” (FREUD, 1905).

Como característica do chiste, destaca-se a questão da fugacidade, ou seja, um chiste é um comentário sucinto que devido à produção de uma idéia inédita, ou inesperada, provoca o riso. Assim nos termos de Jean Paul Richter (apud FREUD, 1905) “a brevidade é o corpo e alma do chiste, sua própria essência”. Portanto, para Freud as duas teses fundamentais acerca dos chistes são: a sua forma de expressão e a produção do prazer. O autor não propõe uma delimitação dos contornos do que venha a ser um chiste ou a sua diferença em relação ao gênero que denominamos como piada. De fato, em sua obra, os exemplos de chistes se misturam com exemplos de piada.

Para Freud, as fontes do prazer do chiste se relacionam à técnica e aos propósitos. Deste modo, ele analisa uma série de chistes para apresentar suas técnicas e discute os propósitos a partir de uma classificação dos chistes. Entretanto, Freud questiona sua própria categorização ao se perguntar acerca da possibilidade de reagrupá-las sob um conceito mais amplo, ou seja, a idéias de “uma tendência à economia”. Nos termo do autor

O uso múltiplo do mesmo material é, afinal, um caso especial de condensação; o jogo de palavras nada mais é que uma condensação *sem* formação de substitutivo; portanto, a condensação permanece sendo a categoria mais ampla. Todas estas técnicas são dominadas por uma tendência à compressão, ou antes à economia. Tudo parece ser uma questão de economia. (FREUD, 1905;49).

Nosso foco não é explicar as técnicas ou os propósitos dos chistes, mas fazer referência àqueles que parecerem estabelecer uma relação com os pressupostos que defendemos. Deste modo, tomemos a explicação de Freud acerca do modo pelo qual o prazer procede dos chistes (a técnica e os propósitos). Para o autor, este prazer não está necessariamente relacionado, de modo direto, ao riso, mas proporciona uma satisfação. Assim, o cerne da “*produção de prazer corresponde à despesa psíquica que é economizada*” (FREUD, 1905;116). O que Freud propõe com esta afirmativa não é apenas a corroboração da tese da brevidade dos chistes; ele introduz a idéia de uma forte tendência à **compressão**, de maneira mais ampla. Nos termos do próprio autor, o deleite deve ser, sem dúvida,

atribuído à economia na despesa psíquica. O prazer em um chiste emergente de um tal “curto-circuito”, parece ser também maior quanto mais diferentes sejam os dois circuitos de idéias conectados pela mesma palavra – quanto mais longe estejam, maior é a economia que o método técnico do chiste fornece ao curso do pensamento. (FREUD, 1905;118).

Desta forma, um chiste comprime dois contextos, duas idéias, duas situações ou duas imagens de modo que desta compressão derive o prazer. Há aqui uma nova questão que merece destaque. Freud defende que as piadas trabalham, ao mesmo tempo, com **dois circuitos de idéias distintos** que, justamente por parecerem desconexos e subitamente se encontrarem emparelhados, é que provocam o desencadeamento do prazer.

As contribuições de Freud acerca dos chistes revelam a complexidade de nossos processamentos mentais referentes, entre outras coisas, aos usos da linguagem. Usos estes que podem proporcionar alívios de descarga psíquica levando à sensação de prazer. Outra contribuição que nos interessa, diz respeito ao caráter compartilhado dos chistes. Freud postula que o processamento do chiste se dá necessariamente entre duas pessoas, de modo que a satisfação é desencadeada na pessoa que o ouve. Nas palavras de Shakespeare, citado por Freud (FREUD, 1905: 119) “*a fortuna de um gracejo reside no ouvido de quem escuta, nunca na língua de quem o faz*”. Fernandes (2006), retoma esta hipótese postulando a *categoria vazia*, como veremos à seção 3.4.2.

Conceitos como os de **condensação ou compressão** entre **circuitos de idéias distintas**, promovidos pelo inconsciente freudiano, ainda que postos em ângulo teórico inteiramente distinto daqueles pressupostos pela Lingüística Cognitiva, apontam, sem dúvida, para construções teóricas fundamentais a este modelo, tais como, o conceito de mesclagem e de domínios conceptuais (cf. cap.2). De algum modo, os *insights* teóricos de modelos tão distintos se aproximam, ou seja, o inconsciente cognitivo e lingüístico definido pelos cognitivistas também opera compressões entre o que nomeamos *frames*.

3.1.3 Estudos lingüísticos da piada no Brasil

No Brasil, existem alguns estudos lingüísticos sobre o humor e, em especial, sobre a piada. Sírio Possenti, pelo fato de ter-se dedicado, durante um bom tempo, ao estudo e análise lingüística de piadas, tornou-se uma referência muito recorrente neste campo de pesquisa, presente na grande maioria dos trabalhos acadêmicos encontrados em nosso país. Destacamos *Os humores da Língua* (1998), entre suas diversas publicações, pois, contém artigos escritos entre 1988 e 1996 referentes aos estudos produzidos acerca da pesquisa, análise e descrição de piadas.

O que vemos nesse estudo é uma convergência com os estudos de Freud, a partir do que já foi exposto na seção anterior, ao se caracterizar a piada, ou o chiste, como um texto com dois *scripts* de base. A diferença reside no fato de Freud defender uma junção das idéias por meio do processo de *condensação*, enquanto Possenti parece apontar apenas e, de modo breve, a focalização ou passagem de uma leitura (*script* 1) para outra (*script* 2). Segundo Possenti, “Freud e Raskin estão salvos: temos dois mundos, ou dois *scripts* conjugados de forma econômica” (POSSENTI, 1998;148).

De fato, o trabalho de Possenti (1998) se concentra na natureza lingüística da piada (piadas com questões fonológicas, morfológicas, lexicais, dêiticas, sintáticas, de pressuposição, de inferências, de conhecimento prévio, de variação lingüística e de tradução – são os tipos propostos pelo autor) ou na natureza sociocultural dos sentidos que evoca e provoca (estereótipos e preconceitos), chamando a atenção para relevância das suas condições de produção.

Cumpramos ainda salientar o caráter de deboche ou crítica expresso em algumas piadas. Como já mencionamos anteriormente, o cômico evolui dos ditos jambos, que nada mais eram do que uma forma de injuriar ou ofender, dando origem, mais tarde, a “espécie de poesia” que Aristóteles identifica como comédia. Talvez seja esta origem que leve Possenti a questionar

um dos lugares-comuns ditos acerca da piada: “o humor é crítico” (POSSENTI, 1998;48). Como afirma o autor, temos tendência a generalizar, o que nos leva a concluir que o humor seja algo progressista. Não que ele tenha a obrigação de conscientizar e transformar sociedades, mas o prazer, o fazer rir, a satisfação proporcionada por estes veículos talvez não nos conduzam sempre à reflexão; ao contrário, é provável que possam contribuir para a manutenção do *status quo*, como bem provam, por exemplo, as piadas racistas ou sexistas presentes em nossa cultura.

Conforme pudemos assinalar, os trabalhos apresentados na presente seção mostram, cada um a sua maneira, a relevância do humor, do cômico e de gêneros textuais que os veiculam em nossa cultura. Cabe-nos demarcar, pois, a abrangência de cada um dessas contribuições frente aos estreitos limites de nosso objeto de investigação. De qualquer forma, referenciá-los é um compromisso de qualquer um que se aventura no território do “riso”. Outro compromisso é, na medida do possível, dispor de suas contribuições para a fixação de nosso próprio olhar.

3.1.4 O estereótipo no senso comum e na academia

Em geral, o estereótipo está relacionado com a idéia de clichê e/ou de preconceito. De fato, fontes como dicionário e enciclopédia revelam o “sentido original” do termo como sendo o de copiar a partir de um molde ou modelo, tornado clichê, padrão, tipo. “Imprimir por estereotipia”, “converter em clichê”, “converter em fôrmas ou lâminas fixas”, “reproduzir”. Entretanto, trazem também definições referentes à percepção do senso comum, ou uso cotidiano, “vulgar”. Neste sentido, por extensão, o estereótipo é formulado como “uma imagem preconcebida de determinada pessoa, coisa ou situação”, ao modo da imagem dos ingleses em relação aos franceses (ou vice-versa) ou das tramas de novelas mexicanas. Estas

imagens são preconcebidas culturalmente, e por esta razão mesma acabam por se fixar como preconceitos.

O interesse da Psicologia Social, ao se debruçar sobre a questão do estereótipo, é exatamente o de compreender como tais preconceitos se constituem no inconsciente individual e, sobretudo, no coletivo. Discutindo a mediação da cultura entre indivíduo e sociedade, as pesquisas nesta área enfocam os estereótipos das minorias sociológicas, construídos como imagens depreciativas, repugnáveis, e às vezes até extermináveis, que podem gerar conflitos e perturbações de ordem social e psicológica.

Assim, no cenário da investigação nacional⁴, muitos trabalhos sobre os estereótipos versam sobre questões raciais, de gênero, homossexualismo e vários temas polêmicos. Tais trabalhos concluem que os estereótipos são construídos por um imbricado processo psicológico que visa categorizar grupos sociais de maneira a não apenas estabelecer características gerais que os rotulem, mas também a não permitir a individuação daqueles que se vêem rotulados.

Quanto à questão da identidade, vale mencionar a existência de um número significativo de trabalhos desenvolvidos, em diferentes vertentes da investigação lingüística, sobre tal tema. A título de exemplo, temos as reflexões na Análise da Conversa (AC), na Sociolingüística Interacional e na Análise do Discurso (AD) que consideram o relevo de tal categoria frente aos diferentes modos de efetivação do discurso, das práticas lingüísticas.

Nas vertentes teóricas mencionadas, observa-se, hoje, uma profunda relação entre os estudos da identidade e os estudos da narrativa, o que conduz o foco das pesquisas para o modo sociointeracional e cultural dos indivíduos se apresentarem quando narram histórias. Trata-se, portanto, da construção da própria identidade, reconhecida como *self*. O indivíduo,

⁴ Em busca nos bancos de dados informatizados do CNPq e outras Fundações de Amparo à Pesquisa, pudemos encontrar diversos trabalhos neste sentido. Selecionamos 14 trabalhos desenvolvidos na UFBA, orientados por Antônio Marcos Chaves, Marcos Manoel Pereira, Marilena Ristum e Marcos Eugênio Lima, porque abordavam mais diretamente a relação entre cognição e estereótipo, enquanto representação social.

ao narrar, está organizando uma experiência própria, e também está construindo, para o outro, a imagem de quem ele é.

Esta perspectiva, pelo menos nos trabalhos a que tivemos acesso⁵, está preocupada mais especificamente com a construção da identidade própria do sujeito (*self*), enquanto personagem de sua própria narrativa. Nossa pesquisa, centrada no personagem que compõe a narrativa minimalista do gênero ‘piada’, está voltada para a construção de um conceito de identidade mais abrangente e coletivo, que implica, de forma mais substancial, o reconhecimento do OUTRO. Não se trata desde já da identidade de si mesmo ou do *self*, mas sim da identidade de outros personagens que não a do narrador.

Poderíamos, por certo, compreender a presença de estereótipos e a construção da identidade no discurso humorístico a partir destas distintas abordagens. Entretanto, conforme já explicitado no capítulo anterior, a presente investigação se recorta a partir de uma abordagem sociocognitiva da linguagem, que acreditamos dispor de construtos teóricos mais relevantes para nossa análise. Daí, nossa escolha pela Lingüística Cognitiva.

3.2 O estatuto sociocognitivo da identidade

3.2.1 A identidade como uma relação vital

Conforme apontado pelo título o presente capítulo elege como foco de estudo principal o estatuto sociocognitivo do estereótipo social. Para alcançarmos tal objeto, passamos a um percurso necessário pelas questões de relevo postas pela Lingüística Cognitiva acerca do estatuto da relação vital de Identidade e acerca do Caráter.

⁵ Nosso levantamento de trabalho conta com artigos publicados em livros como, o de PEREIRA, Maria das Graças Dias. Construção da identidade gerencial no jogo interpessoal das emoções em uma reunião empresarial. In: Maria Cecília de Souza e Silva e Daniel Faïta (orgs). *Linguagem e trabalho: construção de objetos de análise no Brasil e na França*. S.P.: Cortez, 2002. P.175-191; e revistas (Veredas 2002) a) Discurso e vertigem: identidade em narrativas contemporâneas, de Branca Falabella Fabrício e Luiz Paulo da Moita Lopes; b) A Experiência da Imigração e a construção Situada de Identidades, de Maria do Carmo Leite de Oliveira e Liliana Cabral Bastos.

Começamos por uma síntese do verbete “identidade” nos dicionários. **Identidade** – qualidade de idêntico; o reconhecimento de que uma coisa ou um indivíduo são os próprios; conjunto de caracteres próprios de uma pessoa: nome, idade, sexo, etc.; reconhecimento de que um indivíduo, morto ou vivo, é o mesmo (AURÉLIO, 1985).

Dito em termos ainda mais claros, identidade é o reconhecimento de que A é igual a A ($A=A$), isto é, de que uma porta é uma porta, uma árvore é uma árvore, um cachorro é um cachorro, um indivíduo é um indivíduo.

Nos termos do paradigma sociocognitivista presentemente assumido, vale anunciar, como fundamento primeiro, que **a identidade não é uma noção primitiva**. Nesse recorte teórico, tal noção depende de amplos processos de integração conceptual, isto é, depende de três propriedades cognitivas básicas: identidade, imaginação e integração. A identidade, é, de fato, um empreendimento da imaginação humana. Não está pronta; é um dos tipos de relações vitais, uma construção dinâmica que implica a projeção imaginativa, a integração entre domínios (*frames* conceptuais). A vida mental é impensável sem contínuas compressões e descompressões de identidade.

É sob este recorte cognitivo que passamos a definir a relação vital de identidade, para, em seguida, definir o caráter individual e coletivo forjados na cultura, na sociedade, donde emergem os estereótipos como modelos metonímicos.

Em um belo trabalho dedicado ao modo como pensamos e aos complexos segredos da mente humana, Fauconnier e Turner (2002), começam por afirmar, de modo enfático, o estatuto cognitivo de três operações “básicas, misteriosas, poderosas, complexas e principalmente inconscientes”, (FAUCCONNIER E TURNER 2002, p6) responsáveis pela nossa capacidade de construir significados. Denominadas como **os três “Is”** da cognição humana, **Identidade, Integração e Imaginação** são as três operações referidas. Os autores defendem que, através da junção *destes três “Is”*, podemos categorizar o mundo, apreendê-lo,

conceder-lhe significado, uma vez que são eles a chave para a invenção do significado e que o valor até das mais simples formas reside nas dinâmicas complexas que fazem emergir na mente imaginativa. (FAUCONNIER E TURNER, 2002:6)

Segundo os autores, **a Identidade**, a mais básica das relações vitais, nos permite perceber as diferenças e as semelhanças entre as coisas e os seres. Sabemos, portanto, que $A = A$, o que nos possibilita identificar sempre uma porta como uma porta, por mais inusitada que seja; um indivíduo como ele próprio (o mesmo *value*/valor), em todo o curso de sua vida, em diferentes formas (como bebê, na infância, na adolescência, na idade adulta) e papéis (como filho, como irmão, como amigo, como colega, como diretor, como professor...). Desta forma, a *identidade* nos permite lidar com os conceitos de semelhança, equivalência, oposição, e diferença, processados em nossa consciência de modo bastante elaborado. Este processamento se dá em meio à interação com os indivíduos e com o mundo, ou seja, a identidade, vale reiterar, não está pronta, não é um primitivo cognitivo, neurobiológico ou evolucionário. Assim, a identidade, na perspectiva contemporânea das ciências cognitivas, **não é garantida pela forma**; ao contrário, é elaborada e construída sociocognitivamente no fluxo da vida, da cultura e do discurso.

O segundo *I*, a **Integração**, possibilita a compreensão de um conjunto de informações por meio de processos dinâmicos de projeção e compressão de domínios de conhecimento. Esta operação se realiza de maneira dinâmica, inconsciente, mas está sempre presente, trabalhando de modo rápido, nos “bastidores da cognição”. É por meio da *integração* que conseguimos elaborar as identidades e oposições, e assim comprimir toda uma série de informações para projetar somente as que forem necessárias para a compreensão de um dado evento. É uma operação efetuadas *on line* no instante em que interagimos e construímos significações.

Para os autores é, de fato, **a *Imaginação* que possibilita resultados inusitados e apenas parcialmente previsíveis**. Isto porque, a *identidade* e a *integração* não podem, por si só, dar conta do significado e seu desenvolvimento sem a *imaginação*. O que veremos adiante, é que os produtos da mesclagem conceptual são sempre imaginativos e criativos. É a imaginação que possibilita a construção de significados tanto cotidianos, como também possibilita o inusitado, a surpreendente criatividade humana.

O que a ciência cognitiva afirma, portanto, e de forma categórica, é que todas estas operações são dinâmicas e se processam de modo integrado. Do mesmo modo, afirmam a insuficiência da forma para garantir a unidade, a identidade de uma coisa como uma coisa. Tal afirmação é, sem dúvida, a senha para uma nova era da ciência. Dada como algo pronto e resolvido pelo senso comum e pelos paradigmas teóricos formais, o problema da identidade só passou a ocupar o centro da atenção quando se tornou um freio para o desenvolvimento tanto da ciência cibernética, da inteligência artificial, como para o das ciências sociais e humanas.

O império da forma ou a “Era da Forma”, nos termos de Fauconnier e Turner (2002:3), erguido por diferentes tradições teóricas e por grandes avanços científicos (a inteligência artificial, a cibernética, os modelos lógicos, algorítmicos, as regras axiomáticas construídos no campo das ciências sociais, como da Lingüística, da Psicologia, da Educação, da Economia, ou das ciências biológicas) e tecnológicos (a internet; o dinheiro virtual, as fórmulas matemáticas que regem nossa economia, nossas vidas, nossas dívidas, os clones...) alcançados no século XX, acabou por reforçar a crença de que o conhecimento humano e mesmo a vida, em sua riqueza e complexidade, poderiam ser reduzidos à manipulação de estruturas formais essenciais e a suas transformações.

É nesse sentido que os autores assinalam, no século que se inicia, o declínio da Era da Forma e a superação de modelos formalistas na busca pela compreensão da cognição e da

linguagem humanas. Primeiro, a euforia de que as máquinas pensariam como os humanos, através de programas de computador como o *Eliza*; depois, o reconhecimento dos limites da inteligência artificial (IA). O *Eliza* é um programa que busca “iludir” quem está diante dele, para que pense estar participando de uma rica conversação real. Desta forma, tal programa procura evidenciar a capacidade que o computador possui de reproduzir, algoritmicamente, falas humanas. Aparentemente, tem-se a impressão de uma conversa real, entretanto, o mecanismo do programa consiste em dar “respostas enlatadas baseadas nas ligações superficiais de palavras, perguntas e afirmações (...) que facilmente se adequam a quase toda conversação real” (FAUCONNIER E TURNER, 2002:5).

Segundo os autores, estar diante do programa *Eliza* é como estar diante da armadura do herói Aquiles vazia; parece que Aquiles está ali, mas, de fato, não está. Os autores utilizam esta imagem para contrapor a Era da Forma à Era da Imaginação, relacionando a armadura do herói grego Aquiles à forma, e a sua pessoa à imaginação. Isto porque, por mais forte, resistente e temível que a armadura (forma) possa ser, sozinha, ela não possui o poder de vencer uma batalha como fazia o herói. Somente o ser humano, e neste caso, o ser fictício das narrativas de Homero, seria capaz de pensar, raciocinar, ponderar, construir estratégias, e criar situações por meio da integração dos três Is da cognição humana, para se safar de alguma enrascada ou para prever o modo de se chegar à vitória.

Foi, pois, o avanço mesmo da Era da Forma que acabou por mostrar os seus próprios limites. Embora a mente humana seja capaz de inventar máquinas tão extraordinárias capazes de executar ações seguindo uma direção algorítmica explícita, ela própria não opera da mesma maneira; persiste o dado da imaginação. O problema foi compreender que as máquinas não são e talvez jamais sejam “a imagem e semelhança de seu criador”. Todas as maravilhosas invenções do século passado derivam de uma manipulação sistemática da forma e a forma não é substância. Assim, o computador que simula o clima, não faz chover sobre

nós; o *google earth* não é o território, não nos permite pisar em Paris ou sentir a brisa de Londres; o retrato digitalizado de um filho que pode ser transmitido eletronicamente por milhares de terminais de computadores não é o filho... O significado atribuído a tais formas, construído de modo imediato, traz a ilusão mesmo de que estamos diante da criança, mas isso só é possível porque uma operação cognitiva complexa de uma mente humana garante a unidade, permitindo construir a identidade entre o retrato e o filho.

Assim, os seres humanos só dispõem de formas tão elaboradas porque dispõem de efetivas habilidades para construir significados. A forma é, pois, uma força potencial que pode ser usada dinamicamente, imaginativamente. Portanto, as máquinas, por mais brilhantes que possam ser, **não possuem a capacidade de promover os três Is da cognição humana.** Para a inteligência artificial, a categorização conceptual é um problema, enquanto para a cognição humana é um efeito extremamente básico, realizado dinamicamente. Os autores perguntam: “O que poderia ser mais simples do que reconhecer que uma árvore é uma árvore?” A *identidade* nos permite fazer tal reconhecimento de modo instantâneo. Já as máquinas não possuem a mesma habilidade. Assim, robôs podem ser algoritmicamente programados para jogar xadrez, mas não para dar conta de tarefas “simples” como, por exemplo, sair de uma sala através do “simples” reconhecimento de que uma porta é uma porta ($A=A$). Por outro lado, uma criança, por mais ingênua que seja, não encontra qualquer dificuldade para realizar tal tarefa.

“Como esta façanha acontece nos bastidores da mente humana?” - esta é a pergunta que se coloca na agenda investigativa de vários campos científicos, inclusive no da Lingüística. Assim, questões e problemas referentes à identidade, aos processos de integração de conhecimento e à capacidade imaginativa da mente humana passaram a ocupar a cena da ciência cognitiva, da neurociência, da cibernética, freando o otimismo de que máquinas de tradução, de visão, de locomoção, por exemplo, a curto prazo, estariam a nosso serviço. *The*

biding problem, o problema da integração, é como a neurociência nomeia o desafio central que enfrenta contemporaneamente. Na mesma direção, a Linguística Cognitiva vai apontar os três Is da cognição, buscando desvelar tais operações e o seu papel no processamento da significação lingüística e de qualquer outra semiose.

3.2.2 A Identidade e o Caráter

Sob o mesmo viés dos estudos da Linguística Cognitiva, passamos a uma discussão de grande relevo para nossas análises. Trata-se de padrões e princípios culturais e cognitivos gerais de construção da identidade (A=A) e, mais especificamente do caráter (traços que identificam, imprimem marca a A), individual e coletivo, o que nos levará diretamente à formação do estereótipo. Para Fauconnier e Turner (2002: 249-267), identidade e caráter são construções que emergem a partir de nossas habilidades de observação e extração de regularidades de *frames e comportamentos* (FAUCONNIER E TURNER, 2002: 252).

Para que possamos conceber de modo mais concreto a identidade e o caráter, os autores iniciam a discussão tomando a *Odisséia* como ponto de partida e remetendo à figura de Odisseu, herói que empresta o nome ao título da narrativa épica. Ou seja, a *Odisséia* relata as aventuras vividas por Odisseu, e sintetiza, de algum modo, seu caráter de líder heróico, corajoso, fiel, persistente, confiante, entre outros atributos. Assim, em qualquer situação vivida nessa grande aventura, a estabilidade do caráter de Odisseu estará assegurada.

Segundo Fauconnier & Turner (2002, p 249), tal façanha narrativa resulta de um engenhoso trabalho imaginativo da mente humana. Assim é que o caráter transporta ou projeta *frames* e reminiscências reconhecíveis para que possamos compreender ou perceber as características específicas de um personagem. Desse modo, somos capazes até de antever o que determinado personagem diria ou o comportamento que teria em *frames* diversos a partir de um caráter estável que lhe atribuímos. Nessa perspectiva, os autores anunciam um

princípio básico a tal questão, qual seja, o de que **tanto o caráter quanto o *frame* são instrumentos culturais cognitivos básicos**. Explicam, ainda, que há uma tendência a se pensar que os *frames* tenham uma importância maior na definição das redes de integração conceptual (redes simplíssima, em espelho, de escopo único, de duplo escopo (cf. seção 2.3.6)), entretanto, identidade/caráter e *frame* são de igual relevância na constituição dessas redes. Assim é que o mesmo *frame* é transportado através de diferentes caráter (o *frame* de ensino/aprendizagem institucional permanece o mesmo, ainda que professor e alunos sejam outros) e o mesmo caráter também pode ser projetado por diferentes *frames* (uma personalidade política como Maluf permanece como é, não importa a situação vivida ou imaginada).

Nos termos do “modo como pensamos”, tal relação entre *frames* e caráter pode ser definida da seguinte forma (FAUCONNIER E TURNER, 2002: 251):

1. Um caráter pode permanecer essencialmente o mesmo, em *frames* altamente distintos.

Consideremos os exemplos abaixo:

Exemplo1: *Se fosse o FHC, a Bolívia já tinha parado com esta imposição.*

No cenário político brasileiro atual, ante a crise da Petrobrás com a Bolívia, temos dois *frames* distintos (governo Lula e governo FHC), mas o caráter de FHC, ainda que em situação não vivida, permanece o mesmo, permitindo enunciar uma expectativa de reação ante o episódio político em questão, distinta da reação do governo Lula.

Exemplo 2: O personagem Bentinho em *Dom Casmurro*

No plano da ficção nacional, D. Casmurro é sempre o mesmo, ainda que, ao longo da narrativa machadiana, seja transportado por muitos e distintos *frames*.

Exemplo 3: *Já sei o que o pai diria...*

Em diferentes *frames* familiares, o caráter do pai é sempre o mesmo, de modo a permitir projetar o conteúdo de sua possível fala (espirituosa, engraçada, por exemplo), ainda que ele esteja até morto.

Exemplo 4: *Você compraria um carro desse homem?*

O exemplo citado por Fauconnier e Turner (2002: 251), referente a uma campanha anti- Nixon; revela um caráter que permanece (não confiável), mesmo em um *frame* em que o Presidente Nixon jamais participaria.

2. Um *frame* pode permanecer essencialmente o mesmo ainda que povoado por caráter diferentes.

Nesse caso, *frames* como o de comércio, de governo são essencialmente o mesmo, ainda que diferentes caráter o povoem. Assim, se João é o vendedor ou se Maria é a compradora, ou se os papéis se invertem, o *frame* de compra/venda permanece essencialmente o mesmo.

A complexidade da estabilidade do caráter através de diferentes situações é um tópico altamente complexo e infinitamente explorado no mundo da literatura, por exemplo. Tal projeção ocupa papel de relevo nos processamentos cognitivos em mescla, onde **padrões gerais**, na construção do caráter individual e coletivo, emergem com clareza, como anunciamos a seguir (FAUCCONNIER E TURNER, 2002: 251-252):

Padrão 1: O caráter pessoal - Extraímos regularidades de diferentes comportamentos da **mesma pessoa** para construir um espaço genérico definidor do caráter daquela pessoa.

Padrão 2: O caráter coletivo - Extraímos regularidades de **distintos comportamentos de muitas pessoas para construir um espaço genérico para um tipo de comportamento**. Temos, nesse caso, a construção de um tipo de comportamento que pode servir para enquadrar diversas pessoas.

Padrão 3: Os dois padrões interagem.

Exemplos desses padrões genéricos estão presentes não só na literatura, como também nas teorias populares e ainda no campo da ciência. Na psicologia popular, os testes como “descubra quem você é” (se você é ciumento, violento, obsessivo, estressado, viciado etc), fartamente explorados em revistas, consistem em operar compressões do padrão 2 – extrair regularidades do comportamento de diferentes pessoas para criar um padrão de comportamento e um modelo de caráter para o qual o teste conduz a identificação de cada um de nós. Os horóscopos operam com o mesmo padrão (virginianos, taurinos; geminianos). Na ciência do comportamento, o mesmo padrão 2 se repete: neuróticos, psicopatas, esquizofrênicos são, como os signos de zodíaco, um tipo de comportamento aferido a partir da extração de regularidades de distintos e múltiplos comportamentos.

O que temos, portanto, é que identidade/caráter e *frames* são instrumentos cognitivos básicos; têm igual relevo nos complexos processos de integração conceptual, e que a construção da identidade e do caráter implicam, necessariamente, a consideração do *frame* em que emergem.

A partir da afirmação dos padrões anunciados, Fauconnier e Turner (2002: 252) definem os seguintes princípios gerais presentes na relação entre caráter e *frames*:

1. Para clarificar um único *frame*, deve-se preenchê-lo com diferentes caráter essenciais;
2. Para clarificar o relacionamento entre *frames*, deve-se preenchê-lo com o mesmo caráter essencial;
3. e para clarificar o caráter essencial, deve-se transportá-lo por diferentes *frames*

Naturalmente, estes dois aspectos (*frame* e caráter) não são sempre distintos, uma vez que certos caráter podem estar atados aos seus *frames*, sem possibilidade de variação, como é o caso de Sherlock Holmes, que tem o caráter atado ao *frame* de investigação policial. O mesmo pode-se dizer de um caráter de “santa” ou de “prostituta”. Há uma forte implicação entre o *frame* e o caráter, de modo que Madre Tereza de Calcutá jamais poderia operar no

frame de prostituição, a menos que mudasse de caráter. O inverso disso, de prostituta a santa, também só é possível ante uma mudança de caráter; é o que o Novo Testamento nos conta sobre Maria Madalena.

É desses padrões e princípios, portanto, que emergem **os estereótipos**, como marcas individuais (padrão 1) ou coletivas (padrão 2). É assim que, observando-se o comportamento de muitos gays, sogras, gaúchos, portugueses, atribuímos a eles uma marca de caráter (despudor, chatice, ignorância...) que, posta em absoluta relação de força e relevância, passa a representar o todo de cada conjunto (A PARTE PELO TODO). É o que veremos a seguir, na postulação do **estereótipo como um modelo metonímico**. Do mesmo modo, para testar a estabilidade do caráter do português, o transportamos por distintos *frames* (princípio 3), nos quais o seu comportamento esperado é sempre o mesmo. No gênero piada, a exploração desses princípios e padrões constitui-se como parte estruturante dos jogos de mal-entendidos intencionalmente criados. É o que voltaremos a considerar em nosso capítulo de análise.

3.3 O estereótipo como modelo metonímico

Dentro do mesmo viés argumentativo, estamos atribuindo ao estereótipo, conforme anunciado, um estatuto sociocognitivo e assumindo o seu conceito nos termos propostos por Lakoff (1987), isto é, como um **modelo cognitivo metonímico que define culturalmente as expectativas acerca do que determinado indivíduo deva ser**. Assim, “os estereótipos sociais são casos metonímicos, nos quais **uma subcategoria tem um status reconhecido socialmente como padrão para a categoria como um todo**, usualmente para o propósito de marcar rápido julgamento sobre a pessoa” (LAKOFF 1987, p.79).

No gênero narrativo específico das piadas, a questão da identidade e do caráter perfaz, substancialmente, a idéia de estereótipo social, uma vez que, em muitas dessas piadas, as que

nos interessam mais propriamente para esta análise, é desta forma que se constitui o personagem-protagonista. O português, a loira, o gay, o gaúcho, o negro, o Joãozinho, entre outros, surgem como mote para diversas piadas, sempre identificados por características marcadas que modelam um caráter como estereótipo.

Para prosseguirmos, dois conceitos precisam ser discutidos, pois juntos compõem o quadro teórico necessário para o desenvolvimento de nossa análise: modelos metonímicos e efeito prototípico.

Primeiro, com relação aos **modelos metonímicos**, conforme já apresentado à seção 2.3.5, entende-se a metonímia, nos mesmos termos que a metáfora, como um processo cognitivo básico, rotineiramente usado para gerar inteligibilidade, isto é, para tornar fácil a compreensão de algo a partir da percepção do **todo pelas partes**, de alguns aspectos das **partes pelo todo** ou mesmo de **uma parte por outra parte**, ou por outras relações mais específicas como *produto pelo produtor*, *lugar pelo evento*, entre outros. Modelos Metonímicos existem em abundância em nosso sistema conceptual, destinados a uma variedade de propósitos.

Em segundo lugar, tem-se o conceito de **Efeito Prototípico**, que é entendido como uma gradação que parte de um protótipo, ou exemplo central, de acordo com a conceptualização de nossa experiência, motivado pelo princípio cognitivo da *experiência humana* e pelo princípio cognitivo *das preferências culturais*. Como este efeito está relacionado ao modo particular dos indivíduos conceptualizarem o mundo, ele partirá de “um tipo de julgamento que apresenta uma gradação a partir do “melhor exemplo”” (LAKOFF 1987, p.80), para uma determinada cultura. Deste *melhor exemplo*, ou *o central* ou *o protótipo* partiriam as demais variações para a formação do que Lakoff denomina como *categoria radial* (LAKOFF 1987, p.91). As variantes não são necessariamente geradas pelo protótipo por meio de regras, mas o protótipo determina a possibilidade de extensão da rede ao mesmo

tempo em que estabelece as relações entre ele e toda a extensão do modelo. Assim, esta extensão é descrita como *motivada pelo protótipo*.

Para exemplificar sua hipótese, Lakoff (1987) toma o complexo *frame/MCI* de mãe e o submodelo de criação, como **parte desse todo**, como gerador do estereótipo da mãe dona-de-casa. Segundo ele, o estereótipo da mãe-dona-de-casa é proveniente do modelo de criação, por estar associado àquela mãe que pode estar em casa todos os dias com a sua criança para educá-la, alimentá-la, cuidar de sua saúde, de sua higiene e manutenção. Lakoff (1987) concorda que parece óbvio que o estereótipo de mãe-dona-de-casa seja relativo ao modelo de criação, contudo faz uma ressalva afirmando que não se trata de um fato trivial. Este fato prova que “os modelos metonímicos, assim como os estereótipos não são necessariamente definidos em relação ao modelo cognitivo/*frame* inteiro. Neste caso, o modelo metonímico é caracterizado em relação a um único submodelo desse *frame* complexo – o modelo de criação” (LAKOFF 1987: 80).

Por duas razões principais, os modelos de estereótipos são considerados importantes para a teoria da estrutura conceptual: primeiro porque *podem ser usados para motivar e definir uma subcategoria em contraste* (LAKOFF 1987: 81), e segundo porque *definem expectativas julgadas como normais ou estranhas* (LAKOFF 1987: 81). Em outras palavras, no caso do estereótipo de mãe-dona-de-casa, temos como contraste, a mãe-que-trabalha-fora. A expressão “fora” entra como acréscimo, pois, em nossa cultura trabalhar fora significa não trabalhar em casa. Deste modo, a expressão é usada para não haver confusão com os serviços domésticos que são “obrigação”, ou pertencem às funções, da mãe-dona-de-casa.

Mesmo sabendo que o *frame* de mãe suscita várias informações, tais como, mãe adotiva, madrasta, mãe biológica, mãe social, mãe solteira, mãe desnaturada, barriga de aluguel, entre outros, segundo Lakoff, em nossa cultura, a expectativa julgada normal para o modelo cognitivo de mãe seria a mãe-dona-de-casa, de modo que ela seria o modelo central

ou prototípico para a rede. Como já foi dito anteriormente, para o autor, o estereótipo define as expectativas em torno do que será normal ou estranho para determinado modelo. Neste sentido, seria normal dizer: “*Ela é mãe, mas ela não é dona de casa*”. Por outro lado, soa estranho dizer: “*Ela é mãe, mas ela é dona de casa*”, uma vez que ser dona de casa é o que se espera de uma mãe. Nos mesmos termos, as expectativas em torno do estereótipo da “loura”, em inúmeras piadas, tornam estranha a afirmação de que “*Ela é loura, mas é burra*” (cf. cap. 4).

3.4 O estatuto cognitivo da narrativa

3.4.1 A Mente Literária

Histórias fazem parte de nossa constituição cultural, seja em forma de relatos acontecidos conosco ou com outros, em forma de sonhos, críticas, ou quando ensinamos ou aprendemos, e ainda, quando nos divertimos, lendo, assistindo a um filme ou a uma peça teatral, ou ouvindo ou contando uma piada, entre outros.

As narrativas nos constituem culturalmente por várias razões, entre elas, pelo fato de, ao mesmo tempo, perpetuarem ensinamentos que são passados uns para os outros e terem seu sentido renovado, reconstruído dentro de um novo contexto comunicativo. Mark Turner (1996) afirma que pensamos por meio de histórias e, por isso, nossa mente seria essencialmente literária. Nossa capacidade racional depende de nossa imaginação narrativa, pois é por meio de histórias que relembramos o passado, predizemos o futuro, planejamos, explicamos.

Para exemplificar sua tese, o autor cita a história das *Mil e uma noites*, na qual a heroína, Shahrazad, se utiliza de histórias diversas “como meio de sobrevivência”. De acordo com a narrativa, um rei, após ter uma decepção amorosa, ao descobrir que sua esposa o traía,

decidiu se portar de maneira vingativa se casando com uma virgem por noite e assassinando-a na manhã do dia seguinte às núpcias. Assim, ele fazia com uma a uma das moças do reino, que era selecionada por um vizir, seu conselheiro. Este vizir era o pai de Shahrazad, que se angustiava ante o sofrimento daquelas moças. Por isso, ela pediu ao pai que a selecionasse como próxima noiva, mas prometeu que não seria mais uma vítima, pois, seu plano era contar histórias ao rei que nunca se acabassem. Assim, ela não seria assassinada na manhã seguinte e viveria sempre a contar histórias.

Com o objetivo de fazê-la desistir desta idéia, o pai de Shahrazad, no lugar de dar um conselho à filha, conta-lhe a fábula de um burro e de um boi. Nesta história, havia um fazendeiro que compreendia a fala dos animais e em certo dia ouviu um o boi lamentando com o burro do excesso de trabalho, e da injustiça que sofria, pois, além de ficar com a pior parte do serviço perdia a melhor da comida que era destinada ao burro. O burro aconselhou ao boi que fingisse uma doença. O boi seguiu o conselho do burro. Como o fazendeiro ouviu toda conversa, o burro foi trabalhar no lugar do boi. Assim, o pai de Shahrazad busca dissuadi-la por meio de uma história.

Estes dados da história são substancialmente férteis de argumentos para o desenvolvimento de nosso raciocínio. Inicialmente, por tratarem da já aludida **capacidade imaginativa** humana, que materializada pela personagem de Shahrazad, evidencia a **história como um instrumento fundamental de nosso pensamento**. Posteriormente, a atitude do pai que, além de confirmar esta idéia, ainda nos remete a um conceito com o qual trabalharemos, nomeado por Turner (2002) como **projeção parabólica**.

Este conceito, que também lembra bastante a parábola em seu sentido narrativo - como aquelas contadas por Cristo para proporcionar a reflexão, o julgamento e a mudança de atitude de seus seguidores - apresenta uma carga metafórica intensamente marcada por permitir explicar algo em termos de outro, contribuindo para a produção de novos sentidos a

partir de projeções entre domínios de conhecimento. É assim, pois, que, ao optar por uma narrativa, e não por um conselho direto, para explicar a filha que o que ela faria seria uma atitude pouco inteligente de trabalhar no lugar dos outros, o vizir evidencia esta **capacidade humana parabólica, de projetar uma história em outra**. Assim, o pai faz com que a filha se projete para a posição do personagem que sofre no lugar dos outros, pois, segundo Turner (2002), uma história pode dizer mais que um ato diretivo de fala.

Podemos, e fazemos com frequência, inconscientemente, a projeção de uma história em outra, como forma de atualizar seu sentido. Por estas razões, a narrativa é uma atividade cognitiva básica e fundamental para estruturação de nosso pensamento.

Turner ainda acrescenta que nosso pensamento seria estruturado em termos de **protonarrativas**, ou seja, através da organização dos eventos e da construção do significado, processadas a partir de um **esquema básico: AGENTE-AÇÃO-OBJETO**. Tal esquema básico emergiria de nossas experiências corporificadas (experiências sensório-motoras de movimento, deslocamento, manipulação, por exemplo), configurando-se de diversos modos: “fazer alguma coisa para alguém”, “dar alguma coisa para alguém”, “mover alguma coisa para algum lugar”, etc.

A partir dessa linha argumentativa, Turner vai afirmar que as construções sintáticas evocam cenas conceptuais na mente literária (Cada construção frasal é um micronarrativa!), o que para ele serve como indício de que **a gramática é motivada**, isto é, procede das experiências vividas corporalmente. A mente literária precede a mente gramatical na medida em que as frases recortam cenas no mundo.

Nesses termos, o conceito de parábola revela o poder projetivo de nossa mente e nos faz entender uma fantástica capacidade da cognição humana que é a de “aproveitar” esquemas já construídos e “adaptá-los” a um novo contexto. O pressuposto é, pois, de que nossa mente, por seu poder imaginativo, é capaz de “aproveitar” esquemas de protonarrativas (agente-ação-

objeto) e projetá-los parabolicamente na arquitetura de nossa gramática. Assim, palavras replicam e comprimem uma micro-narrativa (pianista: alguém que toca piano; faxineira: alguém que faz faxina, entre outros). Isto se repete também com as frases (João comprou um carro: Paulo quebrou o jarro...). E ainda no âmbito discursivo, em que narrativas se multiplicam desde um micro-gênero, como um provérbio (Quem semeia vento, colhe tempestade; Quem vai ao ar perde o lugar...) até gêneros mais e mais complexos, como uma piada, uma história minimalista, até um romance, uma novela, uma biografia, ou um tratado de filosofia.

Piadas, como veremos, resultam também dessa capacidade projetiva da mente humana, desse poder parabólico de reaproveitar esquemas já construídos em novas redes de construção. É o que veremos à próxima, apresentando uma rápida revisão do trabalho de Fernandes(2006).

3.4.2 O padrão construcional do gênero ‘piada’

Neste capítulo cabe ainda uma breve referência a um recente estudo desenvolvido por Fernandes (2006) acerca da delimitação do padrão construcional do gênero ‘piada’ [PD piada]. no qual encontramos um detalhamento sobre a piada enquanto gênero do tipo narrativo.

Para Fernandes (2006), os gêneros discursivos são concebidos como *Construções*⁶ por apresentarem um pareamento de forma e modos de significar. Neste termos, ela afirma que tais *Construções* devem se entendidas a partir de duas dimensões: como “padrões construcionais abstratos armazenados na Memória de Longo Termo (MLT) e como

⁶ O termo “Construções”, neste trabalho, é tomado tal qual foi desenvolvido por Goldeberg (1995) dentro da perspectiva da Gramática das Construções, como uma unidade básica e singular da língua, definida do seguinte modo : “*C é uma construção se C é um par forma/sentido <Fi, Si> de forma que algum aspecto de Fi ou algum aspecto de Si não seja estritamente preditível das partes componentes da construção ou de outras construções previamente estabelecidas.*” (GOLDBERG, 1995:4).

construções instanciadas a partir de padrões abstratos como exemplo de prática social” (FERNANDES, 2006: 101).

A partir desse enquadre, a autora apresenta três hipóteses específicas acerca do gênero “piada”, das quais as duas primeiras nos interessam mais especificamente: (i) a existência de um Padrão Abstrato Narrativo Genérico (PANG), que é armazenado como item lexical na MLT, e inseminaria todos os tipos de padrões de gêneros narrativos, tais como a lenda, o romance, **a piada**, o conto e etc; (ii) o Padrão Discursivo do Gênero ‘PIADA’ [pd ‘piada’], que inseminado pelo PANG **instanciaria** uma rede de construções substantivas de piadas, ou seja, construções “concretas”; e (iii) tal rede de construções seria estruturada a partir de dois *clusters* básicos (FERNANDES, 2006: 102).

Para nossa análise, a delimitação do [PD “piada’] possui maior relevância, uma vez que, para a autora é o “conhecimento discursivo que, em termos de expectativa convencionalizada, nos permite saber que “uma piada é uma ‘piada’”” (FERNANDES, 2006: 106). Deste modo, o [PD ‘piada’]:

1. é inseminado pelo PANG;
2. como conseqüência, pertence ao tipo textual narrativo;
3. possui um forte grau de convencionalização e por isso deve ser reconhecido como um padrão construcional menos aberto;
4. possui, como marcas de convencionalização, o traço de **brevidade**, uma vez que, piadas são narrativas curtas, e a **quebra de expectativas**, já que o final é sempre surpreendente;
5. implica, em sua estrutura composicional, quatro seqüências: orientação (seq 1), complicação (seq 2 e 3) e desfecho ou resolução (seq 4) Cada uma das seqüências possui características específicas que servem para definir mais propriamente o [PD ‘piada’] como um gênero narrativo distinto dos demais textos de humor.

Tomemos a seguinte piada para evidenciar os pontos destacados:

Havia um brasileiro, um japonês e um português num lugar cercado por um abismo.
 Aí o brasileiro tropeçou num treco: era uma lâmpada mágica.
 Ele esfregou ela, o gênio saiu e falou:
 -Cada um de vocês tem direito a fazer um pedido de se transformar em uma coisa que voe, para saírem desse lugar. Aí foi o japonês, saiu correndo e gritou:
 -Águia!
 E saiu voando. Foi o brasileiro e gritou:
 -Gaivota!
 E saiu voando. Foi o português, correndo, tropeçou numa pedra e gritou:
 -Merda!

A orientação (seq 1), atua como uma organizadora da seqüência narrativa, fornecendo informações contextuais, temporais, espaciais, de identidade, que podem “*aparecer em “ligeiras doses” de informação no início ou ao longo da piada*” (FERNANDES, 2006: 107). No caso da piada acima podemos destacar: “*Havia um brasileiro, um japonês e um português num lugar cercado por um abismo.*”, que traz informações sobre as pessoas que participam do evento e sobre o local onde tal evento se processa. Outra informação é “*era uma lâmpada mágica*”, que introduz na cena um objeto que ativa um *frame* conceptual dos “três desejos concedidos pelo gênio da lâmpada mágica”.

A complicação, que é constituída por duas seqüências, apresenta uma particularidade fundamental. A seqüência 2, vista como não-marcada, pode ser reiterada várias vezes, como temos nas passagens: “*Aí foi o japonês, saiu correndo e gritou*”, “*Foi o brasileiro e gritou*”, e “*Foi o português, correndo*”. Já a seqüência 3 é a marcada e apresenta o ponto culminante da piada, que pode ser visto como o clímax. Em nossa piada destacamos a passagem: “*Foi o português, correndo, **tropeçou numa pedra e gritou***”. Tais domínios se integram pelo processo de mesclagem, configurando o domínio fonte 1 (não-marcado e por isso previsível) e domínio fonte 2 (marcado e por isso surpreendente, o que provoca a quebra de expectativa).

A resolução ou desfecho (seq 4) também apresenta uma peculiaridade muito relevante para nossa análise, pois de acordo com Fernandes (2006) ela pertence ao domínio do alocutário, uma vez que o domínio do locutor “termina” na geração do enigma da piada. Deste

modo, a resolução é a desconstrução do enigma que deve ser feita por quem ouve a piada, e não por quem conta. Ao narrador cabe expor as seqüências de orientação e complicação, apresentando o enigma que deve ser desvendado, e ao alocutário fica a incumbência de desvendar o enigma, preenchendo o “espaço que falta”, ou seja, a *categoria vazia*. A hipótese formulada por Fernandes é de que “a resolução na piada é uma **categoria vazia**, o que implica afirmar que, embora a seqüência 4 não se manifeste de forma explícita no texto enunciado, isso não significa que ela não exista em termos de expectativa do padrão construcional” (FERNANDES, 2006: 110). Deste modo, o desfecho evidencia o jogo interacional que promove uma relação de par adjacente entre a complicação e a resolução / entre o locutor e o alocutário. A resolução se processará por meio da descompressão, ou seja, quando o alocutário recuperar a coerência narrativa, possível através da mescla (FERNANDES, 2006).

Em síntese, o trabalho de Fernandes aponta o complexo estatuto cognitivo da narrativa e, em especial do gênero ‘piada’ [PD piada], como um padrão construcional em rede. A autora apresenta uma rica descrição dos aspectos cognitivos e lingüísticos que instituem o gênero piada, mostrando o caráter fortemente convencionalizado das narrativas minimalistas que o estruturam. Ficam de fora dessa descrição, contudo, os atores que compõem a trama deste gênero (cf. razões dessa ausência na Introdução, cap 1) e se constituem como objeto do presente estudo. Como veremos em nosso capítulo de análise, o forte de grau de convencionalização vai se repetir na edificação dos personagens da piada, marcadamente estereotipados.

3.5 Considerações Finais

A pesquisa em outros campos do saber faz-se necessária uma vez que os limites entre os saberes não são tão rígidos a ponto de impedir o trânsito entre eles. Ao contrário, revelam

uma conexão possível, e é este “intercâmbio” que proporciona o enriquecimento do debate.

Como justifica Freud, ao defender a importância de sua pesquisa acerca dos chistes:

“há uma íntima conexão entre todos os eventos mentais, fato este que garante que uma descoberta psicológica, mesmo em campo remoto, repercutirá imprezivelmente em outros campos” (FREUD,1905;23).

Esta afirmação de Freud delimita, de certa forma, um ponto de convergência com as premissas da Hipótese Sociocognitiva da Linguagem, uma vez que defende, para a produção e compreensão do significado, a necessidade da ativação de uma complexa rede de conhecimentos, como já apresentamos.

Assim, confirmamos nossa filiação aos pressupostos da Linguística Cognitiva por ser esta abordagem que responde de modo mais efetivo as questões postas por nosso objeto. É desta forma que os estudos de Fauconnier e Turner (2002), são contribuições substanciais à nossa pesquisa, pois, ao postularem o estatuto sociocognitivo e cultural da relação vital de Identidade ($A=A$), assim como dos padrões e princípios de igual natureza que subjazem à construção do Caráter, nos possibilitam investigar tais fenômenos como constitutivos do processo de significação do gênero textual ‘piada’.

Da mesma forma, a hipótese de Lakoff (1987) acerca do conceito de estereótipo como modelo metonímico, constitui-se como um acréscimo fundamental a nossa abordagem analítica, uma vez que desvela o caráter estereotipado das personagens nas piadas. Em decorrência disto, verificaremos no próximo capítulo, como um estereótipo, metonimicamente entrincheirado, participa do processo de significação do gênero ‘piada’.

Assim, a perspectiva teórica apresentada neste capítulo acerca da identidade, do estereótipo e do gênero textual ‘piada’, configuram escopos fundamentais a nossa análise que passamos agora a tratar.

4 O PAPEL DO ESTEREÓTIPO NA CONSTITUIÇÃO DO GÊNERO ‘PIADA’

Uma anedota é como um fósforo: riscado, deflagrada, foi-se a serventia. Mas sirva talvez ainda a outro emprego a já usada, qual mão de indução ou por exemplo instrumento de análise, nos tratos da poesia e da transcendência. Guimarães Rosa

O presente capítulo tem por objetivo descrever o **processo de constituição de construções estereotipadas de personagens no gênero textual ‘piada’** e verificar em que medida **tais construções instituem um padrão prototípico na estrutura composicional desse gênero**. Nessa direção, o pressuposto de Sírio Possenti (1998), de que “dificilmente se exigirá um conhecimento exato e exaustivo para entender qualquer piada, porque ela usualmente aciona um estereótipo” (POSSENTI, 1998, p39) serve-nos de pista para investigarmos mais de perto o processo sociocognitivo que subjaz a tal processamento “facilitado” da significação, visando atestá-lo, aprofundá-lo ou mesmo, revisá-lo.

No alcance dessa agenda analítica, buscaremos, em primeiro lugar, descrever o processo metonímico de constituição de algumas das principais construções de estereótipo social encontradas nas piadas (seção 4.2). Em seguida (seção 4.3), passamos à análise da **freqüência de tipos** de estereótipos que comparecem nas piadas e da **freqüência de uso** dos mesmos, relacionando tais dados, respectivamente, com a força de convencionalização e com a produtividade de cada construção estereotipada (BYBEE, apud CROFT, 2004). À seção 4.4, apresentamos as redes de integração conceptual em mescla em que se inserem os estereótipos na constituição das piadas. Por fim, empreendemos uma breve discussão sobre a natureza histórica e cultural dos estereótipos mais freqüentes nas piadas (seção 4.5).

Conforme anunciado no capítulo anterior (seção 3.3), na perspectiva da Lingüística Cognitiva, o estatuto sociocognitivo conferido aos estereótipos é de **modelo metonímico** que define culturalmente as expectativas acerca do que determinado indivíduo possa ser. É deste

modo que os estereótipos sociais são compreendidos como casos metonímicos, nos quais **uma subcategoria tem um *status* reconhecido socialmente como padrão para a categoria como um todo** (LAKOFF 1987:79). É, pois, a partir desse foco conceitual que passamos a analisar os estereótipos.

4.1 Metodologia

Nossas análises se organizam a partir de um *corpus* de piadas, agrupado conforme a “personagem principal”, isto é, o agente que desencadeia uma ação característica e do qual, pelo seu caráter estereotipado, já esperamos uma determinada atitude. Temos, assim, categorizadas em torno de 500 piadas recolhidas em *sites* eletrônicos especializados em humor, revistas impressas ou nos enviadas por e-mail. Esse corpus se organiza em 33 estereótipos diferentes, conforme se pode conferir no quadro I abaixo:

Tipos Estereótipo	Frequência de uso	Tipos Estereótipo	Frequência de uso	Tipos Estereótipo	Frequência de uso
1. português	90	12. loira	8	23. cubano	2
2. Joãozinho	67	13. advogado	7	24. paulista	2
3. caipira	63	14. idosos	6	25. professor	2
4. bêbado	34	15. papagaio	6	26. baiano,	1
5. gay	25	16. corno	5	27. paraibano	1
6. políticos	21	17. argentino	5	28. mulçumano	1
7. pescador	17	18. militar	5	29. racista/negro	1
8. sogra,	11	19. gago	4	30. índio	1
9. comerciante	9	20. japonês	4	31. tarado	1
10. gaúcho	9	21. padre	3	32. pobre	1
11. louco	8	22. freira	3	33. puxa-saco	1

QUADRO I- Tipos e frequência de uso

Além das piadas acima agrupadas, temos mais 85 que não foram catalogadas, pois não apresentam um estereótipo saliente, como é o caso de piadas que falam de casais, animais em geral ou vizinho, tio entre outros temas.

Nossas análises, conforme já anunciado nos capítulos teóricos deste estudo (cap 2 e 3) subscrevem, de modo majoritário, as teses e construtos teóricos principais da Linguística Cognitiva e têm natureza fundamentalmente qualitativa, mas apresentamos também uma abordagem quantitativa, a partir do Modelo de Uso de Bybee (apud CROFT, 2004) que nos permite operar com uma relação entre frequência de uso e grau de convencionalização e frequência de tipo e grau de produtividade da construção (seção 4.3).

4.2 Os estereótipos como padrões construcionais no gênero piada

Partindo, portanto, do conceito de estereótipo como modelo metonímico, nosso trabalho inicial será desvendar o processo de constituição de algumas construções – estereótipos do português, da loira e do bêbado - selecionadas aqui como exemplares dentro do gênero piada. Nosso intento é desvendar em que medida estereótipos sociais integram a estrutura composicional do padrão construcional desse gênero [PD ‘piada’].

Como sabemos que a metonímia procede pela projeção dentro de um mesmo domínio conceitual (*frame* conceitual, em nossa terminologia) passamos, em primeiro lugar, a **descrever os *frames* conceituais “completos” dos quais emergem as projeções metonímicas de modo a gerar cada um dos personagens/estereótipos** acima selecionados. Tal empreendimento implica um esforço interpretativo no sentido de buscar refazer nossa experiência coletiva e social na constituição destes *frames*. Vale, pois, ressaltar que os *frames* conceituais, nos termos presentemente considerados, são estruturas de conhecimento estáveis

e não estáticas e que não carregam qualquer valor de caráter universal (cf. seção 2.3.4.). São complexas organizações de conhecimento marcadas, **convencionalizadas** pela cultura, pelo grupo social que as produz.

Para tanto, vamos nos valer do modelo de MCI/*frame*, constituído, de forma complexa, em “cachos” de sub-modelos, formulado por Torres (2003), a partir de Lakoff (1987), em seu estudo sobre ao processo de personificação em trabalhos acadêmicos. A autora descreve o MCI/ *frame* de Pessoa a partir dos seguintes sub-modelos: sub-modelos étnico e físico, moral/deontico/volicional, cognitivo/epistêmico, interacional/sócio-cultural, lingüístico e psico-emocional. Tal conjunto de sub-modelos nos servirá à descrição de cada *frame* conceitual, de modo **a possibilitar o desenho do processo metonímico gerador de cada construção estereotipada em foco**. Seguindo nossa meta analítica que implica a relação já configurada teoricamente entre Identidade e Caráter, como construções sociocognitivas e dinâmicas (cf. seção 3.2.1), passamos a nomear cada sub-modelo como “caráter”, entendendo caráter como o conjunto de marcas que permitem identificar A=A.

4.2.1 Os *frames* conceituais dos estereótipos

Conforme anunciado, passamos à descrição dos *frames* conceituais dos três estereótipos selecionados acima como modelares: português, loira e bêbado. Outros dois modelos conceituais de estereótipos, do caipira e do Joãozinho, são apresentados em anexo (cf anexo 1), de modo a evitar procedimentos analíticos excessivamente repetitivos.

a. Frame do Português

- O, Maria, estou a morrer de cansaço... Vim correndo atrás do ônibus e, sem nunca o alcançaire, acabei chegando até aqui... meu consolo e que economizei vinte cruzados...

- Mas tu és burro mesmo, hein, Manuel? Por que não correste atrás de um táxi? Terias economizado muito mais!

- “Caráter étnico e físico”: o português é uma pessoa nascida (ou descendente de pessoa nascida) em Portugal, um país da Europa Ocidental, portanto, geralmente tem pele branca e pêlos escuros. Frequentemente, seu físico é representado pela figura de uma pessoa de baixa estatura, com ventre avantajado e bigode farto, neste caso, inclusive as mulheres.
- “Caráter moral/deontico/volicional”: o português é marcado por uma moral cristã, do que se desprende sua devoção e seu modo de vida simples, por exemplo. Leva, portanto, uma vida simples sem maiores desejos ou vontades. Geralmente é associado a profissão de padeiro ou dono de pequenos comércios.
- “Caráter cognitivo/epistêmico”: o português é visto como uma pessoa com pouca capacidade de abstração, raciocínio, discernimento de tal modo que suas atividades cognitivas e epistêmicas o levam ao equívoco.
- “Caráter interacional/sociocultural”: o português participa da cultura ocidental européia, tendo sido nosso colonizador e, por um período, maior potência mundial, embora atualmente, não ocupe a mesma posição de desenvolvimento no cenário internacional. Nas relações sociais, geralmente procura interagir de maneira solícita e pouco conflituosa, sendo um conservador da moral e dos “bons costumes”.

- “Caráter lingüístico”: o português é um falante da língua portuguesa, entretanto, para nós, fica fortemente marcado o seu sotaque que dificulta a comunicação. Além disto, são representados geralmente pelos mesmos nomes: Joaquim, Manuel e Maria.
- “Caráter psico-emocional”: o português não tem um temperamento muito marcado, mas é identificado como uma pessoa séria, adverso ao cômico. Como conservador, procura ser comedido nas suas emoções e sentimentos.

b. *Frame da Loira*

Duas loiras conversando:

-Ontem, quando eu estava subindo a escada rolante do shopping faltou energia. Tive que ficar esperando uma hora em pé até a escada voltar a funcionar.

-Mas essa escada não tinha degraus?

-perguntou a outra loira.

-Claro que sim! – respondeu a primeira .

-Então, por que você não sentou?

- “Caráter étnico e físico”: a loira é uma mulher de cabelos claros, metonimicamente representada pela cor do cabelo. Geralmente tem pele branca. Frequentemente seu físico é representado pela figura de uma mulher marcada pela estética, com um corpo que atrai o olhar devido a sua sensualidade.
- “Caráter moral/deontico/volucional”: a loira não é identificada por nenhum preceito moral, pelo contrário, percebe-se uma certa volúpia, futilidade e apego a bens materiais. Suas vontades, muitas vezes, aparecem como tentativa de um reconhecimento social que vá além de sua bela aparência. Embora queira ser reconhecida, não dispensa sua aparência.

- “Caráter cognitivo/epistêmico”: a loira é vista como uma mulher incapaz de pensar, racionar, ponderar, duvidar, fazer avaliações e estimativas, generalizar, imaginar, discernir, comparar, levantar questões e procurar respostas para elas, **corretamente**. Suas atividades cognitivas e epistêmicas a levam ao equívoco.
- “Caráter interacional/sociocultural”: a loira é identificada por ter uma reduzida bagagem cultural, sobretudo em termos de cultura erudita. Nas suas relações sociais apresenta dificuldades de interação, pois não consegue se afirmar como pessoa. Com isto, acaba por ser usada como “mulher objeto”.
- “Caráter lingüístico”: a loira não é uma boa falante da sua língua, já que muitas das vezes se confunde ou comete equívocos gramaticais, por não compreender o significado das palavras ou uma sentença idiomática.
- “Caráter psico-emocional”: a loira não tem um temperamento muito marcado. Entretanto, por apresentar dificuldades de interação social, pode ser vista como uma pessoa distante, que não se comove ou enraivece em circunstâncias específicas.

c. *Frame* do bêbado

*Um bêbado espancava uma freirinha
que não conseguia dizer nada, ao que o
bêbado exclamava:*

- Reage, Batman, reage!

- “Caráter étnico e físico”: O “bêbado” é o alcoólatra ou qualquer pessoa quando sob o efeito do consumo excessivo de bebida alcoólica. Apresenta-se, geralmente, mal vestido, cambaleante, sonolento e “fora de si”.
- “Caráter moral/deôntico/volicional”: desmedido nos hábitos e costumes, principalmente com relação ao álcool, o bêbado só tem um desejo ou vontade:

beber mais. Com isto, perde as fronteiras impostas pela moral à consciência e age de forma inconseqüente.

- “Caráter cognitivo/epistêmico”: Devido à falta de lucidez, decorrente do efeito do álcool, o bêbado torna-se pouco consciente de seus atos de tal modo que suas atividades cognitivas e epistêmicas geram dissensão. Porém, em muitas situações, não em todas, consegue se sair bem.
- “Caráter interacional/sociocultural”: as relações sociais com outros bêbados são de amizade fraterna, mais vezes associativa do que conflitiva. Mas com o restante da sociedade dá-se o contrário. Existe uma aversão à figura do bêbado, vista como perturbadora e inconveniente.
- “Caráter lingüístico”: os efeitos do álcool se manifestam no uso da língua, com relação à dificuldade de falar e compreender enunciados.
- “Caráter psico-emocional”: efusivo nas suas emoções pela perda do auto-controle, este caráter do bêbado se manifesta nas diversas razões que o leva a beber de forma desmedida. Pode ser tristeza ou decepção profunda, grande alegria e euforia ou simplesmente desdém pela sociedade.

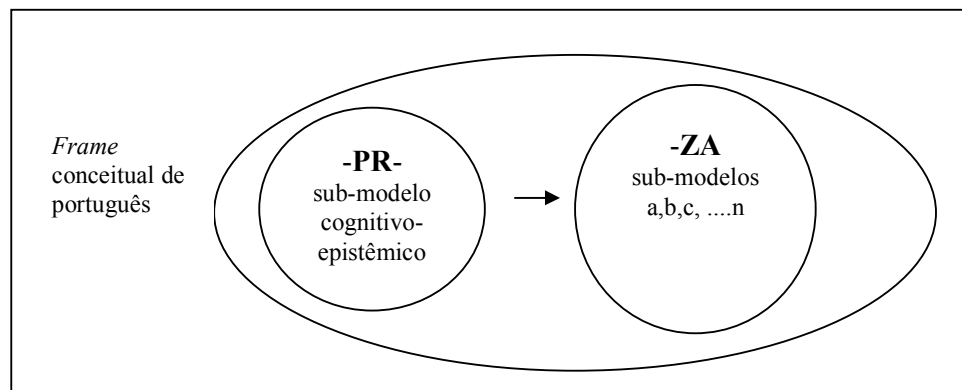
4.2.2 Constituição metonímica dos estereótipos

Vale lembrar, mais uma vez, que os *frames* conceituais do português, da loira e do bêbado acima apresentados representam um conhecimento estruturado, de modo específico, na cultura brasileira, por razões históricas e antropológicas que viremos a considerar à seção 4.5.

No caso destes personagens, a constituição metonímica do estereótipo segue um padrão que se reitera: trata-se, nos três casos, de um modelo PARTE PELO TODO em que a parte, um sub-modelo, culturalmente mais saliente (Ponto de Referência- PR), é ativada em

lugar do todo que seria, então, a Zona de Ativação (ZA), como menos saliente (cf. seção 2.3.5.2.).

Nas piadas de **português**, o **caráter cognitivo/epistêmico** se destaca entre os demais, impondo-se como definidor do Todo. Deste modo, nas piadas, o português passa a ser identificado de acordo com aquele caráter, ou seja, como uma pessoa pouco inteligente. Assim, o todo é entendido por esta parte mais saliente em nosso modelo cultural (efeito prototípico), de tal sorte que não é nem preciso dizer o “português burro”, pois a burrice é parte integrante e estruturante do *frame* como um todo. No estereótipo, este caráter ou sub-modelo é mentalmente ativado (PR) e se projeta nos demais (ZA), influenciando sua constituição (QUADRO II). Isto porque, tudo o que pensamos quando iniciamos uma piada de português, seja ouvindo ou contando, será pautado pelo molde do estereótipo da ignorância. Em outras palavras, dentro do *frame* de português se constitui um novo *frame* entrincheirado, o do “português burro”, que será acionado em cada piada.



QUADRO II – modelo metonímico para o estereótipo do português

A constituição do estereótipo da **loira** segue o mesmo modelo metonímico da PARTE PELO TODO, e, mais uma vez, é o **caráter cognitivo/epistêmico** que se projeta de modo mais saliente, como PR, em relação aos sub-modelos menos salientes. Deste modo, a mulher loira, já metonimicamente nomeada pela cor dos cabelos, é, **nas piadas**, identificada como uma mulher bonita, mas pouco inteligente. Um *frame* entrincheirado emerge, o da “loira-burra”,

como uma “bela embalagem sem conteúdo”, que será acionado em cada piada. Como já dissemos, o caráter físico também influencia a constituição do seu estereótipo, uma vez que ele também se projeta metonimicamente para nomeá-la como “a loira”. Deste modo, nas piadas, ela é identificada de acordo com a junção destes caráter. Entretanto rimos da loira não porque ela é linda ou sensual, mas pelo fato de ser “burra”.

No caso específico do **bêbado**, verificamos, em várias piadas, que o **caráter interacional**, que remete à presença perturbadora e inconveniente do bêbado, aparece com maior frequência como o PR em relação à ZA. Nesse caso, no entanto, a constituição do estereótipo é menos entrincheirada que nos casos anteriores, pois, em *frames* interacionais distintos, podem emergir sub-modelos também distintos, alterando-se a experiência cultural em foco na constituição do estereótipo, como veremos à seção seguinte.

4.2.3 A relação entre *frames* interacionais e a estabilidade do estereótipo nas piadas

Para Silva (2004:63), o processo de convencionalização da metonímia se dá à medida em que determinado exemplo satisfaz alguns dos tipos de metonímia conceptual e à medida em que é aceito e reiterado socialmente.

Nos exemplos de piada selecionados, verificaremos a constituição metonímica dos estereótipos de português, da loira e do bêbado e a estabilidade ou entrincheiramento dos mesmos através da aplicação dos princípios propostos por Fauconnier e Turner (cf. seção 3.2.1) acerca da relação entre *frames* interacionais e caráter, os quais repetimos abaixo:

1. Para clarificar um único *frame*, deve-se preenchê-lo com diferentes caráter essenciais;
2. Para clarificar o relacionamento entre *frames*, deve-se preenchê-lo com o mesmo caráter essencial;
3. e para clarificar o caráter essencial, deve-se transportá-lo por diferentes *frames*

Assim, verificamos a estabilidade do caráter estereotipado do português na constituição do gênero ‘piada’, na medida em que, pelo princípio 3 acima, cada piada **introduz um *frame* interacional diferente, no qual o caráter cognitivo-epistêmico, marcado pela “burrice”, metonimicamente representando o português, permanecerá sempre inalterado**, como podemos nos certificar através dos exemplos de 1 a 4, em que o português “burro” revela, a cada cena, sua dificuldade em construir inferências plausíveis, próprias ao contexto de enunciação.

Exemplo 1

TRIIM!!! Toca o telefone na sapataria do português e ele fala:

- Alô! Casa de Calçados do Joaquim.
- Como? Casa de Calçados?! - espantou-se o rapaz do outro lado da linha...
- É sim! - confirmou o português.
- Desculpe, *me enganei de numero!*
- *Não tem problema! Traz aqui que eu troco!*

Exemplo 2

O português vê uma máquina de refrigerante e fica maravilhado. Coloca uma ficha e cai uma latinha. Coloca 2 fichas e caem 2 latinhas. Coloca 10 fichas e caem 10 latinhas.

Então ele vai ao caixa e pede 50 fichas. O caixa diz:

- Desse jeito você vai acabar com as minhas fichas.
- *Não adianta, eu não paro enquanto estiver ganhando!*

Exemplo 3

O amigo do Manuel o convida:

- *O gajo. Estou a lhe convidaire para a festa de quinze anos de minha filha.*
- Está bem, patricio. Eu irei. *Mas ficarei no máximo uns dois anos.*

Exemplo 4

O português viajava pela estrada com sua família, numa Besta quando, por excesso de velocidade é parado pelo guarda:

- Muito bem, espartinho, posso ver os *documentos da Besta?*
- Estão aqui, seu guarda - responde, *entregando os seus documentos pessoais.*
- Não, não! Eu quero ver os *documentos da perua!* - diz o guarda.

Então, o português vira-se para sua mulher e diz:

- *Querida, então é com você...*

Nos mesmos termos, verificamos a constituição metonímica do estereótipo de loira nos quatro exemplos selecionados abaixo. Tal constituição, conforme já anunciamos, segue o modelo PARTE PELO TODO, uma vez que, o seu caráter cognitivo/epistêmico se projeta destacando-se entre os demais, ou seja, em cada novo *frame* interacional no qual a loira a se envolve, este caráter sempre permanecerá inalterado, como ilustram os exemplos de 5 a 8:

Exemplo 5

Duas loiras conversando, de repente, uma olha para cima e vê um helicóptero parado no ar.

- *Olha, um helicóptero parado no ar!*

E a outra:

- *Será que acabou a gasolina?*

Exemplo 6

A loira grã-fina chega ao cabeleireiro que, com sua simpatia, pergunta:

- *Tudo jóia, querida?*

- *Tudo não. Metade é bijuteria.*

Exemplo 7

O executivo vai passar as instruções para a nova funcionária do setor de contabilidade, uma loira gostosona, de olhos verdes e peitos estonteantes. Ele fala:

- *Imagino que a senhora saiba o que é fatura e o que é duplicata, né, dona Vera?*

- *Claro que sei... Fatura é quando a gente quebra uma perna e duplicata é quando quebra as duas!*

Exemplo 8

Duas amigas estavam contando confidências:

- *Menina, eu descobri que meu marido usa os serviços de tele-sexo.*

- *Mas como você descobriu isto?*

- *Atendendo o telefone, ora!*

Em relação ao estereótipo do bêbado, mantido o modelo PARTE PELO TODO, pode-se notar, no entanto, uma maior flexibilidade em relação ao Ponto de Referência, isto é, em relação à parte, ao caráter a ser mentalmente ativado em referência metonímica ao todo. Como um efeito prototípico que emerge da saliência da experiência cultural, o estereótipo do bêbado é menos entrincheirado, na medida que, em *frames* interacionais distintos, podem-se evocar PR diferentes, como ilustram os exemplos abaixo:

Exemplo 9

O bêbado levou um baita escorregão e caiu de cócoras. Com muita dificuldade conseguiu se levantar. De repente, sentiu um líquido escorregando pelo corpo, procurou a garrafinha que trazia, apalpou os bolsos e gemeu:

-Hic... *Tomara que seja sangue! Tomara que seja sangue!*

Exemplo 10

Semana Santa, o sujeito no maior porre na porta de um boteco vê a procissão passando, carregando uma *Santa num andor todo verde e rosa*, e berra:

- *Olha a Mangueira aí, gente!*

Enfezado, o padre vira-se para o bêbado e esbraveja.

Nem bem acabou de falar, *a Santa bate num galho de uma mangueira, cai e se espatifa no chão.*

E o bêbado:

-*Bem que eu avisei!*

Exemplo 11

Começou a música e o bebum se levantou, trocando as pernas. Dirigiu-se a uma senhora de preto e pediu:

- Hic...me dá o prazer desta dança?

Ao que a senhora respondeu:

- *Não, por três motivos. Primeiro, o senhor está bêbado. Segundo, porque não se dança o Hino Nacional. E terceiro porque madame é a puta que pariu, eu sou o vigário desta paróquia!*

Exemplo 12

Estava um bêbado no ônibus:

-Se meu pai fosse um pato e minha mãe uma pata eu era um patinho...

-Se meu pai fosse um cachorro e minha mãe uma cadela eu era um cachorrinho...

-Se meu pai fosse um gato e minha mãe uma gata eu era um gatinho...

Claro, chegou a hora que ninguém mais agüentava o bêbado. O trocador foi o primeiro a perder a paciência:

-E se teu pai fosse um veado e sua mãe uma puta?

-*Aí eu era trocador...*

No exemplo 9, o caráter ativado de forma mais proeminente é o **volicional** que evidencia seu desejo incontrolável pela bebida. É justamente este fato que aciona, mais intensamente, o seu *frame* nesta piada, e desperta seu estereótipo. Daí seu conseqüente desejo de que o líquido que está escorrendo pelo seu corpo seja sangue: “*Tomara que seja sangue! Tomara que seja sangue!*”

Já, em **10**, o caráter ativado é representado pelo sub-modelo **interacional**, pois, como o contexto era de um evento religioso (“*Semana Santa*”, “*procissão*” e “*Santa no andor*”) e a fala do bêbado remete a um contexto de carnaval (“*Olha a mangueira aí gente!*”), temos aí um conflito estabelecido, pois o bêbado não reconhece a moldura comunicativa e, portanto, não sabe se portar nesta situação formal, de modo que a sua fala soa como uma afronta. Assim, a presença do bêbado atua como a motivadora do conflito e deflagra o mal entendido na piada.

Em **11**, temos um contexto bastante parecido, e novamente temos o **caráter interacional** destacado entre os demais, pois, nesta piada o bêbado não reconhece a moldura comunicativa (a execução do Hino Nacional) nem os papéis sociais (confunde o pároco com uma mulher) devido ao seu estado de total embriagues. Em **12**, do mesmo modo, tal caráter é ativado com uma pequena diferença, pois nesta piada o bêbado inconveniente consegue se sair bem do conflito, deixando o trocador constrangido. Em cada situação coloca-se em relevo, ou focaliza-se uma experiência diferente com o estereótipo do bêbado.

Conforme assinalado à seção 3.3, por duas razões principais, os modelos de estereótipos são considerados importantes para a teoria da estrutura conceptual: primeiro porque *podem ser usados para motivar e definir uma subcategoria em contraste* (LAKOFF 1987, p.81), e segundo porque *definem expectativas julgadas como normais ou estranhas* (LAKOFF 1987, p.81).

Assim, uma forma de verificar o processo de cristalização de um estereótipo dentro de um língua e cultura seria um pequeno teste em termos de expectativas “normais” ou “estranhas” de enunciados predicativos em torno do estereótipo

É o que consideraremos a seguir, tomando os três estereótipos em foco :

1. *Ele é português , mas não é burro.*
2. *Ele é português, mas é burro.?*

3. *Ela é loura, mas não é burra.*
4. *Ela é loura, mas é burra.?*
5. *Ela é loura, mas é bonita. ?*
6. *Ela é loura, mas é sensual. ?*
7. *Ele é bêbado, mas não é chato.*
8. *Ele é bêbado, mas é chato.?*
9. *Ele é bêbado, mas é incoseqüente. ?*

Os exemplos considerados “estranhos” revelam, pois, a quebra de expectativa em relação à construção estereotipada. Quanto mais marcado o estereótipo, maior a expectativa de “normalidade” semântica.

Em síntese, o que temos nos casos analisados é que o estereótipo do português e da loura são fortemente convencionalizados, no domínio do gênero piada, através do sub-modelo cognitivo-epistêmico que os identifica como “burros”. Outros sub-modelos aparecem na construção de pano-de-fundo da narrativa. É o caso do exemplo 7 da loura, em que o narrador evoca o sub-modelo físico (*uma loira gostosona, de olhos verdes e peitos estonteantes*); é o caso dos exemplos 13 e 14 abaixo em que o sub-modelo lingüístico aparece para caracterizar o português. O que acontece, no entanto, como veremos à seção 4.4, é que, no padrão construcional prototípico da piada do português ou da loura, é o estereótipo da “burrice” que vai contribuir com a resolução do enigma posto pela piada. Rimos do português e da loura porque são “burros”. Assim também rimos do bêbado nas piadas, principalmente, pela sua chatice, inconveniência, irreverência, vinculadas ao sub-modelo interacional.

Exemplo 13

Por favor! O senhor viu alguém dobrando esta esquina, agora há pouco?

- Não, senhoire. Quando aqui cheguei, ela já estava dobrada...

Exemplo 14

O Manuel vai ao Rio de Janeiro. Os amigos o advertem que lá os motoristas de ônibus e táxi costumam voar com seus veículos. Chegando na Cidade Maravilhosa, Manuel pega um táxi:

- Avenida Brasil, por favoite.
- Que altura?
- Se tu fores a mais de dois metros, eu pulo desse troço, o raios!

Há também os casos de piadas que apresentam, como tema central, um sub-modelo que não aquele apontado em nossas análises como o principal traço constitutivo do estereótipo, ou seja, são piadas que põem em foco um caráter menos convencionalizado. Devido à sua raridade de uso, podemos não identificar imediatamente o *frame* entrincheirado, isto é, o estereótipo em questão, ainda que evoque o *frame* da personagem. Estes casos exigem um maior esforço cognitivo e geralmente não atingem o objetivo de fazer rir com facilidade. O exemplo 15 abaixo evidencia somente o caráter físico, isto é trata-se de uma “loira gostosona”. Com isto, a personagem nem mesmo assume o estereótipo entrincheirado.

Exemplo 15

Um rapaz vinha andando quando outro se aproximou numa moto novinha em folha.

- Onde você arranhou esta moto?

Eu estava passeando quando uma loira gostosona apareceu nesta moto. Ela saltou jogou a moto no chão, tirou toda a roupa e disse “Tome o que você quiser”.

O primeiro assentiu:

- Foi uma boa escolha. Provavelmente as roupas não iam te caber mesmo.

4.3 Convencionalização e produtividade dos estereótipos nas piadas – um pequeno sobrevôo sobre o Modelo de Uso

Uma das grandes tendências contemporâneas da Linguística Cognitiva é a adoção, de forma radical, de uma metodologia de análise baseada em *corpus*. Nesse viés, os Modelos Baseados no Uso têm sido avaliados como importantes contribuições analíticas a este

paradigma. Embora, no presente estudo, estejamos longe de atingir tal meta analítica, uma ligeira incursão por este modelo (BYBEE, apud CROFT, 2004) interessa à compreensão do nosso objeto. É o que faremos a seguir.

Contrastando com as propostas dos lingüistas gerativistas, que preferem trabalhar com a representação gramatical em termos de uma competência ideal, abstraída do uso, representada na mente do falante; o Modelo de Uso, nos termos de Bybee, afirma como princípio fundamental, a análise da linguagem corrente, lançando mão da frequência de dados como um critério de força analítica.

De acordo com o *modelo baseado no uso*, as propriedades de uso de uma sentença em comunicação, isto é, em seu uso efetivo, também determinam a representação de unidades na mente do falante. Em outros termos, o USO tem papel no processo de constituição e de armazenamento das redes de construções que instituem uma língua e sua gramática em todos os níveis (fonológico, morfológico, sintático, discursivo).

Nesses termos, duas propriedades fundamentadas no uso, para efeito de representação gramatical, são propostas por tal modelo: a **frequência de tipo** e a **frequência de ocorrência**.

A frequência de tipo se associa à produtividade do padrão, referente à quantidade de tipos diferentes que podem ser produzidos por este padrão, que no nosso caso é o já aludido [PD piada], ao qual nos referimos anteriormente na seção 3.4.2. Tal padrão apresenta uma alta frequência de tipos evidenciada por nossa proposta de categorização, que embora não tivesse a pretensão de classificar toda e qualquer piada, permitiu verificar alguns tipos mais fortemente marcados. Se partimos do pressuposto de que estamos investigando uma produção sócio-cultural, temos que levar em consideração que a mesma ocorre a todo momento e de forma diversificada. Com isto, torna-se impossível tentar elencar todas as piadas bem como tipificá-las.

Da mesma sorte, como em todo esforço de categorização, existem diversos casos que escapam às fronteiras estabelecidas. Por exemplo, como já anunciamos, temos catalogadas mais de 500 piadas e, de acordo com a nossa **categorização a partir do “personagem principal”** desta micro narrativa, encontramos **33 tipos** diferentes dos quais selecionamos alguns para desenvolver nossa análise. Esta produtividade de tipo se encarada a partir de outras formas de categorizações nos possibilita outros tantos tipos, ou seja, se optarmos por categorizá-las sob o foco do local onde a piada se passa, como por exemplo piadas de céu e inferno, de consultório, de igreja, de escola, ou então de cenas/enredo como “encontrar lâmpada mágica”, “participar das mais diversas competições”, “pescaria” entre outros, teríamos outros tipos categorizados para analisar.

A produtividade deste padrão nos parece tão intensa que provoca mesmo uma dificuldade de tipificá-lo, pois, em alguns casos as fronteiras acabam sendo tão permeáveis que permitem inclusive aglutinações como: “o português no consultório”, “Joãozinho na escola” ou outros.

Já a frequência de ocorrência determina o armazenamento de um dado padrão, ou seja, à medida que um padrão passa a ser freqüentemente ativado, o armazenamento de informações na mente do falante ou ouvinte acerca deste padrão passa a ser maior, o que gera a convencionalização ou entrincheiramento deste padrão. Deste modo a frequência de ocorrência é o indicativo de que o armazenamento de um dado padrão está convencionalizado ou entrincheirado. Em nossa pesquisa acerca da construção metonímica do estereótipo, observamos que a frequência de ocorrência está relacionada ao entrincheiramento do estereótipo, ou seja, à sua aceitação e à recorrência de uso, numa via de mão dupla. Em outras palavras, podemos dizer que, no caso das piadas que analisamos, o processo social de **convencionalização** do estereótipo se dá na medida em que ele é aceito e reiterado socialmente, ou na direção inversa, reiterado e por isso aceito.

É deste modo que verificamos os estereótipos nas piadas se tornarem convencionalizados ou entrincheirados, isto é, devido à frequência de uso. Assim, cada estereótipo transforma-se em um *frame* específico, que por sua natureza é uma conceptualização presente na memória de longo termo, e torna-se acessível à memória de trabalho quando ativado por meio das piadas. Deste modo, por exemplo, o português das piadas constitui um estereótipo fortemente entrincheirado, pois, é um *frame* conceptual “cristalizado” acerca do qual não precisamos fazer explicações, pois ele já preenche as expectativas ao ser mencionado. Entretanto, o mesmo não ocorre se uma piada não ativa um estereótipo entrincheirado, neste caso precisa-se fornecer mais informações para que o reconhecimento seja feito e para que possamos construir uma leitura preliminar que será mesclada com a leitura suscitada pela piada para o surgimento da *estrutura emergente* que nos fará rir.

As categorias analíticas acima têm significativo relevo na análise que vimos tecendo em torno dos estereótipos dos agentes no gênero piada. É, pois, nesta questão que passamos a nos deter na presente seção.

Conforme definição acima, a frequência de tipo, referente à quantidade de tipos diferentes que podem ser produzidos por um padrão construcional, se associa à produtividade desse padrão.

No caso em análise no presente estudo, podemos verificar que o gênero piada apresenta uma **alta frequência de tipos de estereótipos**. Nosso esforço de categorização, em um *corpus* de 500 piadas, revela a presença de pelo menos 33 tipos de estereótipos (cf QUADRO 1, seção 4.1.), o que, nos termos da relação proposta pelo Modelo de Uso, significa também **uma alta produtividade** desse padrão construcional na constituição do gênero piada.

Já a **frequência de ocorrência** determina o armazenamento de um dado padrão, ou seja, à medida que um padrão passa a ser frequentemente ativado, o armazenamento de informações na mente do falante ou ouvinte acerca deste padrão passa a ser maior, o que gera a convencionalização ou entrincheiramento deste padrão. Deste modo a frequência de ocorrência é o indicativo de que o armazenamento de um dado padrão está convencionalizado ou entrincheirado.

Longe de qualquer pretensão de esgotamento, nossas análises revelam maior de frequência de ocorrência nas formas seguintes (cf. QUADRO 1, seção 4.1.): português (90 ocorrências), Joãozinho (67), caipira (63), bêbado (34), gay (25), políticos (21), pescador (17), sogra (11), gaúcho, comerciante (9), louco (11), loira (8).

De fato, nossas análises, à seção anterior, através do padrão de relação com os *frames* interacionais e através do critério de “normalidade” semântica, atestam o grau de convencionalização dos estereótipos do português, da loira e do bêbado, que estão entre as formas muito frequentes em nosso *corpus*.

Nesse sentido, o que as premissas do Modelo de Uso acrescentam à nossa análise é exatamente uma **hipótese explicativa**, vinculada ao USO, para esse processo de convencionalização. E tal hipótese tem grande relevo dentro do conjunto das teses fundamentais à Linguística Cognitiva. Nesse paradigma, conforme já amplamente defendido nos cap. 2 e 3, qualquer forma linguística institui-se como uma complexa integração de processos sociocognitivos. E o desvelamento da significação dessas formas implica, necessariamente, o jogo interativo, o partilhamento entre locutores. Não há espaço neste modelo, portanto, para entidades mentais, algoritmicamente derivadas, sem qualquer vinculação com as condições de uso efetivo da língua.

Assim, cada estereótipo, como uma conceptualização presente na memória de longo termo e compondo o léxico de nossa língua, tem sua vitalidade, a sua aceitação condicionada

à recorrência de uso, numa via de mão dupla. Em outras palavras, podemos dizer que, no caso das piadas que analisamos, o processo social de **convencionalização** do estereótipo se dá na medida em que ele é aceito e reiterado socialmente, ou na direção inversa, reiterado e por isso aceito.

Deste modo, por exemplo, o português das piadas, que está no topo da escala de uso, constitui-se como um estereótipo fortemente entrincheirado, i.e., o Ponto de Referência (PR) do estereótipo é sempre o caráter cognitivo-epistêmico, correlacionado à sua “burrice”.

Entretanto, o mesmo não ocorre se uma piada ativa um “estereótipo casual”, não entrincheirado. Neste caso, precisa-se recorrer ao *frame* específico suscitado pela piada para o reconhecimento do PR do estereótipo a ser ativado. É o caso do exemplo abaixo, retirado do grupo de piadas não catalogadas no QUADRO1 (seção 4.1.), que engloba personagens como: tio, viajante, casal, vizinho. Segundo nossa análise, nestes casos, construiremos a significação a partir do *frame* gerado pela piada; criado naquele evento, pois as personagens não desencadeiam o mesmo efeito estereotípico, de modo a facilitar nosso reconhecimento:

Exemplo 16

O dono de uma festa resolveu mandar todos os penetras embora, mas de forma educada, pois não queria dar vexame. Disse ao microfone:

- Por favor, os convidados do noivo queiram se colocar à minha direita.

Muitas pessoas se dirigiram para a direita do anfitrião. Ele voltou a dizer:

- Agora, os convidados da noiva queiram se colocar à minha esquerda.

Novamente, muitas pessoas se dirigiram à sua esquerda. E então ele disse:

- E agora, os que estiverem à minha direita e à minha esquerda, peço-lhes, por favor, que se retirem, porque esta não é uma festa de casamento, e sim de batizado.

Exemplo 17

Mãe e filha conversando:

-Divirta-se na festa, minha filha. Mas porte-se bem, ouviu?

-Ora, mamãe, uma coisa ou outra...

Vale, por fim, considerar um aspecto em relação ao Modelo de Uso e à constituição da piada. É possível se chegar, na constituição da piada, a outros tipos de estereótipos que não os de pessoa aqui estudados. É o caso dos estereótipos de *frames* interacionais. i.e., dos contextos, das cenas em que a ação narrativa se desenvolve. Exemplos disso são as piadas que evocam cenas de céu e inferno, de consultório, de igreja, de escola, ou então de cenas/enredo como “encontrar lâmpada mágica”, “participar das mais diversas competições”, “pescaria” entre outros. Nesses casos, uma PARTE mais relevante do *frame* interacional vai também representar o TODO (no céu, temos São Pedro e o português, ou São Pedro e a loura ...; no inferno, temos, o capeta e o bêbado, o capeta e o português...; na escola, temos a professora e Joãozinho...). A produtividade destes padrões nos parece igualmente relevantes na constituição do padrão piada e se revela, inclusive, nas aglutinações entre estereótipos de personagem e cena, anunciados nos títulos da piadas: “o português no consultório”, “o português na alfândega”, “Joãozinho na escola”, entre outros. Este, no entanto, não é o foco de nossa presente investigação.

4.4 O processo cognitivo de mesclagem na constituição da piada

Conforme explicitado ao longo do presente estudo, nosso olhar sobre o estereótipo de pessoa parte de uma pergunta acerca da sua inserção na narrativa como parte integrante do padrão construcional prototípico do gênero piada.

Em termos de decisão epistemológica, subscrevemos os pressupostos sociocognitivos e construcionais abaixo, que guiarão nossa abordagem analítica na presente seção:

1. Afirmação do estatuto cognitivo da narrativa, nos termos da Teoria da Mente Literária (cf seção 3.4.1), como uma estratégia do pensamento e da linguagem na

constituição de nossa gramática em todos os níveis (morfológico, sintático e discursivo);

2. A afirmação do gênero piada como um padrão construcional discursivo, i.e, como uma construção emparelhada de forma e modos de significação semântico-pragmático (FERNANDES, 2006).

Na descrição do PD piada, Fernandes (2006: 146-147) pontua ainda os seguintes aspectos que, para fins de delimitação mais clara de nossa análise, passamos a enumerar:

(1) A descrição composicional do PD ‘piada’ evidencia que esse gênero é constituído pela seqüência do narrar;

(2) O esquema prototípico da estrutura composicional do gênero ‘piada’ é o seguinte: orientação (Seqüência 1); complicação (Seqüência 2 – não-marcada e Seqüência 3 – marcada); resolução (categoria vazia). As duas primeiras unidades composicionais fazem parte do **domínio do locutor**, enquanto a última faz parte do **domínio do alocutário**;

(3) A função semântico-pragmática desse gênero é fazer rir, por meio de um discurso surpreendente, inusitado; trata-se de um macroato diretivo que visa ao efeito perlocutório do riso.

(4) A piada é, por definição, uma narrativa breve. É um belo exemplo da insuficiência do significante, uma vez que diz mais do que aponta.

(5) O modelo da GC é capaz de recobrir, em parte, o aspecto composicional desse padrão, mas é limitado para recobrir o jogo semântico-pragmático mais pleno. Assim, recorre-se ao processo cognitivo de mesclagem para dar conta desta tarefa.

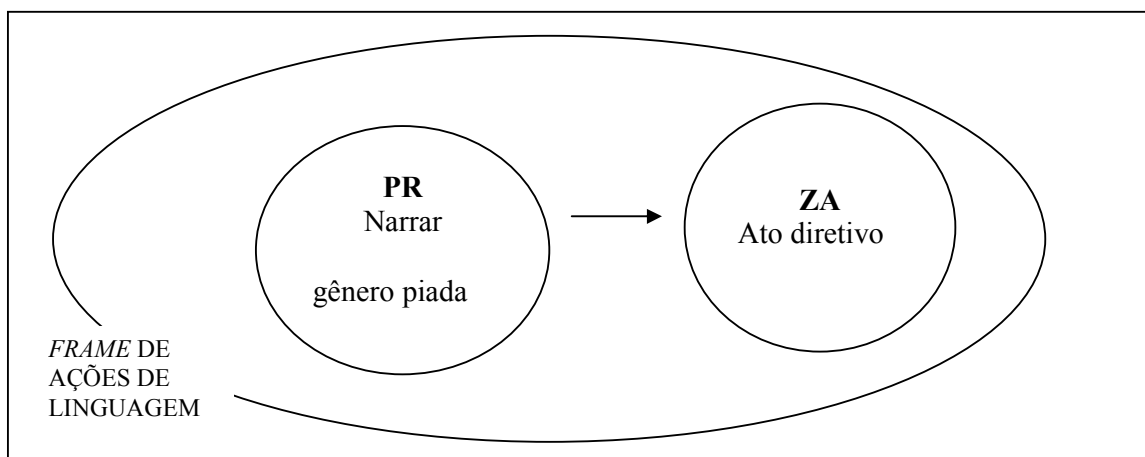
(6) A possibilidade inovadora de se estender o construto teórico da GC para além da sintaxe, mais especificamente, para o domínio do discurso, representa um ganho teórico, na medida em que uma mesma abordagem pode recobrir fenômenos de complexidades distintas, o que significa uma grande economia analítica.

Considerando a descrição acima, proposta por Fernandes, vale pontuar aqui um aspecto levantado pelas teorias críticas da metonímia em relação à sua **não necessária natureza referencial** (cf seção 2.3.5.2.1). Nessa direção, argumenta-se em favor da ocorrência de metonímias em âmbito predicativo (*O João é um Pelé*) ou ilocutório (*Eu não sei nadar!!* - uma asserção por um pedido de socorro, por exemplo). Silva (2004:31), aderindo a tal perspectiva, considera que *os elementos envolvidos no processo metonímico são domínios conceptuais mais do que entidades individuais*, e deste modo, as entidades envolvidas nesse

processo funcionam como elementos de um domínio conceptual ou de uma matriz de domínios, pressupondo o conhecimento do domínio que integram.

Assumindo esta dimensão crítica da metonímia, estamos postulando o padrão discursivo da piada, nos termos descritos por Fernandes (2006), como um caso de metonímia. De fato, em termos pragmáticos, trata-se de um UM MACRO-ATO DIRETIVO: ato ilocutório indireto, com uma expectativa de efeito perlocucionário de RISO (item 3). Assim, em vez de criticar, avaliar o OUTRO, com o objetivo de mudar comportamentos, contamos uma história.

Nos termos da Teoria da Mente Literária, é esta mesmo a força cognitiva das narrativas que, em sua função parabólica, servem para diferentes atos de fala, quais sejam, avaliação, predição, análise, sugestão, dentre outros, como exemplifica Turner (1996) com a história que o pai de Shahrazad a conta (cf seção 3.4.1). Assim, no domínio ou *frame* conceptual das ações de linguagem, uma PARTE culturalmente mais proeminente em nossa cultura, que são as HISTÓRIAS, pode ser o PR em relação à outra PARTE (QUADRO III), culturalmente subfocalizada na ação, UM ATO DIRETIVO, por razões relativas aos trabalhos de polidez e face.



QUADRO III- A PIADA COMO UMA METONÍMIA “PARTE PELA PARTE”

Dentro dessa metonímia discursiva, “em que se aponta, mais do que se diz”, nossa expectativa é que os processos metonímicos tenham grande força, na constituição da estrutura composicional (item 4), na constituição da trama minimalista que institui o gênero piada. No espaço do presente estudo, estamos nos restringindo a considerar a força metonímica na constituição dos personagens, como estereótipos humanos. Nesse caso, o papel referencial da metonímia permanece.

A pergunta é, pois, em que medida os personagens-estereótipos integram o esquema prototípico da estrutura composicional do gênero piada (item 2), contribuindo com a função semântico-pragmática desse gênero que é a de fazer rir (item 3).

Para responder a tal questão, recorreremos à descrição e formalização do processo cognitivo de mesclagem de uma piada envolvendo o estereótipo de português, de modo a desvelar as redes de integração que instituem esse gênero e qual a contribuição do agente estereotipado na sua constituição. Tomamos o exemplo 1, já mencionado, que repetimos aqui por uma questão de comodidade analítica.

Exemplo 1

TRIIM!!! Toca o telefone na sapataria do português e ele fala:

- *Alô! Casa de Calçados do Joaquim.*
- *Como? Casa de Calçados?! - espantou-se o rapaz do outro lado da linha...*
- *É sim! - confirmou o português.*
- *Desculpe, me enganei de numero!*
- *Não tem problema! Traz aqui que eu troco!*

Para analisar a piada acima, nos valem da proposta de Fernandes (2006), que apresenta um padrão discursivo do gênero ‘piada’, com sua estrutura composicional formada pelas seqüências já descritas na seção 3.4.2 e retomada na presente seção.

Assim, nesta piada, temos um processo cognitivo em mescla que pode ser descrito e formalizado (DIAGRAMA 1), como a seguir:

A. DOMÍNIO DO LOCUTOR

1. Seqüência 1, ou **orientação**, que fornece informações contextuais (moldura comunicativa: conversa telefônica), espaciais (uma sapataria), de identidade (os participantes: um português e um outro interlocutor), expressas pelas evidências: “*TRIIM!!! Toca o telefone na sapataria do português*” e “*Alô! Casa de calçados do Joaquim!*”, como as portadoras de informações sobre o local onde tal evento se processa, as pessoas que participam do evento e a moldura comunicativa na qual estas pessoas estão envolvidas.
2. A **complicação** é constituída por duas seqüências: uma (seqüência 2), vista como não-marcada, apresenta o espaço fonte 1 (EF 1); já a seqüência 3 é a marcada, que apresenta o ponto culminante da piada, ou clímax, e traz à cena o espaço fonte 2 (EF 2). Cada seqüência apresentada suscita um domínio conceptual que entendemos do seguinte modo:
 - a. O **EF 1** apresenta um *frame* interacional de conversa telefônica, evocado pela onomatopéia “*TRIIM!*” e reforçado pela informação “*Toca o telefone*”. Esta primeira leitura é não marcada e ativa várias informações mentais contidas no *frame* interacional de conversa telefônica e que passamos a evocar conforme a necessidade exigida pela piada, como a sentença “*Desculpe, me enganei de numero!*”, que nos remete ao *engano no número discado*.
 - b. Já o **EF 2** traz a leitura marcada, a inesperada, que surge da interpretação do português, evocado em seu estereótipo cognitivo-epistêmico de “burro”. Esta seqüência ativa um *frame* interacional de comércio, suscitado pelas evidências lingüísticas “*na sapataria*” e “*Casa de Calçados do Joaquim*”.

3. O **Espaço Genérico**, ou seja, o que há de comum entre as duas leituras é um *frame* mais genérico e abstrato de *numeração*, em outros termos, a palavra “*número*” suscita nossa necessidade de numerar para termos um padrão abrangente que nos forneça a medida exata de tudo sem provocar confusões, como, por exemplo, o número dos sapatos e das roupas é um padrão ao qual nos enquadramos, os números telefônicos possuem um padrão fixo (prefixo, código de área, DDD, DDI, entre outros) e uma parte variável que possibilita o acesso com cada um dos assinantes de uma linha telefônica. No caso das roupas e sapatos uma alteração no número provoca o desconforto; já com relação aos números telefônicos qualquer alteração, por menor que seja, impossibilita a comunicação com a pessoa desejada, uma vez que, assim como os números da carteira de identidade, do CPF, do título de eleitor, entre outros, são únicos e exclusivos.
4. No **Espaço Mescla**, gerado a partir das projeções e compressão dos demais espaços, possui uma *estrutura emergente* própria, de caráter inédito, distinta da estrutura das fontes que o constituem e gerada através de *projeções seletivas* de traços dessas fontes. Assim, o Espaço Mescla em questão apresenta vestígios do EF 1 (a idéia de “troca” no *frame* interacional de conversa telefônica); do EF 2 (a idéia de “troca” do *frame* de comércio), e do espaço genérico (o *padrão numérico*). Esse processo de compressão instaura o enigma metalingüístico, o mal entendido da piada apresentado ao alocutário. Em nossa piada temos um engano de número telefônico que foi interpretado como engano no número do sapato, pois quem respondeu ao chamado foi o português que falava de uma sapataria. A palavra **número**, portanto, atua como

o gatilho para o enigma metalingüístico, uma vez que ela mobiliza as duas leituras em questão e proporciona a construção do humor na piada.

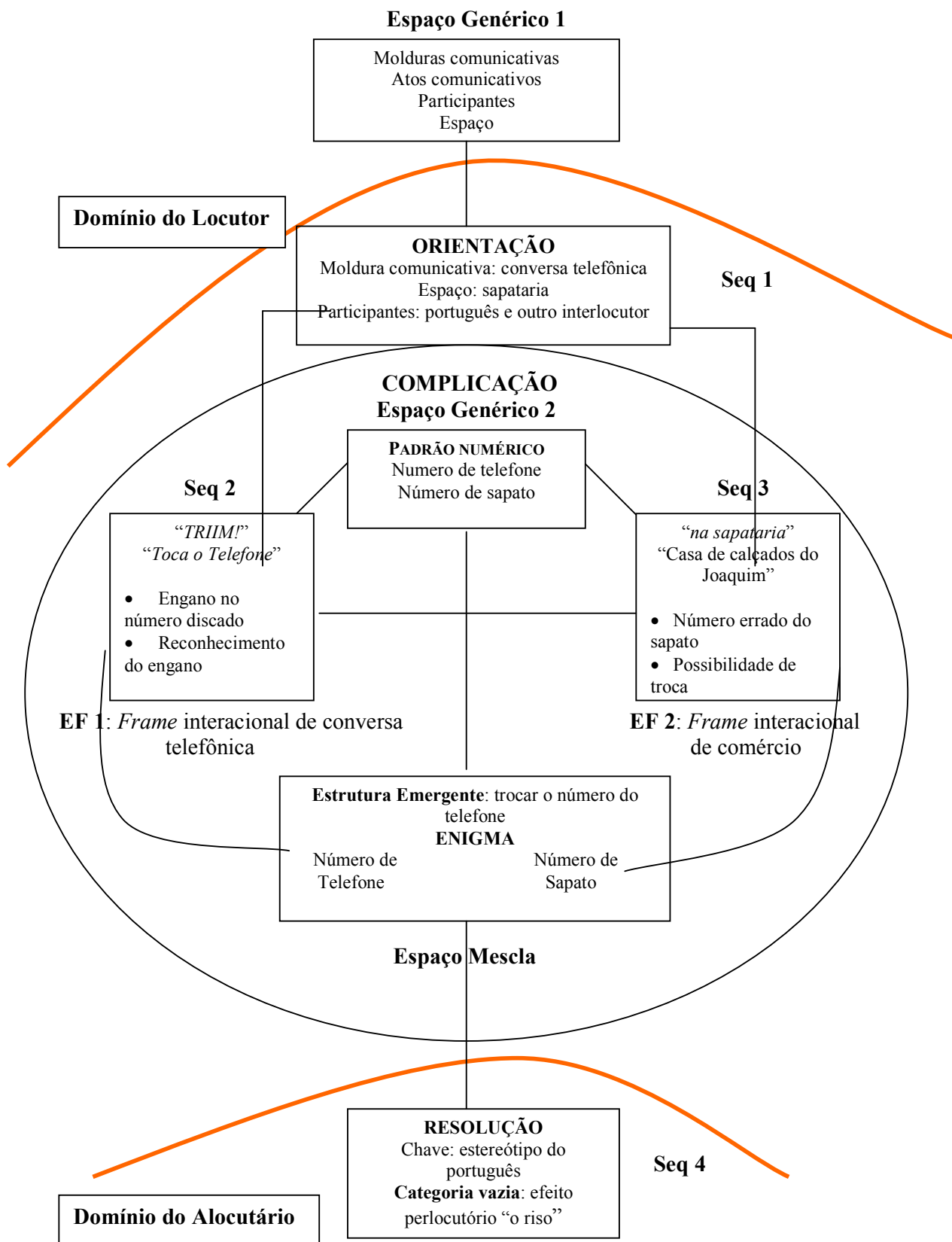
B. DOMÍNIO DO ALOCUTÁRIO

Os processos de projeção seletiva que ocorrem na mente do alocutário e o enigma instaurado que ele precisa resolver já são de outro domínio. Nestes termos, a resolução ou desfecho (seq 4) pertence ao **domínio do alocutário**, uma vez que o domínio do locutor “termina” na geração do enigma e ao alocutário fica a incumbência de desvendá-lo, preenchendo o “espaço que falta”, ou seja, a *categoria vazia*. Deste modo, a resolução é a desconstrução do enigma que deve ser feita por quem ouve a piada, e não por quem conta. Para tanto, o alocutário dispõe de uma chave para o enigma, qual seja, o *frame* entrincheirado do “português burro” que o permite compreender a razão da confusão instaurada.

Cabe considerar ainda que, nesta piada, o processo cognitivo de mesclagem instaura **dois tipos de espaço genérico**, quais sejam, o já descrito (Espaço Genérico de Numeração) que emerge no domínio da complicação (espaço genérico 2) e o outro, evoca o domínio de conhecimento mais abstrato sobre molduras comunicativas, com a natureza dos atos comunicativos, os participantes e o contexto (espaço genérico 1). Por esta razão, pode-se anunciar que a mescla dessa piada é uma **mescla de múltiplo escopo**⁷ como proposto por Fauconnier e Turner (2002).

Na formalização a seguir, as linhas vermelhas delimitam os domínios dos enunciadores discursivos desse gênero. Assim, temos o **domínio do locutor**, já descrito, e o **domínio do alocutário**. No domínio do alocutário temos, em termos de expectativa o efeito perlocutório, ou seja, aquele desencadeado pela ação da restauração da coerência, através da descompressão do processamento em mescla, qual seja, o desencadeamento do riso.

⁷ As redes de escopo múltiplo são definidas por apresentarem mais de um espaço genérico ou mais de um espaço mescla (FAUCCONNIER E TURNER, 2002).



É exatamente no momento em que o enigma está instaurado que o estereótipo surge como elemento determinante no processo de significação da piada, uma vez que ele assume o papel fundamental de chave para solução do enigma proposto. Assim, o estereótipo tem uma dupla função na composição do gênero narrativo neste tipo de piada, visto que é ao mesmo tempo o complicador no *frame* interacional suscitado pela piada, e é também por meio de seu caráter, metonimicamente entrincheirado, que se pode desvendar o enigma, já que este atua como uma pista. A primeira função que ele assume dá-se no domínio do locutor, e a segunda no domínio do alocutário, ou seja, é preciso que culturalmente, e mediante suas experiências, o ouvinte seja capaz de usar a chave para a solução do enigma e a satisfação do efeito perlocutório, no caso, o riso.

4.5 A natureza histórica e antropológica dos estereótipos

Nas argumentações tecidas à seção 4.3., buscamos evidenciar a hipótese, formulada pelo Modelo de Uso (BYBEE, apud CROFT, 2004), de que o armazenamento de uma forma, em nosso caso, dos estereótipos, e seu grau de convencionalização é uma função de sua frequência de uso. Na presente seção, outra questão emerge: que razões determinariam a escolha do Ponto de Referência, isto é, do tipo de traço de caráter a ser posto em relevo na constituição de um estereótipo? Por certo que tal resposta ultrapassa os domínios da Lingüística, definindo-se por uma clara natureza histórica e antropológica. Assim, sabemos que uma análise consistente de tal natureza demandaria um novo escopo teórico para o presente trabalho. Na falta de espaço para tanto, limitamo-nos a pontuar alguns dados possíveis resultantes de uma reflexão “leiga” sobre o *corpus* analisado.

Não é preciso muita investigação para sabermos que alguns estereótipos têm origem nos xenofobismos culturais. Inglaterra e França, por exemplo, partilham vários séculos de

guerras e disputas entre si, dos quais o xenofobismo aparece como mais uma arma tanto para defesa como para o ataque. Por sua reiteração, mesmo em períodos de paz – ainda que aparentes- os estereótipos passaram a ser uma marca cultural na relação entre esses dois povos, refletida de forma intensa, sobretudo, no humor e, notadamente, em piadas. Neste sentido, os caráter postos em evidência (PR) para se criar a identidade do outro de que se zomba não precisam, necessariamente, ter qualquer comprovação empírica, desde que cumpram seu papel no “conflito”.

Da mesma forma, o estereótipo de “português” tem origem no lusofobismo que cresceu no Brasil à medida que avançava a “consciência nacional”. O desejo de independência que permaneceu, mesmo após esta ter sido “proclamada” oficialmente, tendo os portugueses permanecido no poder, levou aos brasileiros a desenvolverem um repúdio contra os lusitanos. Na batalha contra o colonizador, os colonizados valiam-se de várias armas e o humor era, certamente, uma delas. Assim, pode não haver nenhum dado histórico que marque o porquê do português ser identificado como “burro”, sendo apenas uma forma de injuriar; talvez a que dava mais resultado. O fato é que, mesmo não havendo mais razões para para o lusofobismo, uma vez que já estamos fora do julgo deste colonizador, a “vingança” permanece porque permanecem ainda, após cinco séculos, as marcas negativas do modelo de colonização imposto ao Brasil. Outro aspecto que nos parece relevante é o natural centramento de uma cultura em si mesma, o que levaria as diferenças culturais e lingüísticas dos portugueses, a serem vistas, no senso comum, como deficiências. Assim, o estereótipo do “português burro” permanece fortemente convencionalizado, porque persiste uma alta frequência de ocorrência nas piadas brasileiras.

Compartilham o caráter xenofóbico os estereótipos ligados a outras nacionalidades, sendo mais entrincheirados aqueles cuja rivalidade persiste. Por exemplo, pela nossa conhecida rivalidade com os argentinos, há mais frequência de ocorrência do estereótipo do

“argentino que sempre se dá mal”, do que do “francês que não toma banho”, ou do “japonês pouco agraciado pela natureza no que diz respeito ao seu órgão genital”, ou do “africano, em geral”. De fato, persiste a rivalidade com os “hermanos portenhos”, mas o período de influência cultural francesa há tempos foi substituída pelo *american way of life*, e a imigração nipônica já não é tão acentuada.

O estereótipo do “gaúcho”, pode também ter origem xenofóbica, se partimos da hipótese de que sua origem reside no separatismo riograndense. Nesse caso, o caráter que é relevado é o da homossexualidade que, como a burrice do “português”, pode ser apenas o que mais injuriava a tão fortes guerreiros em suas bombachas. A grande frequência de ocorrência desse estereótipo em piadas mantém acesa a “guerra” cultural entre os Estados. Assim, como neste caso, existem estereótipos dos habitantes dos diferentes estados, mas os mais entrincheirados são mesmo o do “gaúcho” (exemplo X), o do “mineiro” (exemplo X) que se confunde com o do “caipira”, o do “carioca malandro”, e do “baiano preguiçoso”, e um pouco menos, o do “goiano corno” ou do “paraibano arretado”.

Exemplo 18

Diz que um gauchão estava montado em seu cavalo, conduzindo a tropa de gado pelos pampa, de uma estância para outra. Passando próximo à curva de um rio, ficou surpreso ao ver dois gaúchos, ambos de bombacha arreada, um comendo o outro. Diante daquela cena o gauchão perdeu a paciência:

- Mas que diabo, tchê!! - dando dois tiros pra cima - como se não bastasse a fama que tem este estado, os próprios gaúchos agora contribuem??!! Pois vou passar fogo nos dois!!!

O "gaúcho ativo", sem parar de fazer o que estava fazendo, responde:

- Tu não tá vendo que estou salvando a vida deste vivente aqui? - dando umas palmadinhas no traseiro do "gaúcho passivo".

- Mas como assim salvando a vida? com o trinta e oito ainda em punho.

- O vivente aqui tava se afogando (ainda fazendo o que estava fazendo).

O gauchão ficou meio ressabiado, cofiou a barba e finalmente argumentou:

- Mas se o infeliz tava se afogando, tu tinha que tirar ele da água, fazer uma massagem no peito, uma respiração boca a boca...

- E como é que tu acha que tudo começou, tchê?

Exemplo 19

O carioca visitando o interior encontra, parado na beira da estrada, um mineirinho, com seus porquinhos ao lado. E parando o carro, resolve tirar um sarro do mineirinho.

- Passeando com a família? Como é o nome desse porquinho aí do seu lado, compadre?

E o Mineirinho, sem tirar os olhos do fumo que tava pitando, respondeu:

- É Ocê!

- O rapaz sentiu o golpe, mas vendo uma porca que caminhava na direção deles ele teve uma saída genial:

- Aahhhn, sei... e aquela que vem lá, é a mãe d'Ocê, não é?

O caipira falou pausado:

- Não, sô moço... Aquilo ali nem porca é! Aquele ali é o pai d'Ocê. A mãe d'Ocê eu comi ontem!

Ora, os estereótipos se considerados em suas origens socioculturais, estão intimamente ligados aos mais profundos preconceitos das sociedades. E, assim como tais preconceitos, devem ser compreendidos à luz da História. Por exemplo, os estereótipos de “índio”, que o identifica pelo caráter de ser “preguiçoso” e, mais propriamente, o de negro, marcado pelo caráter da “malandragem”, entre outros traços preconceituosos que não vale nem a pena citar, decorrem obviamente do processo histórico de nossa colonização e, sobretudo, da escravidão e da passagem desta para a total exclusão social destes grupos. Não vamos nos estender nesta questão, pois se trata de um assunto que de forma alguma pode ser tratado com leviandade, mas interessa-nos frisar que, em nossa pesquisa, a frequência de ocorrência do tipo de piada racista, principalmente contra o negro, não foi tão expressivo quanto nossa experiência sociocultural nos informa. É de extrema relevância compreender isto. Ora, nosso *corpus* foi construído a partir de publicações de piadas em *sites* e revistas, como amostra do que se produz nos mais diversos meios sociais. Tal ausência de veiculação deve-se, primeiramente, à criminalização do racismo pelas leis brasileiras e, segundo pela crescente mudança cultural desencadeada pelos atuantes “movimentos de consciência negra”. Trata-se, portanto, de uma importante comprovação do caráter sociocultural da construção metonímica dos estereótipos, pois, ainda que um tipo bem marcado, tal estereótipo vem perdendo aceitação social e

frequência de ocorrência, o que, a longo prazo, pode determinar o seu esmaecimento como uma categoria semântica fortemente convencionalizada em nosso léxico.

O estereótipo do “caipira” (cf Apêndice) se firma quando as diferenças entre mundo rural e urbano também se acentuam. A visão progressista de nossa cultura, estampada até em nossa bandeira, passou a ser um traço marcante desde o início do período republicano. Com isto, o morador do interior dos estados passou a ser encarado pelo estereótipo do caipira. O interessante reside no fato de que, embora seja visto como atrasado com relação ao processo civilizatório, ele assume certo ar de herói da resistência cultural aos “modismos” e “modernismos”, guardião da sabedoria popular e do que há de mais originário em nossa cultura, isto é, a relação íntima com a terra, os animais e as plantas. Assim, o “caipira” pode parecer pouco instruído, mas tem uma inteligência genuína que lhe confere sagacidade, ou seja, é um “matuto”, como ilustra o exemplo 20:

Exemplo 20

O caipira acorado no barranco fica observando o engenheiro com o teodolito.

- Ô, sô dotor, prá que qui serve esse trem aí?
 - É que vamos passar uma estrada por aqui. Estou fazendo as medições.
 - E percisa desse negócio prá mode fazê a estrada?
 - Sim, precisa. Por quê? Vocês não usam isso pra fazer estradas não?
 - Ah, não! Aqui quando a gente quer fazê uma estrada, a gente sortia um burro e vai seguindo ele. Por onde o bicho passa, é o mió caminho pra se fazê a estrada...
 - Ahhn, que interessante - respondeu o engenheiro.
- E resolve dar uma gozada no mineirinho.
- Quer dizer que se não tiverem um burro vocês não fazem estrada?
 - Bão, se nós num tivé um burro, daí a gente pode chamá os engenheiro...

O estereótipo de “loira” que a identifica pelo seu caráter de “pouco inteligente” também tem origem cultural e, desta vez, ultrapassa as fronteiras nacionais. Não nos cabe a pretensão de afirmar sua origem histórica, mas é relevante o fato de que este estereótipo se viu reforçado com os filmes hollywoodianos, por exemplo, *Eles preferem as loiras* (1953), e suas divas, principalmente, Marilyn Monroe, que estampavam a figura da mulher-objeto, isto é,

muitos atributos físicos e poucos neurônios. Fossem coadjuvantes, *bond-girls* ou donzelas em perigo, estas personagens, que nem sempre eram de fato loiras, mas simplesmente bonitas, constituíram aos poucos o estereótipo da “loira burra”, muito freqüente nas mais diversas produções culturais, sobretudo piadas, mas também em produções cinematográficas atuais. Estes filmes fingem querer desconstruir o estereótipo afim de restituir a dignidade à loira, é o caso da comédia americana *Legalmente Loira* (2001), mas na verdade, o resultado é a reiteração do estereótipo.

Outro estereótipo que escapa às fronteiras brasileiras é o da “sogra” (cf Apêndice), marcado pelo sub-modelo ou caráter interacional. Parece ser o mais internacionalmente aceito, devido à alta freqüência com que é usado nas mais diversas culturas. De fato, existem piadas de sogra em países do Ocidente e do Oriente, cristãos, judeus ou muçulmanos. Na internet é possível encontrar trabalhos de várias partes do mundo estudando as relações entre sogra-genro/nora, como por exemplo, uma pesquisa sobre os *gisu* de Uganda, cuja idéia central defendida é a de que os conflitos têm origem na renúncia do amor e da sexualidade entre eles, que leva posteriormente ao ódio e a guerra⁸. Com isto, podemos inferir que a origem deste estereótipo é empírica, reside nas experiências mesmas de cada genro e/ou nora, e passa a ser recorrente porque é aceito.

Exemplo 21 (Espanha)

Una mujer que le dice a su marido:

- ¡Pepe! que tú no sabes lo que vale una mujer como mi madre!!!

Y el marido le contesta:

- ¡¡ Pero se lo que cuesta !!

(A piada tem mais impacto no original, pois "custar" em espanhol é "valer": "Cuanto vale?" é "Quanto custa?").

⁸ HEALD S. Joking and Avoidance, Hostility and Incest : An Essay on Gisu Moral Categories. **Man**: Royal Anthropological Institute, London, United Kingdom. 1990, vol. 25, n^o3, pp. 377-392. **Résumé** : Discussion de la signification des relations à plaisanterie et des relations d'évitement dans le contexte des relations de parenté chez les Gisu d'Ouganda. Leur rapport au discours moral. L'évitement caractérisant la relation gendre-belle-mère, et le fondement des relations à plaisanterie qui sont une renonciation à l'amour et à la sexualité dans le premier cas, à la haine et à la guerre dans le second. In <http://cat.inist.fr/?aModele=afficheN&cpsidt=6154394>

Exemplo 22 (França)

Quelle est la différence entre une tablette de chocolat et une belle-mère ?

La tablette de chocolat te constipe et ta belle-mère te fait chier.

Exemplo 23 (França)

Un mari et sa femme font les courses un samedi après midi:

- Chéri, c'est l'anniversaire de ma mère demain. Si on lui achetait un appareil électrique ?
- Bonne idée ! Qu'est-ce que tu penses d'une chaise?

Neste mesmo sentido, tem-se o estereótipo do menino levado conhecido por “Joãozinho” (cf Apêndice) aqui e em Portugal, com uma variação não muito frequente de “Juquinha”. Em vários outros países esta personagem estereotipada existe sob outras alcunhas: nos Estados Unidos é “Little Johnny”, “Jaimito” na Espanha, no México “Pepito”, na Rússia “Vovochka”, “Pepiček” na República Tcheca, na Itália “Pierino” e “Toto” na França. Há também, portanto, experiências individuais e coletivas, cotidianas, da esperteza de algumas crianças levadas que deram origem a esta personagem que passa a ser recorrente na língua e nas piadas, uma vez que é socialmente aceito.

Exemplo 24 (Espanha)

El profesor repartiendo las notas:

- Luisito un diez. Pedrito un ocho. Juanito un seis. Jaimito un cero.
- Oiga profesor, ¿Y por qué a mí un cero?
- Porque has copiado el examen de Pedrito.
- ¿Y usted cómo lo sabe?
- Porque las cuatro primeras preguntas, están iguales, y en la última pregunta Pedrito respondió: "Esa, no me la sé" y tu has puesto: "Yo tampoco".

Exemplo 25 (França)

Lors d'une leçon sur les rimes, la maîtresse demande à Toto de donner un exemple.

Toto dit alors :

- "Dimanche, je suis allé à la chasse aux grenouilles, et dans le ruisseau j'avais de l'eau jusqu'aux genoux."
- "Mais Toto, ça ne rime pas du tout."
- "C'est pas ma faute, y avait pas assez d'eau!"

Exemplo 26 (México)

Erase una vez que el profesor le pregunta a Pepito:

- ¿Como suena la M con la A?

Y Pepito le dijo:

- MA.

Y el profesor le dijo:

- Muy bien Pepito, ¿y si le colocas una tilde como suena?

Y Pepito dijo:

- MATILDE.

Exemplo 27 (Itália)

Pierino è in classe. La maestra domanda ad un suo amichetto una frase con il verbo mescere. Il bimbo risponde "il mio papà mesce l'acqua con il vino". Bravo, risponde la maestra e fa la domanda ad un altro bambino "mio papà è imbianchino e mesce la vernice con l'acqua prima di imbiancare" Bravo, risponde la maestra e fa la domanda a Pierino, e Pierino risponde "in estate la mia mamma mi mette i calzonni corti!" e allora domanda la maestra "ALLORA ...MESCE IL PISELLO DI FUORI.."

Exemplo 28(Estados Unidos)

The pastor was talking to a group of young children about being good and going to heaven. At the end of his talk, he asked, "Where do you want to go?"

"Heaven!" Suzy cried out.

"And what do you have to be to get there?" asked the preacher.

"Six feet under!", yelled Little Johnny.

O que a cultura entende como sendo desvio de conduta social, pela não observância de seus preceitos morais, isto é, pelo excesso, pelo vício ou pelo pecado, também é origem de uma série de estereótipos. A figura do “bêbado”, por exemplo, decorre da condenação que a moral inflige aos que ultrapassam os limites do consumo moderado de álcool, transformando um traço cultural em vício, da mesma forma, que o “gordo” com relação à comida. Neste sentido, vemos mais atualmente piadas de drogado, ainda que sua frequência de ocorrência não seja muito expressiva, por enquanto. A “prostituta”, o “político”, a “adúltera” e a sua contraparte, o “corno”, e até o “papagaio”, também passam pelo crivo do pecado e desvio moral. Paradoxalmente, os estereótipos do “padre”, “freira”, “pastor” e “religioso” se constituem da mesma forma.

Exemplo 29:

Uma freira visita uma amiga de infância:

- Nossa, mas que casa bonita você tem, seu emprego deve ser bom mesmo.
- Nada, foi um dos meus amantes que construiu pra mim.
- Que carrão, aquele ali, é seu?
- É sim, foi um outro amante que me deu.
- E aquele casaco de pele também?
- Esse também, junto com um anel de brilhantes maravilhoso.

Ao final da tarde, volta para o convento, impressionada. Quando cai a noite ouve bater em sua porta, ao que responde:

- Irmã Selma, é o padre Carlos!
- Some daqui, você e suas balinhas de menta!

Podemos verificar esta mesma origem para o estereótipo de “gay”, grupo social que, da década de 60 em diante, tornou-se cada vez mais visível à sociedade, passando assim a aumentar sua frequência de ocorrência no uso da língua, notadamente, nas piadas. Entretanto, pode haver um refreamento como no caso das piadas racistas, devido, sobretudo, à organização dos grupos de luta contra o preconceito e a discriminação pela opção sexual.

Um tipo bem entrincheirado de estereótipo é o de “pescador”. O caráter que emerge é a do sub-modelo moral, mais propriamente, imoral, posto que é identificado como mentiroso. Possivelmente, a exuberância da fauna aquática do Brasil, levou a muitos exagerar o tamanho dos peixes que realmente apanhavam em seus anzóis, porém trata-se de um tipo difícil de marcar sua origem sociocultural, mas cuja aceitação é inegável e a frequência de ocorrência bastante expressiva.

Há outros tantos estereótipos que têm origem na acentuação de alguma deficiência, por exemplo, o “louco” (cf Apêndice), “aleijado”, o “cego”, “surdo”, o “mudinho”, o “gago”, o “fanho”, o “velho”. E ainda aqueles que tomam as profissões por alguns padrões de conduta, por exemplo, o “militar”, o “policial”, o “advogado”, o “médico”, a “professorinha”, o “intelectual” entre outros.

Conforme pudemos verificar, cada uma das personagens apresentadas desperta em nós um *frame* conceptual próprio, que evidenciando alguns traços característicos

metonimicamente, e deixando outros à sombra, os projeta de forma que o produto final torne-se a imagem estereotipada que passamos a evocar a cada contexto apresentado nas diversas piadas. Esta capacidade cognitiva que detectamos por meio de dados lingüísticos, mais especificamente de estruturas macro-narrativas, havia sido anteriormente aludida nos estudos de Fauconnier e Turner que apresentamos no presente trabalho (cf seção 3.2.), e que segundo eles resulta de um engenhoso trabalho imaginativo da mente humana. É assim que os autores defendem que **tanto o caráter quanto o *frame* são instrumentos culturais cognitivos básicos**, e apresentam uma relação de mão dupla na qual tanto um caráter pode permanecer essencialmente o mesmo, em *frames* altamente distintos, quanto um *frame* pode permanecer essencialmente o mesmo ainda que povoado por caracteres diferentes. Verificamos esta relação nos dados que as piadas nos apresentaram, e como já analisado, observamos, por exemplo, o caráter epistêmico/cognitivo do português sempre em xeque, não importa o *frame* interacional no qual ele estivesse envolvido. O mesmo caráter, ainda que não da mesma forma, verificamos com a loira, o Joãozinho, o caipira...

Como já anunciamos, a Lingüística Cognitiva prevê, nos termos postos por Lakoff (1987) que nosso pensamento consciente é o topo de um enorme iceberg, de forma que, em sua maior parte, é inconsciente. Isto para tratar de algo não totalmente acessível à consciência, que opera tão rapidamente que não pode ser totalmente focalizado. Assim entenderemos as justificativas acima construídas, uma vez que estão diretamente relacionadas com nossa experiência individual e coletiva, histórica e cotidiana, social, cultural e até mesmo corporal. Verificamos que cada uma apresenta sua configuração sociocultural e histórica, nos tendo como agentes construtores destas configurações. Entretanto, embora agentes autores, responsáveis por elas, não as temos todas disponíveis a todo instante em nosso pensamento consciente; para compreender suas origens é preciso um esforço investigativo que não se

esgota neste trabalho posto que, como já dissemos, não é este o nosso objetivo. Cumpre-nos afirmar que não é necessário tal esforço para rir de uma piada.

De fato, em grande parte, talvez muitos desconheçam completamente estas possíveis origens ou razões. É, neste sentido, que as pesquisas de Michael Tomasello (2003) sobre a origem cultural da cognição humana nos auxiliam na análise de nosso objeto, sobretudo, suas teses acerca do mecanismo biológico da *transmissão social ou cultural*, que possibilitam uma economia de tempo, esforço e riscos, na exploração do conhecimento anteriormente elaborado. Como parte deste mecanismo não é exclusividade dos humanos, o autor propõe, então, que nossa espécie possui um tipo ou modo específico de transmissão cultural que, segundo ele, nos torna capazes tanto de transmitir, quanto de acumular informações e modificá-las ao longo do tempo. Este processo, que recebe o nome de *evolução cultural cumulativa*, segundo Tomasello (2003), é o responsável por muitas das mais impressionantes realizações cognitivas dos seres humanos.

Assim, as configurações metonímicas construídas representam um conhecimento que, acumulado, partilhado e distribuído, pode até mesmo tornar-se objeto de pesquisa acadêmica.

4.6 A guisa de conclusão

Buscar outras visadas é importante para um trabalho que entende que as fronteiras dos conhecimentos não são abismos, mas pontes. Neste sentido, buscar as origens, isto é, o que há de mais original ou inicial torna-se mister. Por esta razão, o livro *A Poética* de Aristóteles exerceu um papel fundamental em nossa pesquisa, a princípio por ser o primeiro questionamento acerca do nosso objeto de análise, mas, principalmente, por revelar características essenciais do cômico. A comédia, enquanto gênero dramático “digno de nota”, emerge de versos que eram usados para injuriar, destacando os defeitos das pessoas e seus

vícios, e empregava as máscaras (*persona*) para caracterizar as personagens e, sobretudo, suas personalidades. Hoje, nossas análises nos autorizam a dizer que **tal papel, pelo menos em parte** (considerados os outros múltiplos genros do humor), **é assumido pelos estereótipos nas piadas** que, em certa medida, ainda servem para injuriar e apontar os desvios morais.

A contribuição de Freud, no campo da psicanálise, também é um acréscimo relevante por ter tratado o tema do humor a partir de suas relações com a consciência/inconsciência, e por destacar o caráter subjetivo das construções conceptuais. Além disto, uma contribuição muito relevante em seu trabalho é a sua hipótese da economia psíquica, já que evidencia uma idéia de uma economia poupada. Em outros termos, estamos dizendo que não se trata de economizar no sentido de gastar pouco, mas sim no de guardar muito. As informações que acionamos, quando precisamos compreender um *frame*, são informações guardadas em uma “poupança mental”, num banco de idéias. O processo cognitivo necessário para compreendermos piadas refere-se a este banco de dados culturalmente armazenados acerca de cada *frame*. Quem não compreende uma piada é porque não poupou bem! Ou ainda não armazenou o suficiente, como talvez as crianças, ou pessoas que vão viver em outro país.

Esta economia também está associada à técnica de condensação, descrita por Freud, que *consiste em fundir numa só imagem dois ou mais elementos que possuem algo em comum, do que resulta uma espécie de tradução abreviada* (FREUD, 1905;57). Enquanto esta técnica busca fundir para gerar alívio ou economia na despesa psíquica, a Teoria da Integração Conceptual postula a compressão como forma de transformar o múltiplo em uno, tornar mais familiar o que é distante, e assim produzir a compreensão. Podemos ver nestas hipóteses uma convergência, uma vez que tanto uma quanto outra defendem a condensação, a compressão, a fusão de idéias para tornar algo mais acessível, mais familiar, mais fácil de compreender.

A partir da análise dos resultados obtidos, verificamos que as piadas são compreendidas porque acionamos, metonimicamente, o estereótipo das personagens, já armazenado ou entrincheirado, para efetivar o processo de integração conceptual, também denominado de mesclagem. Deste modo, está explicado aquilo que Sírio Possenti afirma acerca do fácil entendimento das piadas pelo uso dos estereótipos (POSSENTI, 1998:39), uma vez o *frame* acionado por meio de um estereótipo, estando armazenado, basta acessá-lo, que todas as informações necessárias para o entendimento da piada emergirão instantaneamente por meio de nossos complexos processos cognitivos. Vimos, então, que a ativação deste estereótipo se realiza por meio de um processamento metonímico que evoca uma subcategoria e a toma como a estrutura base da categoria geral.

5 CONCLUSÃO

La plus perdue de toutes les journées est celle où l'on n'a pas ri.
Chamfort

No final das contas, tudo é uma piada.
Charles Chaplin

Os resultados que obtivemos ao fim do trabalho nos conduzem a alguns ganhos analíticos que revelam, efetivamente, a relevância dos pressupostos teóricos da Linguística Cognitiva acerca de nosso objeto. É fato que nossa tarefa esbarrou em alguns percalços como a escassez de material ou trabalhos, no domínio específico ao qual nos propusemos, qual seja, o do discurso, encarado a partir da abordagem cognitivista. Acreditamos que isto se deve, em parte, ao fato de tal programa teórico ser ainda muito recente no cenário acadêmico, uma vez que sua constituição como tal remonta a apenas duas décadas. A outra razão dessa escassez reside na forte tradição dos estudos lingüístico de vincular suas questões ao domínio da frase. Nesse sentido, o domínio do discurso é ainda um amplo território a ser investigado pela Linguística Cognitiva.

Assim, diante da proposta de tentar contribuir para o avanço das pesquisas neste domínio, nosso trabalho acrescenta um novo ganho ao estudo de Fernandes (2006) acerca da constituição do padrão construcional do gênero 'piada'. A autora descreve o gênero piada como um padrão construcional, apresentando a estrutura composicional e os aspectos semânticos-pragmáticos que instituem esse gênero textual (cf seção X) . Assumindo a mesma perspectiva analítica, selecionamos o personagem da piada como objeto de nossa investigação.

Nosso trabalho buscou, portanto, verificar como as personagens que desencadeiam a ação na micro-narrativa da piada **se constituem estereotipicamente, qual é o seu papel na**

constituição prototípica desse gênero textual e **de que forma contribuem, portanto, para o efeito desejado que é fazer rir.**

Em termos sucintos, passamos a enumerar os ganhos analíticos de nossa pesquisa:

1. Confirmamos a hipótese de Lakoff, de que os estereótipos se constituem metonimicamente, de modo que um dos sub-modelos (PR) de um *frame* conceptual se impõe sobre os demais (ZA), para a formação do estereótipo de pessoa que será evocado nas diversas piadas;
2. Verificamos que, por se constituírem deste modo, os estereótipos cumprem a função de contribuir para o aspecto da brevidade das piadas, uma vez que “pouparam”, “economizam” informações, mas ao mesmo tempo acionam aquelas que são de fato relevantes para a narrativa;
3. Percebemos que o aspecto “entrincheirado” do estereótipo também possibilita um acionamento mais rápido da chave do enigma, o que contribui, de modo mais efetivo, para o efeito desejado pela piada, isto é, o riso;
4. Verificamos também que tais estereótipos são culturalmente constituídos e convencionalizados pelo uso reiterado;
5. Vimos, pois, que os estereótipos entrincheirados participam da configuração prototípica da estrutura composicional do gênero, estando necessariamente presentes nos “melhores exemplos” e participando do processo de significação, com papel determinante no alcance do efeito perlocutório desejável.

Em termos de ganhos teóricos que podem se configurar como possíveis contribuições à Hipótese Sociocognitiva, nossas conclusões reafirmam a dinamicidade dos processos cognitivos e ratificam a idéia de que a experiência de sujeitos encarnados social, cultural, histórica e corporalmente, constrói o conhecimento que acumulamos e partilhamos, sendo

alicerce fundamental à capacidade e à ação lingüística. Assim, contrariando a visão pré-concebida e estática do gênero humano e dos significados que constrói, vimos que os estereótipos são complexas construções cognitivas enraizadas na experiência sociocultural. Assim, nascem e, à medida que se tornam aceitos por seu grupo, passam a ser reiterados e vão-se tornando construções lingüísticas entrincheiradas. Do mesmo modo, se esquecidos ou vetados, podem perder a força de convencionalização.

Além disso, acreditamos que nossos achados fortalecem as premissas da mente literária e do poder projetivo e imaginativo da mente humana, que se processa por meio da integração de conceptualizações armazenadas individual e coletivamente. Neste sentido, verificamos a atuação das metonímias como um meio de categorização, armazenamento, e processamento do conhecimento, que nos possibilitam “guardar muito” sem, necessariamente, investir tudo, a todo momento.

Agora que se prenunciam as linhas que devem fechar, de preferência, com maestria, o nosso trabalho, voltamos ao que os filósofos dizem dever ser o primeiro passo de toda investigação, isto é, a procura da etimologia dos conceitos chave. Não vamos buscar como se compõem os termos e nos contradizer justo agora no final, mas compreender que cada *logos* - palavra e ao mesmo tempo idéia para os gregos - tem uma historicidade, que a explica na origem e nos diversos usos que puderam ter, como o que agora nos valem em nossa pesquisa.

O estereótipo ocupa uma posição central no nosso estudo e por esta razão, é por ele que nos interessa descobrir o que a etimologia nos ensina. A origem do radical é grega, vem de *stereos* que significa sólido, ou mais precisamente o que tem volume. Com isto, o aparelho estereoscópio é aquele que permite ver uma imagem em relevo, ou 3D como se diz, empregando a técnica de posicionar duas imagens a uma distância compatível com a existente entre os olhos. Tem-se um modo de ver a realidade representada com melhores contornos.

Assim, **estereótipo** deriva de uma técnica de tipografia, em que os caracteres são impressos pela aplicação sobre um tipo sólido, como um carimbo, e cujo nome técnico é *cliché* que, aportuguesado, virou clichê. Já a expressão “virar clichê” demonstra como o estereótipo saiu da tipografia para se tornar uma “fórmula banal, desprovida de originalidade”, isto exatamente porque, tanto se reiterava, que passou a assemelhar-se com os tipos sólidos usados para imprimir qualquer que fosse o texto, da Bíblia a um livreto de anedotas. Donde, estereotipado tornou-se o que se apresenta sempre da mesma forma, como o conhecimento que chamamos de senso comum.

Não é o que acontece, entretanto, com nosso trabalho que, investigando tudo isto, pretende ter alguma originalidade, e ser *stereos* no sentido original. Posto que não se pode confundir os termos, fosse “esteriótipo” e não estereótipo, o radical seria o latino *sterillis*, que significa o que não pode dar frutos ou gerar descendentes. Nossa situação atual de produtores (e geradora!) não nos deixa confundir. Nem mesmo o adjetivo esterilizada, livre de impurezas, cabe a uma investigação que buscou a origem de seu objeto, as piadas, entre seus primeiros construtores, que Aristóteles chamou de “homens de baixa inclinação” que se divertiam e aos outros, exatamente, com que era impuro.

Já que falamos em origem, há uma alocução latina que diz *vis comica*, a força do cômico ou o poder de fazer rir. Trata-se das palavras extraídas de um epigrama - que era uma poesia breve e satírica ou dito mordaz, isto é, uma piada mais chique - de César sobre Terêncio, citadas por Suetônio. A verdade é que, no original em latim, provavelmente o adjetivo *comica* não se referia a *vis*, mas a um substantivo que se seguia. O importante é que desta forma permaneceu e desta forma expressa uma de nossas conclusões. O humor é próprio do homem e é também uma de suas maiores potências, pois se trata de uma operação cognitiva que brinca com a própria cognição. Como o Aristóteles de Humberto Eco diz, o humor tem força e valor cognoscitivo, na medida em que nos desafia com os enigmas e

estratagemas que encerra. Além, é claro, do papel que cumpre nas relações sociais, ao corrigir os costumes rindo, como dizia na faixa do teatro do arlequim Dominique, a frase do poeta Santeul: *Castigat ridendo mores*.

Ad augusta per angusta, atingimos nossos resultados com não poucas dificuldades e antes que se pareça demais com o discurso de um recém-magistrado, vamos fechando nosso trabalho, mas sem encerrá-lo, pois como escreveu Horácio, *grammatici certant*, os “gramáticos” agora discutem, e no mesmo verso o poeta continua, *et adhuc sub iudice lis est*, o processo ainda está nas mãos do juiz. Então, parafraseando Augusto e Rabelais, relembramos as palavras com que anunciavam o fim de uma representação.

Acta est fabula.

A peça está encenada.

5 CONCLUSÃO

*La plus perdue de toutes les journées est celle où l'on n'a pas ri.
Chamfort*

*No final das contas, tudo é uma piada.
Charles Chaplin*

Os resultados que obtivemos ao fim do trabalho nos conduzem a alguns ganhos analíticos que revelam, efetivamente, a relevância dos pressupostos teóricos da Linguística Cognitiva acerca de nosso objeto. É fato que nossa tarefa esbarrou em alguns percalços como a escassez de material ou trabalhos, no domínio específico ao qual nos propusemos, qual seja, o do discurso, encarado a partir da abordagem cognitivista. Acreditamos que isto se deve, em parte, ao fato de tal programa teórico ser ainda muito recente no cenário acadêmico, uma vez que sua constituição como tal remonta a apenas duas décadas. A outra razão dessa escassez reside na forte tradição dos estudos lingüístico de vincular suas questões ao domínio da frase. Nesse sentido, o domínio do discurso é ainda um amplo território a ser investigado pela Linguística Cognitiva.

Assim, diante da proposta de tentar contribuir para o avanço das pesquisas neste domínio, nosso trabalho acrescenta um novo ganho ao estudo de Fernandes (2006) acerca da constituição do padrão construcional do gênero 'piada'. A autora descreve o gênero piada como um padrão construcional, apresentando a estrutura composicional e os aspectos semânticos-pragmáticos que instituem esse gênero textual (cf seção X) . Assumindo a mesma perspectiva analítica, selecionamos o personagem da piada como objeto de nossa investigação.

Nosso trabalho buscou, portanto, verificar como as personagens que desencadeiam a ação na micro-narrativa da piada **se constituem estereotipicamente, qual é o seu papel na**

constituição prototípica desse gênero textual e **de que forma contribuem, portanto, para o efeito desejado que é fazer rir.**

Em termos sucintos, passamos a enumerar os ganhos analíticos de nossa pesquisa:

1. Confirmamos a hipótese de Lakoff, de que os estereótipos se constituem metonimicamente, de modo que um dos sub-modelos (PR) de um *frame* conceptual se impõe sobre os demais (ZA), para a formação do estereótipo de pessoa que será evocado nas diversas piadas;
2. Verificamos que, por se constituírem deste modo, os estereótipos cumprem a função de contribuir para o aspecto da brevidade das piadas, uma vez que “pouparam”, “economizam” informações, mas ao mesmo tempo acionam aquelas que são de fato relevantes para a narrativa;
3. Percebemos que o aspecto “entrincheirado” do estereótipo também possibilita um acionamento mais rápido da chave do enigma, o que contribui, de modo mais efetivo, para o efeito desejado pela piada, isto é, o riso;
4. Verificamos também que tais estereótipos são culturalmente constituídos e convencionalizados pelo uso reiterado;
5. Vimos, pois, que os estereótipos entrincheirados participam da configuração prototípica da estrutura composicional do gênero, estando necessariamente presentes nos “melhores exemplos” e participando do processo de significação, com papel determinante no alcance do efeito perlocutório desejável.

Em termos de ganhos teóricos que podem se configurar como possíveis contribuições à Hipótese Sociocognitiva, nossas conclusões reafirmam a dinamicidade dos processos cognitivos e ratificam a idéia de que a experiência de sujeitos encarnados social, cultural, histórica e corporalmente, constrói o conhecimento que acumulamos e partilhamos, sendo

alicerce fundamental à capacidade e à ação lingüística. Assim, contrariando a visão pré-concebida e estática do gênero humano e dos significados que constrói, vimos que os estereótipos são complexas construções cognitivas enraizadas na experiência sociocultural. Assim, nascem e, à medida que se tornam aceitos por seu grupo, passam a ser reiterados e vão-se tornando construções lingüísticas entrincheiradas. Do mesmo modo, se esquecidos ou vetados, podem perder a força de convencionalização.

Além disso, acreditamos que nossos achados fortalecem as premissas da mente literária e do poder projetivo e imaginativo da mente humana, que se processa por meio da integração de conceptualizações armazenadas individual e coletivamente. Neste sentido, verificamos a atuação das metonímias como um meio de categorização, armazenamento, e processamento do conhecimento, que nos possibilitam “guardar muito” sem, necessariamente, investir tudo, a todo momento.

Agora que se prenunciam as linhas que devem fechar, de preferência, com maestria, o nosso trabalho, voltamos ao que os filósofos dizem dever ser o primeiro passo de toda investigação, isto é, a procura da etimologia dos conceitos chave. Não vamos buscar como se compõem os termos e nos contradizer justo agora no final, mas compreender que cada *logos* - palavra e ao mesmo tempo idéia para os gregos - tem uma historicidade, que a explica na origem e nos diversos usos que puderam ter, como o que agora nos valem em nossa pesquisa.

O estereótipo ocupa uma posição central no nosso estudo e por esta razão, é por ele que nos interessa descobrir o que a etimologia nos ensina. A origem do radical é grega, vem de *stereos* que significa sólido, ou mais precisamente o que tem volume. Com isto, o aparelho estereoscópio é aquele que permite ver uma imagem em relevo, ou 3D como se diz, empregando a técnica de posicionar duas imagens a uma distância compatível com a existente entre os olhos. Tem-se um modo de ver a realidade representada com melhores contornos.

Assim, **estereótipo** deriva de uma técnica de tipografia, em que os caracteres são impressos pela aplicação sobre um tipo sólido, como um carimbo, e cujo nome técnico é *cliché* que, aportuguesado, virou clichê. Já a expressão “virar clichê” demonstra como o estereótipo saiu da tipografia para se tornar uma “fórmula banal, desprovida de originalidade”, isto exatamente porque, tanto se reiterava, que passou a assemelhar-se com os tipos sólidos usados para imprimir qualquer que fosse o texto, da Bíblia a um livreto de anedotas. Donde, estereotipado tornou-se o que se apresenta sempre da mesma forma, como o conhecimento que chamamos de senso comum.

Não é o que acontece, entretanto, com nosso trabalho que, investigando tudo isto, pretende ter alguma originalidade, e ser *stereos* no sentido original. Posto que não se pode confundir os termos, fosse “esteriótipo” e não estereótipo, o radical seria o latino *sterillis*, que significa o que não pode dar frutos ou gerar descendentes. Nossa situação atual de produtores (e geradora!) não nos deixa confundir. Nem mesmo o adjetivo esterilizada, livre de impurezas, cabe a uma investigação que buscou a origem de seu objeto, as piadas, entre seus primeiros construtores, que Aristóteles chamou de “homens de baixa inclinação” que se divertiam e aos outros, exatamente, com que era impuro.

Já que falamos em origem, há uma alocução latina que diz *vis comica*, a força do cômico ou o poder de fazer rir. Trata-se das palavras extraídas de um epigrama - que era uma poesia breve e satírica ou dito mordaz, isto é, uma piada mais chique - de César sobre Terêncio, citadas por Suetônio. A verdade é que, no original em latim, provavelmente o adjetivo *comica* não se referia a *vis*, mas a um substantivo que se seguia. O importante é que desta forma permaneceu e desta forma expressa uma de nossas conclusões. O humor é próprio do homem e é também uma de suas maiores potências, pois se trata de uma operação cognitiva que brinca com a própria cognição. Como o Aristóteles de Humberto Eco diz, o humor tem força e valor cognoscitivo, na medida em que nos desafia com os enigmas e

estratagemas que encerra. Além, é claro, do papel que cumpre nas relações sociais, ao corrigir os costumes rindo, como dizia na faixa do teatro do arlequim Dominique, a frase do poeta Santeul: *Castigat ridendo mores*.

Ad augusta per angusta, atingimos nossos resultados com não poucas dificuldades e antes que se pareça demais com o discurso de um recém-magistrado, vamos fechando nosso trabalho, mas sem encerrá-lo, pois como escreveu Horácio, *grammatici certant*, os “gramáticos” agora discutem, e no mesmo verso o poeta continua, *et adhuc sub iudice lis est*, o processo ainda está nas mãos do juiz. Então, parafraseando Augusto e Rabelais, relembramos as palavras com que anunciavam o fim de uma representação.

Acta est fabula.

A peça está encenada.

BIBLIOGRAFIA

ARISTÓTELES, **Poética**. Tradução de Eudoro de Sousa. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Os pensadores)

BOTELHO, Laura. **Construções agentivas em x-eiro, uma rede metafórica**. Dissertação de Mestrado em Linguística, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2004.

CARMO, Crysna Bonjardim da Silva. **A configuração da rede de construções dos agentivos denominais x-ista: uma abordagem sociocognitivista**. Dissertação de Mestrado em Linguística, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2005.

CHOMBSKY, N. **Aspectos da Teoria da Linguagem**. Trad. Meirelles, J. A. e Raposo, Ed. Coimbra, Portugal, Portugal. Título original: Aspects of the theory of syntax. Cambridge, Massachussetts, 1965.

CLARK, H. H. **Using Language**, Cambridge : Cambridge University Press. In: Cadernos de Tradução, Porto Alegre, nº 9, p 49-69, 2000 [1996].

CROFT, Willian and CRUSE, Alan. The usage-based model. In: _____. **Cognitive approaches to grammatical form**. Cambridge: University Cambridge Press, 2004. 291-327.

CUNHA, Celso & CINTRA, Lindsay. **Nova gramática do português contemporânea**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1985.

DURANTI, A., GOODWIN, C. (eds). **Rethinking context: language as an interactive phenomenon**. Cambridge : Cambridge University Press, 1992.

FAUCONNIER, Gilles. **Mental Spaces: aspects of meaning construction in natural language**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994

_____. **Mappings in Thought and Language**. Cambridge University Press, 1997.

FAUCONNIER, Gilles, TURNER, Mark. Conceptual Integration Networks. In: **Cognitive Science**, 22(2), 133-187, 1998.

_____. **The way we think**. Conceptual Blending and the Mind's Hidden Complexities. New York: Basic Books, 2002.

FERNADES, Glauce Soares. **Uma abordagem construcional dos gêneros textuais – o caso do gênero ‘piada’**. Dissertação de mestrado em Linguística, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2006.

FERNANDINO, Helena Maciel. **As expressões Comparativas Hiperbólicas idiomáticas: uma abordagem sociocognitivista**. Dissertação de Mestrado em Linguística, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2003.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2ª ed. 1986

FERREIRA, Maristela da Silva. **Buscar menino no colégio, pular carnaval na Bahia, e, ainda por cima, jogar lenha na fogueira: Retomada de um diálogo sobre a questão da geratividade na linguagem..** Dissertação de Mestrado em Linguística, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2005.

FILLMORE, C. J. **Innocence: a second idealization for linguistics**. Proceedings of the Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society. University of California, Berkeley. 1979. (mimeo)

FREUD, Sigmund. **Os Chistes e sua Relação com o Inconsciente**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, [1905].

_____. **Cinco Lições de Psicanálise**; Vida e Obra. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Os Pensadores)

ECO, Humberto. **O Nome da Rosa**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1986. [1980] (Biblioteca Moderna)

GOLDBERG, Adele. **Constructions: a construction grammar approach to argument structure**. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

ILARI, R. **Introdução à semântica**. São Paulo: Contexto, 2001.

JACKENDOFF, Ray. **Foundations of Language**. New York: Oxford University Press, 2002.

JESUS, Izabel T. **As construções condicionais universais proverbiais**: uma abordagem sociocognitiva. Dissertação de Mestrado em Linguística, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2003.

JOHNSON, Mark. **The body in the mind**. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, George. **Women, fire, and dangerous things**: what categories reveal about the mind. Chicago: The University of Chicago Press, 1990.

_____; JOHNSON, Mark. **Metáforas da vida cotidiana**. São Paulo: Mercado de Letras, 2002.

_____. **Philosophy in the flesh**: the embodied mind and its challenge to western thought. New York: The Basic Books, 1999.

MIRANDA, Neusa. Salim. **Agentivos deverbiais e denominais: um estudo da produtividade lexical**. Dissertação de Mestrado em Linguística, Rio de Janeiro: UFRJ, 1979.

_____. **Domínios conceptuais e projeções entre domínios:** uma introdução ao Modelo dos Espaços Mentais. In: Veredas, v. 3, Juiz de Fora: EDUFJF, 1999.

_____. **A Gramática das construções na constituição do léxico,** Projeto de Pesquisa do CNPq, UFJF, 2003.

_____. **A Gramática das construções na constituição do léxico.** In: II Conferência de Lingüística e Cognição, UFJF, abril de 2004.

_____. **Anotações de curso:** Tópicos avançados em Cognição e Gramática, 2004.

_____ et al. A mesclagem como processo de significação no discurso humorístico. In: **Revista Principia;** v. 9, 2004. 219-237.

MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (orgs.) **Introdução a Lingüística: domínios e fronteiras,** v. 2, 3. Ed. São Paulo: Cortez, 2003.

POSSENTI, Sírio. **Os Humores da Língua.** Campinas: Mercado das Letras, 1998.

PINKER, S. **O instinto da linguagem: como a mente cria a linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 2002.

PULHIESI, Jackeline A. **Reflexividade e desreflexivização no Português do Brasil:** a abordagem sociocognitiva sobre a Linguagem. Dissertação de Mestrado em Lingüística, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2004.

REDDY, M. **The conduit metaphor:** a case of frame conflict in our language about language. In: Cadernos de Tradução, nº 9, Porto Alegre, 2000 [1979].

SALOMÃO, Maria Margarida Martins. A questão da construção do sentido e a revisão da agenda dos estudos da linguagem. **Veredas**, v.2, Juiz de Fora: EDUFJF, 1999.

_____. **Anotações de curso**: Tópicos avançados em Linguagem e Cognição, Juiz de Fora, UFJF, 2005.

_____. Estruturas argumentais no Português do Brasil: uma explicação sociocognitiva das relações gramaticais. Projeto Integrado de Pesquisa, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2004. **Veredas**, v.4, Juiz de Fora: EDUFJF, 1999.

_____. **Espaços mentais e a gramaticalização das representações espaço-temporais em Português**. Projeto Integrado de Pesquisa. UFJF/CNPq, 1996.

_____. Gramática das Construções: a questão da integração entre sintaxe e léxico. In: **Veredas**, Juiz de Fora: EDUFJF, v.6, n. 1., jul./dez., 1997.

_____. Gramática e interação: o enquadre programático da hipótese sociocognitiva sobre a linguagem. **Veredas**, v.1, Juiz de Fora: EDUFJF, 1997.

_____. **Construções no Português do Brasil**: integração conceptual na sintaxe e no léxico. Projeto integrado: UFJF/UFRJ, 2002

_____. **O processo cognitivo da mesclagem na análise lingüística do discurso**. Projeto Integrado de Pesquisa. Juiz de Fora: UFJF/UERJ/UFRJ, 1999.

SAUSSURE, F. **Curso de Lingüística Geral**. São Paula: Cutrix, 1971 [1915].

SILVA, Augusto Soares. O poder cognitivo da metáfora e da metonímia. In. **Revista Portuguesa de Humanidades**, Braga, vol. VII, 2003, 13-75.

TOMASELLO, M. **A origem cultural do conhecimento humano**. São Paulo: Martins Fontes editora, [1999] 2003.

TORRENT, Tiago Timponi. **O homem vai botar uma casa para mim morar: uma abordagem sociocognitiva e diacrônica da construção de dativo com infinitivo**. Dissertação de mestrado em Lingüística, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2005.

TORRES, R. C. W. **A personificação no texto acadêmico formal: uma abordagem cognitivista**. Dissertação de Mestrado em Lingüística. Universidade Federal de Juiz de Fora, 2003.

TURNER, Mark. **The literary mind**. New York: Oxford University Press, 1996.

WEEDWOOD, Bárbara. **História concisa da Lingüística**. São Paulo: Parábola, 2002.

APÊNDICE – Outros estereótipos como padrões construcionais do gênero piada

*Le rire est le meilleur désinfectant du foie.
Malcolm de Chazal*

1. Os frames conceptuais de outros estereótipos

a) Louco

*Num manicômio, um indivíduo vai visitar um parente afastado e aparece-lhe, ao fundo do corredor, um maluco com uma faca na mão. O homem entra em pânico e começa a correr. O homem correu, correu, até que chegou a um sítio onde não tinha mais saída. O maluco encosta-lhe a faca ao pescoço e diz-lhe:
- Agora,... tome lá a faca e corra você atrás de mim!*

“Caráter étnico e físico”: não tem padrão étnico marcado nem físico, entretanto, sua aparência transmite sua identidade tresloucada uma vez que foge a normalidade, seja nas vestimentas ou partes do corpo como cabelo desorganizado, olhos esbugalhados...

“Caráter moral/deontológico/volucional”: por ser louco, não tem consciência de regras morais, assim seu comportamento amoral é imprevisível, bem como seus desejos e vontades, embora estas podem se manifestar como manias decorrentes de sua loucura.

“Caráter cognitivo/epistêmico”: devido a loucura é incapaz de pensar, racionar, ponderar, duvidar, fazer avaliações e estimativas, generalizar, imaginar, discernir, comparar, levantar questões e procurar respostas para elas, **com lucidez**. Suas atividades cognitivas e epistêmicas provocam a dissensão.

“Caráter interacional/sócio-cultural”: o louco é um paira da sociedade e de seus parâmetros interacionais e sócio culturais, vivendo muitas vezes em instituições especiais, afastado do convívio com os outros. Há também a figura do “louco do bairro”, isto é, um

deficiente mental que vive numa determinada comunidade, que ora o acolhe, o suporta ou o rejeita.

“Caráter lingüístico”: alguns loucos tem dificuldades comunicativas, porém estas se dão mais pela confusão de idéias do que por distúrbios da fala.

“Caráter psico-emocional”: o caráter marcante do louco se revela exatamente pelos seus distúrbios de origens psicológicas e mentais, o que se reflete no seu emocional, que ele talvez sinta e certamente transmite de maneira incongruente.

b) Caipira

No ônibus...

_ Passagem, por favor.

_ Num tem não senhor.

_ O bilhete da passagem.

_ Um papelim amarelim?

_ É sim senhor!

_ Pitei!

“Caráter étnico e físico”: o caipira representa o povo habitante de áreas rurais (roça), notadamente o interior dos estados. Por esta razão, aparece como “atrasado” no processo civilizatório. Seu físico, geralmente, é franzino, sugado pelos trabalhos no campo, representado pela figura de uma pessoa com roupas surradas e rotas, calças e camisas dobradas, pés descalços, chapéu de palha, com um capim ou cigarro de palha na boca.

“Caráter moral/deôntico/volucional”: o caipira leva, uma vida simples do homem do campo, e por isso, é, em certa medida, conservador, avesso a tendências “modernistas”. Não almeja muitas coisas, a não ser aquilo que é relativo aos seus costumes, como por exemplo, as comidas típicas. Seu maior desejo é o sossego, o que também caracteriza seu pouco apego a bens materiais.

“Caráter cognitivo/epistêmico”: a grande marca do caipira é a sagacidade com a qual resolve suas questões, tendo sempre uma resposta na “ponta da língua”. Embora não tenha um conhecimento do mundo moderno, urbanizado e tecnológico, é um grande detentor da “sabedoria popular” e da cultura do senso comum, sobretudo no que diz respeito à natureza e as “coisas do campo”.

“Caráter interacional/sócio-cultural”: o caipira é identificado por ter uma bagagem cultural diferenciada do homem da “cidade”, sendo rural nos hábitos, costumes e trabalho. Pacato, e às vezes até ingênuo, nas suas relações sociais evita conflitos, mas, quando provocado, não “leva desaforo para casa”.

“Caráter lingüístico”: o caipira apresenta um lingajar próprio do homem do campo, uma fala arrastada, com um vocabulário marcado por itens lexicais, como por exemplo: uai, sô, ocê, cumadi, entre outros. Seu sotaque também é utilizado como marca para identificá-lo.

“Caráter psico-emocional”: o temperamento do caipira é marcado pela calma, sem a pressa do homem da cidade, o que o torna um homem centrado, pacato, que não demonstra fortes emoções.

c) Joãozinho

*O professor interroga Joãozinho:
- Joãozinho, por que o seu trabalho sobre o leite tem apenas algumas linhas, enquanto seus colegas escreveram páginas?
- É que eu escrevi sobre o leite condensado, professor!*

“Caráter étnico e físico”: Joãozinho é uma criança com idade escolar do ensino fundamental. Não tem características étnicas ou físicas marcadas.

“Caráter moral/deôntico/volucional”: como criança, Joãozinho está aprendendo os preceitos morais, entretanto, seu maior desejo é perverter ou quebrar os mesmos, com intuito de se dar bem, de fazer gozação ou zombaria com os adultos ou escapar de enrascadas.

“Caráter cognitivo/epistêmico”: mais do que conteúdos específicos ou conhecimentos extensos, a sabedoria de Joãozinho reside na sua esperteza que se traduz na habilidade cognitiva de criar e sair de confusões.

“Caráter interacional/sócio-cultural”: levado, Joãozinho está sempre pronto para criar situações embaraçosas e fazer as mais diversas travessuras. Por isso, em suas interações sociais, os outros guardam sempre uma posição de desconfiança, mesmo assim, invariavelmente se vêem surpreendidos.

“Caráter lingüístico”: a não ser pela habilidade com o rápido jogo de palavras, não há marcas específicas neste caráter.

“Caráter psico-emocional”: Joãozinho se apresenta como uma criança com certa hiperatividade, o que explica a sua dificuldade em se acomodar nas diversas circunstâncias sociais em que se encontre. Isto contrasta entretanto, com o auto-controle emocional que demonstra em cada uma delas.

d) Sogra

A garota chega para mãe reclamando do ceticismo no namorado.

- Mãe, o Mário diz que não acredita em inferno!

- Case-se com ele, minha filha, e deixe comigo que eu o farei acreditar!

“Caráter étnico e físico”: por sogra se compreende uma mulher pela relação de parentesco que guarda com o esposo de sua filha ou esposa de seu filho. Não importa sua aparência física, nesta relação é vista como “velha agorenta, megera ou bruxa”.

“Caráter moral/deôntico/volucional”: guarda um único preceito moral, qual seja, proteger seus filhos, mesmo que a despeito de todos os outros. Desta forma, seu maior desejo é “infernizar a vida daquele(a)” que lhe tomou o filho(a), com a licença moral de que é para o bem dele(a).

“Caráter cognitivo/epistêmico”: não encontramos no corpus marcas relevantes.

“Caráter interacional/sócio-cultural”: eminentemente conflitiva nas suas relações sociais e interacionais com o genro/nora.

“Caráter lingüístico”: não encontramos no corpus marcas relevantes.

“Caráter psico-emocional”: a sogra apresenta um ciúme desmedido pelo filho(a), do qual desencadeia um ódio, pelo genro/nora, acaba sendo recíproco. Estas emoções a tornam, muitas vezes, uma mulher fria e calculista em suas maldades, bem como vítima de tantas outras, pela sua contraparte.

2. Constituição metonímica destes estereótipos

A constituição metonímica destes estereótipos também seguem o modelo PARTE PELO TODO. No caso do louco, o caráter psico-emocional tem um relevo acentuado entre os demais, de modo que, nas piadas, ele é identificado como uma pessoa que age, se veste, fala e interage com o mundo e com as outras pessoas influenciado pelo estado psicológico que lhe é inerente. Nos *frames* interacionais elaborados a cada vez, o estereótipo de louco, o novo *frame* entrincheirado que emerge, evoca uma personagem que por sua completa falta de lucidez, é capaz de cometer os atos mais insanos e improváveis.

Já na constituição metonímica do estereótipo do caipira, o seu caráter cognitivo/epistêmico é o mais relevante nos *frames* interacionais das piadas. Embora os demais submodelos, ou caráter, sejam bem marcados, isto é, o fato de se tratar de uma pessoa do campo, portanto, não afeto ao progresso atribuído ao mundo urbano, o mais saliente entretanto, reside no fato de ele compensar isto com uma sabedoria e sagacidade que lhe são próprias. Assim, o caipira tem sempre uma resposta na “ponta da língua”, ou uma solução nem sempre convencional, para se sair bem de todas as situações nas quais se encontra.

No estereótipo de “Joãozinho” é também o caráter cognitivo/epistêmico que se destaca entre os demais. Embora os outros também estejam bem marcados, trata-se de uma criança, bastante levada e que gosta de causar constrangimento aos adultos, o que o identifica nas piadas e provoca o riso, é a sua esperteza para criar e sair de confusões.

Por fim, dentre tantos outros personagens estereotipadas que poderíamos analisar, no caso da sogra, o seu caráter interacional é mais saliente do que os demais, ou seja, trata-se de uma mulher que está em permanente conflito com o genro / nora por conta de sua implicância que a leva a cometer mais completos desatinos e por isso, não é bem quista e se vê, muitas vezes, em situações desagradáveis. Em outras palavras, dentro do *frame* de sogra se constitui metonimicamente um novo *frame* entrincheirado, o estereotipo da sogra chata, que será acionado em cada piada

3. A relação entre *frames* interacionais e a estabilidade do estereótipo nas piadas

Para verificar a estabilidade do estereótipo, conforme vimos na seção 4.2.3, devemos submetê-lo a diferentes *frames* interacionais, de modo a perceber se o caráter que o constitui

metonimicamente, é de fato reiterado a ponto de torná-lo um *frame* entrincheirado. Este passo analítico cresce de importância a medida que permite comprovar a hipótese de que o entrincheiramento das personagens é uma das razões que fazem com que o processo de significação nas piadas tenha a rapidez que o gênero necessita, dado que condensa uma série de informações suscitadas de uma só vez.

A reiteração do caráter psico-emocional que se projeta sobre os outros no processo metonímico de constituição do estereótipo do louco pode ser verificada nos casos abaixo (Exemplos 1, 2, 3), tornando-o ator de atos e pensamentos os mais incoerentes, que revela seus distúrbios de origens psicológicas e mentais.

Exemplo 1:

- Que é isso na testa? Pergunta o médico.
- Uma mordida, responde o louco.
- Mordida? Na testa?
- É.
- Mas quem foi que te mordeu?
- Eu mesmo.
- Você? Como foi que você fez?
- Subi num banquinho, ué!

Exemplo 2:

Dois loucos estavam doidos para fugir do hospício e o mais inteligente deles apresentou um plano: - Vamos fugir pelo buraco da fechadura!

- Genial! - comemorou o outro. – Você passa primeiro e eu te sigo!

O louco tomou distância, correu em direção da porta e ploft! Bateu de cabeça na porta. Furioso e sentindo a dor da pancada, ele reclama:

- Droga! Deixaram a chave no buraco!

Exemplo 3:

Três loucos vão fazer o exame mensal para ver se já podem receber alta. O médico pergunta ao primeiro deles:

- Quanto é 2+2?
- 72 - responde ele.

O doutor balança a cabeça como quem diz "Esse não tem mais jeito" e virando-se para o segundo, repete a pergunta:

- Quanto é 2+2?

- Terça-feira - responde o segundo.
- Desanimado, o médico vira-se para o terceiro louco:
- Quanto é 2+2?
 - É quatro, doutor! - responde ele, com firmeza.
 - Parabéns, você acertou! Como você chegou a essa conclusão?
 - Foi fácil! Me baseei nas respostas dos meus amigos: 72 menos terça-feira dá 4!

Exemplo 4

No pátio do manicômio:

- Qual é o seu nome? – pergunta um louco a uma colega.
 - Sei lá, me esqueci... e o seu?
 - Também esqueci!
- Puxa, então somos xarás!

Da mesma forma, o caráter cognitivo-epistêmico que se destaca para a formação do estereótipo de caipira pode ser atestado nos casos que seguem (Exemplos 5, 6, 7 e 8), em que ele demonstra sempre sua sabedoria de homem simples do campo e sua sagacidade, não importando o *frame* interacional suscitado.

Exemplo 5

O caipira chega na cidade louco pra encontrar a zona boêmia. Vai pensando a quem poderia pedir este tipo de informação sem causar um escândalo. De noite, rua vazia...ninguém para perguntar. Nisso encontra com um padre e pergunta:

- Bença, padre! Onde é que fica a igreja?
- Fica a duas quadras daqui, meu filho.
- Nossa, padre! Pertinho da zona!
- Não, meu filho! A zona fica ali do outro lado...

Exemplo 6

Caipira chegou no Rio e tinha que ir ao médico. Aí, quando disseram o preço da consulta, ele quase caiu da cadeira.

- Como é que eu vou fazer?

O compadre, que já morava no Rio há mais tempo, falou para ele que conhecia um médico que cobrava a metade dos outros. E com uma vantagem: na segunda vez que o cliente voltava lá, ele aí cobrava a metade da metade. Mineirinho não teve dúvida. Foi a este médico. E foi chegando e dizendo:

- Bom dia, doutor. Sou eu, de novo!

Exemplo 7:

O mineirinho acorrido no barranco fica observando o engenheiro com o teodolito.

- Ô, sô dotor, prá que qui serve esse trem aí?

- É que vamos passar uma estrada por aqui. Estou fazendo as medições.
 - E precisa desse negócio prá mode fazê a estrada?
 - Sim, precisa. Por quê? Vocês não usam isso pra fazer estradas não?
 - Ah, não! Aqui quando a gente quer fazê uma estrada, a gente sortia um burro e vai seguindo ele. Por onde o bicho passa, é o mió caminho pra se fazê a estrada...
 - Ahhn, que interessante - respondeu o engenheiro.
- E resolve dar uma gozada no mineirinho.
- Quer dizer que se não tiverem um burro vocês não fazem estrada?
 - Bão, se nós num tivé um burro, daí a gente pode chamá os engenheiro...

Exemplo 8:

O cara da cidade grande visitando o interior encontra, parado na beira da estrada, um mineirinho, com seus porquinhos ao lado. E parando o carro, resolve tirar um sarro do mineirinho.

- Passeando com a família? Como é o nome desse porquinho aí do seu lado, compadre?
- E o Mineirinho, sem tirar os olhos do fumo que tava pitando, respondeu:
- É Ocê!
 - O rapaz sentiu o golpe, mas vendo uma porca que caminhava na direção deles ele teve uma saída genial:
 - Aahhhn, sei... e aquela que vem lá, é a mãe d'Ocê, não é?
- O caipira falou pausado:
- Não, sô moço... Aquilo ali nem porca é! Aquele ali é o pai d'Ocê. A mãe d'Ocê eu comi ontem!

O caráter cognitivo/epistêmico também se destaca na constituição metonímica do estereótipo de Joãozinho, mas para destacar o caráter de esperteza do menino levado que causa aborrecimentos e constrangimentos aos adultos, criando e saindo bem das mais diversas confusões, como as que se apresentam pelos *frames* interacionais evocados nos exemplos 9, 10, 11, 12, a seguir.

Exemplo 9

Joãozinho entra na loja de eletrodomésticos e aborda um vendedor:

- O senhor tem televisão colorida?
- Temos sim, senhor!
- Então, me dá uma amarela!

Exemplo 10

Um professor pede aos alunos que escrevam uma redação sobre o tema: “Se eu fosse diretor de uma empresa”. Todos começam a escrever, exceto um:

- Menino Joãozinho, por que não começa a escrever?
- Estou à espera da minha secretária, professor.

Exemplo 11

A professora pergunta ao Joãozinho:

- Quantos ovos uma galinha põe por dia?
- Não sei, fessora.

E com ironia ela diz:

- Te peguei.

Ele também faz uma pergunta:

- Fessora, quantas tetas tem uma porca?
- Não sei.
- Viu, você me pega pelos ovos, que eu te pego pelas tetas!!!

Exemplo 12

Joãozinho, bem pequeno ainda, discutiu com a mãe. Ficou furioso. Descontrolou-se.

- Sua filha da puta! - disse ele.
- O QUÊ??? QUEM É FILHA DA PUTA SEU...?

E o Joãozinho meio assustado, meio arrependido abraça carinhosamente as pernas da mãe e diz quase a chorar:

- Sou eu, mãezinha. Sou eu.

A estabilidade do caráter que se destaca para a formação metonímica do estereótipo de sogra também se verifica nos distintos *frame* interacionais das piadas abaixo (Exemplos 13, 14, 15, 16). Nelas, o caráter interacional/sócio cultural que define a sogra chata pelo conflito com seu genro/nora - do qual ora sai ganhando, ora sai perdendo - se mantém, revelando por vez o quanto é implicante e o quanto é mal quista.

Exemplo 13

Antes do casamento, a mãe da noiva chega ao futuro genro e pergunta:

- Você pode sustentar uma família?
- É claro – responde o rapaz.
- Que bom – diz a velha. – Comigo são nove pessoas.

Exemplo 14

O sujeito abre a porta e dá de cara com a sogra.

- Olá, sogrinha! - cumprimenta ele, fingindo satisfação - Que bom que a senhora veio nos visitar.

Então ele percebe que ela está com uma maleta nas mãos.

- Quanto tempo a senhora pretende ficar com a gente? - pergunta, preocupado.
- Ah! Acho que até vocês se cansarem de mim!
- Sério mesmo? Não vai nem tomar um cafezinho?

Exemplo 15

O sujeito vai na delegacia reclamar do desaparecimento de sua sogra.

- E quando foi que vocês notaram que ela tinha desaparecido? - pergunta-lhe o delegado.
- Já faz umas duas semanas!
- Duas semanas?! E só agora o senhor vem pedir ajuda da polícia?
- Pois é, seu delegado! Eu custei a acreditar que minha sorte fosse durar tanto!

Exemplo 16

O cara chega pro amigo e fala:

- Minha sogra morreu e agora fiquei em dúvida, não sei se vou trabalhar ou se vou pro enterro dela... O que é que você acha?
- E o amigo:
- Primeiro o trabalho, depois a diversão!!!